

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – CURSO DE MESTRADO**

**CARLA RUBINO**

**DIFUSÃO DA FÉ E SUA MOBILIDADE RELIGIOSA EM MARINGÁ: 1947 a 2010**

**Maringá, março de 2010**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – CURSO DE MESTRADO**

**CARLA RUBINO**

**DIFUSÃO DA FÉ E SUA MOBILIDADE RELIGIOSA EM MARINGÁ: 1947 a 2010**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Mendes Rocha

**Maringá, março de 2010**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

R896t Rubino, Carla  
Difusão da fé e sua mobilidade religiosa em Maringá  
: 1947 a 2010. / Carla Rubino. -- Maringá, 2010.  
126 f. : il. color., figs., tabs., grafs., mapas

Orientador : Prof. Dr. Márcio Mendes Rocha.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Maringá, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2010.

1. Geografia da religião. 2. Religião - Maringá,  
PR. 3. Mobilidade cultural. 4. Territorialidade do  
sagrado. 5. Templos religiosos - Maringá, PR. I.  
Rocha, Márcio Mendes, orient. II. Universidade  
Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em  
Geografia. III. Título.

CDD 21.ed. 910.1271

**CARLA RUBINO**

**DIFUSÃO DA FÉ E SUA MOBILIDADE RELIGIOSA EM MARINGÁ: 1947 a 2010**

Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, área de concentração: Análise Regional e Ambiental

Aprovada em **20 de maio de 2010**

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Márcio Mendes Rocha**

**Orientador – Presidente**

**Universidade Estadual de Maringá**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Ramos de Andrade – UEM**

**Membro convidado**

**Universidade Estadual de Maringá**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zeny Rosendahl - UERJ**

**Membro convidado**

**Universidade Estadual do Rio de Janeiro**

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a meus pais,  
José e Aparecida,  
Que em sua simplicidade, compreenderam os  
Momentos difíceis...*

*Aos meus irmãos,  
Cristina e Igor José,  
Mesmo desconhecendo o teor desse estudo  
Contribuíram grandemente em sua realização...*

*Aos amigos João, Rose e filhas,  
Pelo incentivo nos momentos de desânimo...*

*À Cristiano,  
Pelo apoio durante esse período...*

## **AGRADECIMENTOS**

*Ao Deus da vida,  
Quem inspirou, iluminou e acompanhou no  
Desenvolver desse trabalho...*

*Agradeço ao professor e orientador  
Márcio Mendes Rocha,  
Ao aceitar o desafio de trabalharmos com tema inovador...*

*Aos demais professores e colegas de caminhada  
Que colaboraram para a chegada deste momento...*

## EPÍGRAFE

*a sabedoria é radiante, não fenece,  
facilmente é contemplada  
por aqueles que a amam  
e se deixa encontrar  
por aqueles que a buscam.  
ela mesma se dá a conhecer  
aos que a desejam.  
quem por ela madruga  
não se cansa:  
encontra-a sentada à porta.*

*(sabedoria de salomão 6, 12-14)*

## SUMÁRIO

1. COMPREENDENDO OS ESTUDOS RELIGIOSOS EM GEOGRAFIA .....	19
1.1. Abordagem Cultural Religiosa: Breves Considerações .....	20
1.2. A Evolução do Pensamento Geográfico .....	22
1.2.1. Geografia se Sistematiza na Alemanha .....	23
1.2.2. A Geografia Humana Francesa .....	27
1.2.3. Geografia Cultural Americana .....	31
1.2.4. Geografia Cultural .....	32
1.3. Formação do Sistema Religioso.....	34
1.4. A Geografia da Religião no Brasil. ....	37
2. FORMAÇÃO DA RELIGIOSIDADE NO NORTE DO PARANÁ.....	44
2.1. A formação de uma identidade religiosa. ....	44
2.2. Ocupação Religiosa do Brasil .....	46
2.3 A Expansão Religiosa no Paraná .....	51
2.4. Formação da Cidade de Maringá e o Simbolismo Religioso.....	56
2.5. Fundação da Igreja em Maringá.....	64
3. DIFUSÃO DA FÉ E SUA MOBILIDADE RELIGIOSA EM MARINGÁ - 1947-2010 .....	78
3.1. Concepções sobre a Mobilidade na Geografia.....	81
3.2. Mobilidade Religiosa.....	83
3.3. População religiosa em Maringá.....	85
3.4. Relação do Templo com o Fiel .....	88
3.5. Territorialidade dos templos em Maringá.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	110
REFERÊNCIAS .....	112
ANEXOS.....	117

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Limite do Tratado de Tordesilhas .....	51
Figura 2: Mapa da localização das Reduções no Paraná.....	54
Figura 3: Esquema das cidades planejadas pela Companhia.....	60
Figura 4: A territorialidade do sagrado .....	100
Figura 5: Ante-projeto da cidade de Maringá, de autoria de Jorge de Macedo Vieira, elaborado em meados da década de 1940 .....	105

**LISTA DE MAPAS**

Mapa 1: Localização dos Templos Religiosos com Alvará de localização fornecido pela Prefeitura Municipal de Maringá.....	102
Mapa 2: Localização dos Templos Religiosos identificados no Levantamento de Campo (set/2009-mar/2010).....	107
Mapa 3: Delimitação do Trabalho de campo (set/2009-mar/2010).....	108

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Evolução da População Urbana e Rural do município de Maringá. ....	62
Tabela 2: Templos Religiosos com Alvará em Maringá.....	70
Tabela 3 Quanto a declaração da Religião .....	86

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Produções Acadêmicas: Orientações.....	43
Gráfico 2: Distribuição relativa da população residente, por religião declarada - Brasil - 1950/2000.....	87

**LISTA DE QUADRO**

Quadro 1: Trajetória da Geografia da Religião no Brasil.....	39
--	----

## LISTA DE SIGLAS

ADAR - Associação Diocesana de Assistência Rural

CEPA - Centro de Pastoral Arquidiocesano

CMF – *Cordis Mariae Filiorum* (dos Filhos do Coração de Maria) – acrescido ao nome dos padres ou irmão claretianos

CMNP – Companhia Melhoramentos Norte do Paraná

CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná

NEER - Núcleo de Estudos em Espaço e Representações

NEPEC - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura

NUPPER - Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião

SIEC - Simpósio Internacional Sobre Espaço e Cultura

SNEC – Simpósio Nacional Sobre Espaço e Cultura

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UGI – International Geographical Union

USP – Universidade de São Paulo

IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

IELB - Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

## RESUMO

### DIFUSÃO DA FÉ E SUA MOBILIDADE RELIGIOSA EM MARINGÁ:

1947 a 2010

Muitos são os fatores que levam as pessoas a se deslocarem: trabalho, estudo, lazer, religião. A geografia e a religião sempre fizeram parte da vida humana, as práticas geográficas encontram-se presente na humanidade desde a antiguidade, mesmo sem reconhecê-la como disciplina e a religião apresenta-se como uma necessidade para entender a vida. Assim, ambas, geografia e religião, se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra como fenômeno cultural, se espacializa. Neste estudo analisar-se-á as hipóteses da influência relacionada com a existência dos templos religiosos instalados na cidade de Maringá e o deslocamento de sua população para praticar e vivenciar sua fé, bem como as transformações ocorridas no espaço para atender aos fiéis durante suas práticas religiosas. Verificar-se-á seus fluxos, a atração para as hierofanias (templos, centros, igrejas) a periodicidade e quantidade destes, comparar-se-á ao crescimento da área urbana para a criação de novas paróquias católicas e o crescimento populacional para o surgimento de novas comunidades e denominações religiosas.

**Palavras-chaves:** Mobilidade Cultural, Religião em Maringá, Geografia da Religião,

**ABSTRACT****DIFFUSION OF THE FAITH AND YOUR RELIGIOUS MOBILITY IN MARINGA:  
1947 a 2010**

Many are the factors that make people dislocate: work, study, leisure, religion. Geography and religion had always been part of human life, geographic practices are present in humanity since the antiquity, even without recognizing it as a discipline, and the religion is presented as a necessity to understand life. In this manner, both, geography and religion meet through the space dimension, one because analyzes the space, and the other as a cultural phenomenon, that refers to space. This study will analyze the hypotheses of the influence related with the existence of religious temples installed in the city of Maringa and the displacement of its population to practice and to live deeply its faith, as well as the occurred transformations in space to take care of the religious during its practical. It will verify its flows, the attraction to the holy manifestation (temples, centers, churches) its regularity and number. It will compare the growth of the urban area to the creation of new catholic parishes and the population growth for the sprouting of new communities and religious denominations.

**Key-Words:** Cultural mobility, Religion in Maringa, Religion's Geography

## INTRODUÇÃO

A religião sempre esteve presente no cotidiano das pessoas, como uma necessidade para justificar e explicar aquilo cujo homem não compreendia ou dominava. Assim sendo, intrinsecamente ele carrega suas crenças e superstições em seus deslocamentos. Estes podem ter inúmeras motivações, como verificamos quando ocorrem para a busca por alimentos, por terras, e pelas necessidades espirituais de prestar culto aos antepassados e divindades.

O homem religioso imprime no espaço uma diferenciação entre os lugares: lugar sagrado e lugar profano, e este lugar sagrado se destaca nas mais diferentes formas, como uma árvore, uma gruta ou um templo.

Cotidianamente, em uma cidade, as pessoas convivem com esses espaços (sagrado e profano). São espaços que se opõem, e ao mesmo tempo se atraem. Jamais, porém, se misturam.

Na composição deste ensaio, se apresenta inicialmente os pressupostos geográficos quanto ao estudo da religião. Como esta ciência se estrutura ao longo do tempo e como a religião passa a ser também, seu objeto de análise. A seguir, é apresentado o desenvolvimento dos estudos de religião em geografia para o Brasil. O primeiro estudo, seu desenvolvimento e o panorama atual.

Posteriormente se apresenta o desenvolvimento da religiosidade do norte do Paraná. Como se organiza a religiosidade, que acompanha o desenvolvimento populacional dessa região. A organização e crescimento das cidades e as religiões que faz parte desse cotidiano.

Por fim, deseja-se apresentar para a cidade de Maringá, um novo olhar para a organização desta cidade, centrada na localização e distribuição dos templos religiosos. Onde estes estão presentes, qual o impacto que possuem para a população, o seu crescimento e o impacto na sociabilização e na assistência às pessoas residentes nesta cidade.

## CAPÍTULO I

### COMPREENDENDO OS ESTUDOS RELIGIOSOS EM GEOGRAFIA

O tema Geografia e Religião pode parecer, a princípio, não haver ligação entre essas duas linhas de pesquisa e do conhecimento humano.

Contudo, Rosendahl (1996, p. 11), revela onde se encontrar esse elo de ligação:

Geografia e religião são, em primeiro lugar, duas práticas sociais. O homem sempre fez geografia, mesmo que não soubesse ou não reconhecesse formalmente uma disciplina denominada geografia. A religião, por outro lado, sempre foi parte integrante da vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida. Ambas, geografia e religião, se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra, porque como fenômeno cultural ocorre espacialmente.

Os primórdios da ciência geográfica têm seu início na Antiguidade Clássica, especificamente junto aos pensadores gregos. Contudo, a associação do termo geografia relaciona-se diretamente com os estudos sobre a forma e as medidas da Terra, ou com a descrição da superfície terrestre, esboçando, assim, uma perspectiva regional (Moraes, 1995, p. 32).

Por sua vez, a religião toca a raiz ontológica do homem, não se tratando de um fenômeno superficial, mas sim, implicando a pessoa como um todo (Zilles, 1991, p. 6).

Enquanto isso, a cultura, segundo Laraia (2007, p. 25) pode ser tomada em seu “amplo sentido etnográfico, sendo este complexo, incluindo conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

A definição desses pesquisadores inicia este estudo revelando a intrínseca relação que há nos estudos de geografia, religião e cultura. Esses são três campos de análise, em que o ser humano, como indivíduo e como sociedade, encontra-se inserido.

Para analisar sobre esses três ângulos, não podemos nos limitar apenas às contribuições de uma ciência única. Portanto, o estudo da religião, cultura e geografia, remete-se a uma abordagem interdisciplinar.

### **1.1. Abordagem Cultural Religiosa: Breves Considerações**

As diversas correntes de estudo sobre as religiões ocorrem sobre a coletividade quando um grupo se identifica com os ritos, símbolos e práticas. Assim, Durkheim (1989) associa a religião como uma prática coletiva, social, que aproxima os membros do grupo.

Paden (2001, p. 59), analisando as formas de concepção religiosa, corrobora com as proposta de Durkheim, afirmando que “uma vez tirando a religião do domínio do sobrenatural, não é difícil para um mundo secular concluir que ela é, de cabo a rabo, uma criação da sociedade humana”.

Nessa linha, afirma-se que o sistema de forças coletivas (sociedade) produz as civilizações, que se identificam com esquemas de linguagem, moralidade, esquemas de ciência e conhecimento. Para tanto, cada sociedade cria uma cultura, onde os indivíduos participam de uma linguagem que eles mesmos não criaram isso leva à construção do seu próprio mundo habitável (Paden, 2001, p. 61).

Paden (2001, p. 62), explicitando as observações de Durkheim sobre a sociedade, conclui que desta forma, a sociedade torna-se uma chave-mestra explanatória para abrir

o segredo de como se originou a religião. Para ele, se a sociedade cria a civilização e todas as suas ciências, cosmologias e artes, não é difícil concluir que a sociedade criou também os deuses.

Os conhecimentos que uma sociedade tem sobre suas obrigações, lealdade, respeito e comportamento hierárquico, são adquiridos com relação aos símbolos religiosos, que se espalham pelas relações sociais. A intensidade das coisas sagradas será fruto dessa identidade coletiva, que vem sendo transmitida, pelos ritos, através das gerações. “Os deuses e os ancestrais, afinal, são nossos deuses e ancestrais, e a fé é ‘a fé de nossos pais’. Assim, para Durkheim, os símbolos religiosos e os símbolos sociais são, em última análise, a mesma coisa.” (Paden, 2001, p. 64). Dentro da visão sociológica, os ritos e festivais não são simplesmente dispensados como esforços pré-científicos ou equivocados para controlar magicamente o mundo, mas vistos como linguagens sociológicas exatas que codificam e expressam valores culturais.

A Geografia, ao longo dos tempos, mostra-se em uma constante busca para compreender o mundo, suas contradições sociais e sua apropriação do ambiente.

Na construção e desenvolvimento da Geografia, evidenciaram-se diferentes formas de se perceber, sentir e refletir os fenômenos sócio-espaciais e, em cada momento e reflexão, produziu-se uma linha de pensamento na construção desse conhecimento Geográfico.

Para a compreensão da Geografia nesta pesquisa, tomar-se-ão como base de compreensão as análises pertinentes à Geografia Crítica e o enfoque Cultural Geográfico.

## **1.2. A Evolução do Pensamento Geográfico**

O pensamento geográfico que surge na antiguidade tinha como objetivo principal o estabelecimento de coordenadas e direções a fim de se localizar e percorrer a superfície da Terra, gerando, neste momento, produtos cartográficos e uma grande gama de descrições sobre os diversos espaços e lugares do planeta.

Os séculos XV e XVI foram marcados por consecutivas expansões comerciais. Para o êxito destas, foram fundamentais os conhecimentos cartográficos desenvolvidos nos anos finais do período medieval e as trocas com os navegadores orientais. O homem aventura-se em mares inexplorados, confiando apenas no conhecimento astronômico e nos instrumentos desenvolvidos pela cartografia. Essas explorações resultaram na descoberta de novos continentes e conseqüentemente, seu povoamento e exploração. Neste momento, a descrição detalhada dos continentes recém descobertos povoam os relatos dos viajantes e revelam todos os aspectos físicos do planeta.

As acumulações de informações sobre as diferentes regiões, a colonização e as trocas comerciais intercontinentais, propiciaram condições materiais importantes para o futuro da ciência geográfica. As novas necessidades adquiridas levaram a sociedade a superar as técnicas passadas, implantando inovações mais eficazes, como meios para se elaborar a teoria de esfericidade da Terra, a construção de embarcações maiores e mais ágeis, a utilização da pólvora, a adaptação da bússola. O trabalho do geógrafo, neste sentido passa a ser intensificado no estabelecimento das coordenadas, associando leituras de documentos, a impressão dos mapas e descrições de viagens com os conhecimentos astronômicos estabelecidos. Todo esse aperfeiçoamento técnico e o desenvolvimento do

conhecimento geográfico contribuíram para o melhor entendimento das transformações pela qual passou e ainda passa a sociedade.

### ***1.2.1. Geografia se Sistematiza na Alemanha***

A retomada dos estudos geográficos e científicos começa a ocorrer no século XVIII, mas sua sistematização efetiva ocorre no século XIX, na Alemanha, onde recebe as importantes contribuições de Karl Ritter (1779-1859) e Alexander von Humboldt (1769-1859).

A Geografia, então, passa por uma intensa sistematização, no momento em que na Alemanha, tardiamente em relação à Europa, inicia o processo de saída da economia feudal e inicia seu ingresso no capitalismo.

Humboldt, que possuía uma formação naturalista, era um viajante que conheceu empiricamente muitos locais do mundo, sobretudo a América Latina, com exceção do Brasil (esse país recebeu os primeiros viajantes, franceses, somente a partir de 1920). Entendia a Geografia como uma espécie de síntese de todos os conhecimentos relativos à Terra. Para esse autor a paisagem deveria causar uma impressão ao observador e, esse, deveria ser capaz sistematizar os elementos presentes nessa paisagem e, posteriormente, através do raciocínio lógico, ser capaz de explicar a causalidade das conexões contidas na paisagem observada (Moraes, 1995, p. 48).

Humboldt, em seus estudos, percebeu a necessidade de conhecimentos mais totalizadores para alcançar resultados mais precisos e interconectados. Assim, especializou-se em vários ramos da ciência, como Geologia, Física, Química, História, Fisiologia e múltiplos aspectos da Geografia. (Moraes, 1995, Silveira, 2005)

Ele não diferencia a Geografia Humana da Geografia Física. Seu objeto de estudo era o Cosmo, sendo um dos últimos pensadores a trabalhar com esta dimensão, uma vez que este pensamento, próprio da Idade Média, foi suplantado pela Modernidade.

Contemporâneo a Humboldt, Karl Ritter, cuja formação era Filosofia e História, define o conceito de sistema natural, isto é, uma área delimitada dotada de individualidade, onde a Geografia deveria estudar os arranjos individuais e compará-los. O homem é o elemento principal de suas análises. Em todos os momentos da obra desse autor, nota-se uma perspectiva religiosa, uma vez que para ele a ciência é uma forma de relação entre o homem e o criador, objetivando chegar a uma harmonia entre a ação humana e os desígnios divinos, obedecendo à ordem natural a um fim previsto por Deus. Por essas razões pode-se afirmar que a proposta de Ritter é antropocêntrica, colocando o homem como sujeito da natureza e regional quando aponta seus estudos para a individualidade. (Moraes, 1995, p. 49)

Os estudos de Ritter buscavam a descrição feita pelos naturalistas, como ele, e a superá-la através de uma visão científica e totalizadora, procurando abranger a visão mais completa e mais universal da Terra. Buscava também reunir e organizar, em maravilhosa unidade, tudo quanto conhecemos do globo e apresentar a conexão desse todo unificado com o homem e o seu criador. Para ele, caberia a Geografia explicar a individualidade dos sistemas naturais, pois nessa se expressaria os desígnios da divindade ao criar aquele lugar específico. O estudo geográfico de Ritter, mesmo sendo antropocêntrico, leva em consideração o relacionamento do homem com a natureza, reforçando a análise empírica. Para ele é necessário caminhar de observação em observação. (Moraes, 1995, Silveira, 2005).

Com Alexander Von Humboldt e Karl Ritter, na Alemanha do século XIX, surge a Geografia científica e institucionalizada nas universidades. Ritter é o primeiro a lecionar Geografia, enquanto curso regular universitário, em Berlim<sup>1</sup>.

Esses dois autores alicerçam a Geografia Tradicional, constituindo na Alemanha as primeiras cátedras dessa disciplina, desenvolvendo assim uma linha contínua do pensamento geográfico, situação até então inexistente.

A geração de pesquisadores alemães posteriores a Humboldt e Ritter, destacam-se em estudos empreendidos em áreas mais especializadas do conhecimento (Geomorfologia, Climatologia) do que necessariamente em Geografia Geral. Na Alemanha, a Geografia continua a desenvolver uma discussão mais teorizada, enquanto, nos demais países da Europa, percebe-se ainda uma exaustiva descrição e diferenciação dos lugares da superfície terrestre (Moraes, 1995, p. 51).

Os estudos desenvolvidos por Humboldt e Ritter influenciaram os pensamentos de Friedrich Ratzel, naturalista alemão que descobre a ciência geográfica após uma longa viagem aos Estados Unidos da América, resultaram, em 1880, a obra: “A Geografia cultural dos Estados Unidos da América do Norte com ênfase especialmente voltada para as condições econômicas”, onde se utiliza pela primeira vez o termo Geografia Cultural. (Claval, 2001, p. 20).

Muitos pesquisadores da época viam na disciplina de Ratzel apenas como a descrição da superfície da Terra; entretanto, sua preocupação era entender as relações entre a sociedade e seu ambiente.

---

<sup>1</sup> O fundador da universidade de Berlim, em 1809 é Wilhelm von Humboldt, irmão de Alexander

As relações sociedade/meio tornam-se centrais para a disciplina: Friedrich Ratzel forja nos debates dos anos de 1880, o termo *antropogeografia* para designar este campo de investigação. (Claval, 2001, p. 19).

No final de 1890, Otto Schleiter, escreve sobre a maneira pela qual os grupos humanos modelam e transformam o ambiente onde vivem: desflorestam, devastam, cultivam, constroem edifícios onde habitam ou guardam animais e suas colheitas. Apesar desta temática, sua obra não toma partido com a questão determinista debatida no momento. (Claval, 2001, p. 23-24).

Todavia, as bases da Geografia Cultural estavam lançadas na Alemanha, onde os geógrafos definiram uma abordagem original dos fatos da cultura, recebendo inclusive a influência darwiniana e dedicam demasiada atenção aos utensílios e às técnicas utilizadas para dominar o meio e o papel maior desempenhado pela análise da paisagem. Mas esses estudos deixaram de lado os conhecimentos e os valores, ignorando as atitudes e as crenças, o que revelam a existência de uma paisagem com traços de origem cultural fortemente estruturados. (Claval, 2001, p. 27)

A Geografia que, anteriormente, tinha um caráter geopolítico, destinada a conquistas territoriais e financeiras, passa a ter caráter acentuadamente ideológico na tentativa de unificação do Estado alemão. Surge nos bancos universitários e escolares, agora não mais com missão exclusivamente estratégica-militar, mas ideológica, a serviço da burguesia dominante. (Silveira, 2005)

A partir deste momento histórico, duas concepções geográficas destacam-se: uma que buscava por meio de seus métodos o entendimento das relações entre a natureza e a sociedade, a segunda, a concepção geográfica, que tinha como preocupação o papel dos

espaços no funcionamento dos grupos. Em comum, essa linha de pesquisa buscava a relação da existência de uma realidade global.

### ***1.2.2. A Geografia Humana Francesa***

Concomitante ao aprofundamento da Geografia na Alemanha, a França, que vivia um momento de mudança de sua estrutura social (Revolução Francesa, 1789), o enfoque da Geografia francesa que tem em Paul Vidal de la Blache um dos mais importantes geógrafos franceses, estudou as regiões e as áreas, atribuindo um importante avanço no conceito destes termos.

A Geografia cultural francesa inspirou-se nos modelos elaborados pelos alemães.

La Blache sustentava, em seus estudos, a hipótese levantada por Ratzel quando das influências do meio ambiente sobre as sociedades humanas e das técnicas utilizadas pelo homem para dominar este ambiente. Mas La Blache vai além quando analisa o ritmo de vida dessas populações influenciadas pelo ambiente, como as colheitas e as estações do ano, que refletiram na organização social do trabalho.

Tanto para La Blache quanto para Ratzel “... a cultura é aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens”. (Claval, 2001, p. 35)

La Blache teve que abrir várias frentes de batalha para poder dinamizar a Geografia universitária francesa. Para isso houve a necessidade de diversos contatos entre geógrafos e outros cientistas de diferentes nações, não deixando de entrar em contato com geógrafos alemães como Peschel, Richthofen, Sorre e outros.

A maior contribuição de La Blache para a Geografia é sua linha de pesquisa: o possibilismo. Na teorização do possibilismo de La Blache, a relação homem-natureza, é

vista numa perspectiva da paisagem, onde o homem é um ser ativo que sofre a influência do meio, porém atua sobre ele, transformando-o. Destaca que as necessidades humanas são condicionadas pela natureza e que o homem busca soluções nos materiais e nas condições oferecidas pelo meio e, nesse processo as trocas mútuas com a natureza, o homem transforma a matéria natural e cria novas formas sobre a superfície terrestre. (Moraes, 1995, p. 68)

Esta teoria opõem-se ao determinismo defendido pela Geografia alemã.

É a partir de La Blache e seus seguidores que a escola francesa de Geografia assume um carácter representativo dentro da Geografia mundial (principalmente a partir do início do século XX). Outros grandes geógrafos também contribuíram para o desenvolvimento da Geografia francesa, como Gallois (Geografia Política), Demangeon (Geografia Econômica), De Martonne (Geografia Física e Humana), Bernard (Geografia Humana), Gentil (Geomorfologia), Blanchard (Geografia Física e Humana), Baulig, Cholley, Max Sorre (Geografia Colonial), entre tantos outros. (Silveira, 2005)

A Geografia moderna é à imagem e semelhança do século XIX. Nesse período, estabelece-se um movimento global de fragmentação do conhecimento, dando origem a uma série de ciências específicas como Geografia, Sociologia, Psicologia, e a distinção entre Ciências Naturais e Humanas. A fragmentação que envolve os diversos campos do conhecimento é específico de um período em que a divisão intelectual do trabalho científico origina-se no processo de divisão do trabalho, típico da sociedade capitalista. Ao dividir o trabalho, divide-o de tal forma, que se torna necessária a divisão também no campos do conhecimento. (Silveira 2005, *apud* Pereira, 1999, p. 57)

Na França a Geografia intensifica os estudos no âmbito da análise regional com La Blache, Gallois, De Martonne, a Geografia humana com Jean Brunhes, Demangeon, Blanchard, a Geografia política Siegfried, J. Ancel, e a Geografia física De Martonne, Cholley, Baulig, Lucien Febvre.

Jean Brunhes, um dos primeiros alunos de La Blache, leciona no final do século XIX e início do século XX na Universidade de Friburgo – Suíça, tem sua atenção dedicada aos “elementos funcionais ligados à avaliação do ambiente, quanto as coisas cujo valor são, antes de mais nada, simbólicos”. (Claval, 2001, p. 36)

E por acompanhar de perto as publicações alemãs na Universidade, Jean Brunhes, aproxima-se dos estudos etnográficos sobre os folcloristas suíços, estudos estes que, seguiram a linha francesa, consagrado ao habitat e às técnicas do mundo rural. Publica, em 1909, *Geographie Humaine* (Geografia Humana) como obra síntese. Nessa obra o autor dedica-se a definir os métodos de maneira rigorosa. A Geografia Humana tem por missão analisar os fatos da ocupação do solo, seja ela produtiva ou destrutiva. A parte atribuída à cultura é mínima. Ela pode ser lida nos parágrafos consagrados à descrição dos gêneros de vida e, no último capítulo, na evocação de um nível superior da enquete geográfica. Jean Brunhes fala, para definir esse nível, em Geografia da História e assinala as relações estreitas que estabelecem com a etnografia. (Claval, 2001, p. 37)

Pierre Defontaines, que inicia seus trabalhos como colaborador de Brunhes, defende alguns anos mais tarde o doutorado que buscava entender a vida das pessoas que habitavam na região do Médio Garonne, na França. Sua pesquisa revela a proximidade com os estudos dos etnólogos e folcloristas franceses. Gallimard confia a Defontaines a direção de sua nova coleção de Geografia Humana e, ele, por sua vez, seleciona coletâneas que tratam dos aspectos gerais da disciplina, partindo para os centrados no

gênero de vida da população. Outros volumes procuram destacar esse gênero de vida através da apropriação do meio e das plantas e animais que os compõem, e ainda outros temas que questionam como os homens se adaptam a certos tipos de ambientes.

Apesar da Geografia Humana apresentar-se como importante meio de compreender a realidade cultural ela é tratada, ainda, de uma forma reducionista com ênfase às técnicas, utensílios e transformação da paisagem.

A partir, principalmente do século XIX, é introduzida timidamente nas ciências, uma visão na qual a relação entre homem-natureza seja uma relação sociedade-natureza, anexando ao sistema natural, à estrutura da sociedade e à sua formação econômico-social. O eixo central são as relações de produção de propriedade e de trabalho. As relações dos homens com a natureza são medidas pelas relações dos homens entre si. As idéias de Marx também impulsionam as discussões científicas e políticas, influenciando no campo da Geografia, indiretamente, durante muito tempo, mas, assume na França, uma verdadeira união identificada nas obras da atualidade. (Silveira, 2005).

Sendo assim o enfoque dos estudos alemães estava mais voltado para essas técnicas e utensílios. O dos americanos destacava mais a cultura sobre a paisagem e o dos franceses buscava compreender as adaptações do homem ao ambiente em que habita, com os conhecimentos etnográficos e estudos folclóricos.

Assim, com maior ênfase do final do século XIX até a metade do século XX, a proposta é uma nova teoria da diferenciação regional da Terra, baseada na existência de combinações de aspectos naturais e da ação humana, sendo exemplo as regiões agrícolas, industriais, turísticas, etc. Após esta evolução, um novo enfoque surge na

Geografia que é o estudo da distribuição dos homens e sua inserção no meio ambiente, passando os grupos humanos a ser o centro da análise.

### ***1.2.3. Geografia Cultural Americana***

Nos Estados Unidos da América, a Geografia cultural toma forma com Carl Ortwin Sauer (1998) que ensina nas Universidades de Michigan e de Berkeley. A este autor, cabe salientar que quando criança, os pais o enviaram para a Alemanha, o que futuramente favoreceu-o, uma vez que passou a conhecer melhor o pensamento e a disciplina geográfica, tanto alemã quanto americana.

A Geografia cultural de Sauer é muito próxima da antropologia americana, mostrando-se crítico com as civilizações modernas, sobretudo com a americana de seu tempo por sua brutalidade com relação à natureza, atitude esta que demonstrava sua sólida formação naturalista.

Sauer, assim como seus contemporâneos, veem a cultura como o conjunto de artefatos que permitem ao homem agir e se apropriar do mundo externo, e vai mais além:

A cultura é também composta de associações de plantas e de animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo. (Claval, 2001, p. 31)

Para Sauer, a Geografia cultural implica, um programa integrado ao objetivo geral da Geografia, ou seja, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas. Continua sendo, em grande parte, observação direta de campo, baseada na técnica de análise morfológica, desenvolvida, em primeiro lugar, na Geografia Física. Seu método é evolutivo, especificamente histórico até onde a documentação permite e, por conseguinte, trata de determinar as sucessões de cultura que ocorreram numa área.

Conseqüentemente, a Geografia Histórica e a Geografia Econômica se fundem numa só disciplina, interessando-se a segunda, pelas áreas culturais presentes que procedem das anteriores. (Sauer, 2003, p. 25)

Essa apropriação do meio abre um amplo espaço para as futuras pesquisas que se realizaram a partir de então, onde, superada a época dos pensamentos deterministas, o possibilismo toma forma nos estudos desenvolvidos nesta época.

#### ***1.2.4. Geografia Cultural***

A questão cultural na Geografia vem permeando esta ciência, como vimos até agora, desde Heródoto, quando se procurava respostas para a diversidade dos povos e suas culturas.

Um fator determinante para as mudanças dos paradigmas deterministas na Geografia foi a questão histórica, os avanços dos domínios dos recursos naturais, onde se tem como base os grupos europeus que partiram da Idade da Pedra à Era Industrial. Todos os demais grupos não-europeus são analisados ecológica e sociologicamente.

Antropólogos e geógrafos culturais da escola americana defendiam a tese de que a cultura é uma realidade superior, imposta e condicionante dos grupos. Essa afirmação não configura o determinismo físico ou biológico, mas peca por não esclarecer quanto à transformação e progresso da sociedade.

Os questionamentos atuais levam a uma unificação cultural do mundo, baseado na constante evolução da comunicação e transporte, aumentando o contato entre as culturas e nivelando-as.

Esses pontos permearam, e ainda permeiam, o conhecimento geográfico sobre a cultura. A evolução deste pensamento vem se aprimorando com o passar do tempo.

Paul Claval, contudo, não deixa de lado os aspectos particulares de cada povo, não perdendo sua base geográfica quando afirma:

A cultura é um campo comum para o conjunto das ciências humanas. Cada disciplina aborda este imenso domínio segundo pontos de vista diferentes. O olhar dos geógrafos não dissocia os grupos dos territórios que organizaram e onde viveram. A estrutura e a extensão dos espaços de intercomunicação, a maneira como os grupos vencem o obstáculo da distância e, algumas vezes o reforçam, estão no cerne da reflexão.

A Geografia humana estuda a repartição dos homens, de suas atividades e de suas obras na superfície da terra, e tenta explicá-la pela maneira como os grupos se inserem no ambiente, o exploram e transformam; o geógrafo debruça-se sobre os laços que os indivíduos tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como a organizam e como a identificam ao território no qual vivem ou com o qual sonham. (Claval, 2001, p. 11)

Para este autor, nem todas as sociedades dispõem do mesmo arsenal de conhecimento e técnicas, e do mesmo registro de interpretações e de motivações. Os indivíduos e os grupos são condicionados pela educação que receberam. A cultura aparece, assim, como uma herança. As modalidades, segundo as quais a cultura é transmitida de uma geração a outra ou de um lugar a outro, favorecida pelas trocas, pelos deslocamentos de curta duração ou pelas migrações, dependem do meio e do nível técnico. Elas contribuem amplamente pela a diversidade das sociedades. (Claval, 2001, p. 12)

### **1.3. Formação do Sistema Religioso.**

As formas religiosas mais complexas e estruturadas são fruto de uma sociedade também complexa e estruturada, novamente nos remetendo à análise de Durkheim, ao afirmar que a religião é uma construção social.

Diversos estudiosos comungam em que a cidade é a grande expressão da organização social. “A origem da cidade se confunde com a origem do binômio diferenciação social/centralização do poder” (Rolnik, 2004, p. 21). A autora detalha que é através da divisão do trabalho, ou seja, a administração do excedente alimentar, a defesa da cidade, o diálogo com os deuses, produção artesanal e agrícola, que se produz e repõe uma hierarquia, que se expressa claramente em termos espaciais.

Assim, todo o conjunto de transformações tecnológicas, econômicas e sociais sofrido e realizado nas sociedades, correlacionado com o nascimento e desenvolvimento das cidades, culmina com uma divisão do trabalho e o aparecimento do trabalho intelectual e do material. Prepara também o ambiente e cria a estrutura necessária para a constituição de um campo religioso, relativamente autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de moralização e de sistematização das crenças e práticas religiosas, sendo a aparição e o desenvolvimento das grandes religiões universais, associados à aparição e ao desenvolvimento das cidades (Bourdieu, 2007, p. 34).

A divisão do trabalho que ocorre nas cidades e oferece a essa organização social, reflete-se no campo religioso com o desenvolvimento de um corpo sacerdotal específico, que, segundo Bourdieu (2007, p. 39), monopolizará a gestão dos bens de salvação, sendo socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da “competência específica e necessária à produção e reprodução de um ‘corpus’ deliberadamente organizado de conhecimentos secretos (e, portanto raros)”.

Nessa mesma abordagem, o autor identifica o grupo que se formará a partir desta monopolização do poder sagrado: “os leigos (ou profanos), destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal” (Bourdieu, 2007, p. 39).

Assim, uma sociedade dividida em classes, contribui, no campo religioso, a perpetuação e a reprodução da ordem social, no sentido de estruturação das relações estabelecidas entre os grupos e as classes, surgindo, como chamado por Bourdieu (2007, p. 53), duas polaridades:

- a). os sistemas de práticas e representações (religiosidade dominante) tendentes a justificar a hegemonia das classes dominantes;
- b). os sistemas de práticas e representações (religiosidade dominada) tendendo a impor aos dominados um reconhecimento da legitimidade da dominação fundada no desconhecimento arbitrário da dominação e dos modos de expressão simbólicos da dominação.

Paden (2001, p. 123) indica que a “religião é uma forma universal de cultura que precisa ser entendida antes de ser explicada, e que entende-la significa conhecer seus padrões e variedades transculturais de uma perspectiva equilibrada”.

Portanto, divisão de grupos e religiosidades, favorece a compreensão do que é proposto por Eliade (2001) do que vem a ser a diferenciação dos espaços sagrados e profanos. “todas as definições do fenômeno religioso apresentadas até hoje mostram uma característica comum: à sua maneira, cada uma delas opõe o *sagrado* e a vida religiosa ao *profano* e à vida secular” (Eliade, 2001, p. 7).

Essa nítida diferenciação dos espaços para o homem religioso é observado e explicado por Rosendahl (1996, p. 31) ao reconhecer que o “sagrado e o profano se opõem e, ao mesmo tempo, se atraem. Jamais porém, se misturam”.

Eliade (2001) em seu estudo aprofunda ainda mais essa diferenciação que o sagrado impõe ao espaço. Essa presença do sagrado gera para o grupo religioso a diferenciação de lugares. Assim criar-se-á uma *hierofania*, ou seja, a materialização do sagrado. Essa materialização pode ocorrer num templo, grutas, árvores, colinas... o que origina simbolicamente o lugar sagrado, consagrado, demarcado e diferenciado.

Nesse contexto, Paden (2001, p. 130), complementa as colocações de Eliade (2001) indicando que o *sagrado* refere-se àqueles objetos focais que, para os iniciados parecem dotados de poder e autoridade sobre-humanos. E reforça, ainda, as idéias de Eliade (1963)<sup>2</sup> quando admite que

“... obviamente não existem fenômenos puramente religiosos, e que como a religião é humana, ela, por essa mesma razão, deve ser algo social, algo lingüístico, algo econômico – não se consegue pensar o homem separadamente da linguagem e da sociedade” (Paden, 2001, p. 127)

Assim, se pode afirmar que para os comparativistas como Eliade a religião gira em torno do sagrado, para Durkheim ela é concebida a partir da sociedade. Então, pode-se dizer que a religião é um sistema de linguagens e práticas que organiza o mundo em torno do que é considerado sagrado (Paden, 2001, p. 130) e identificado por seus iniciados e seguidores.

---

<sup>2</sup> Eliade, Mircea. **Patterns in comparative religion**. Cleveland, Word Publishing Co., 1963), p. 13.

#### **1.4. A Geografia da Religião no Brasil.**

Para o Brasil, os estudos de Geografia da Religião, datam da segunda metade do século XX.

O pioneirismo dos estudos de Geografia da Religião no Brasil surge com Maria Cecília França (1972) que analisa a convergência dos peregrinos aos santuários dedicados à Bom Jesus em Iguape, Pirapora do Bom Jesus e Bom Jesus dos Perdões, no estado de São Paulo. Nesse estudo, França descreve a dinâmica de uma hierópolis, que significa uma cidade que possui uma ordem espiritual predominante e que é marcada pela prática religiosa de uma peregrinação ou romaria ao lugar sagrado. Nas cidades em estudo, a França analisa a reorganização urbana para a acolhida aos romeiros. O inchaço da cidade, durante os dias de festa e como esta é aguardada pelos comerciantes locais, visando o lucro que adquirem com a festa, é que os mantêm durante boa parte do ano.

Na análise de Claval (2001, p. 49), a Geografia Cultural e dentro de suas segmentações a Geografia da Religião estava fadada a desaparecer no início dos anos 1970.

No Brasil, essa linha pesquisa em Geografia, após o trabalho produzido por França em 1972, entra em um estágio de dormência.

A geografia nacional passava por uma nova reestruturação paradigmática. O país vivia sobre o julgo do regime militar, e as universidades eram o grande *lócus* de resistência democrática (Moraes, 1995, p. 5). A politização foi a marca forte desse período, e a postura do pensamento de esquerda, tomada por diversos autores na segunda metade da década de 1970, implica uma nova marca da Geografia: a *Geografia Crítica*. (Moraes, 1995, p. 6-7)

Essa linha geográfica adentra a década de 1980 quando, no final dessa, iniciam-se as pesquisas desenvolvidas por Rosendahl, culminando em 1994, com a defesa de sua tese de doutorado na USP: *Porto das Caixas: Espaço Sagrado da Baixada Fluminense*, que representa um estudo sobre a geografia sobre o papel que o espaço sagrado tem na vida das pessoas. “A interpretação da dimensão do lugar no âmbito das emoções e do sentimento do ser-no-mundo foi a marca principal da referida tese”. (Rosendahl, 2009, p. 289).

A partir desse momento, os estudos e as pesquisas sobre a cultura e religião ganham um novo impulso no Brasil. Nos últimos vinte anos de trabalhos desenvolvidos sobre a geografia e a religião realizada pelos pesquisadores brasileiros, foram enfatizados dois pontos fundamentais em suas análises a identificação e diferenciação do *sagrado e profano*.

A idéia de sagrado e profano que é proposta por Mircea Eliade em 1962, e “constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história”. (Eliade, 2001, p. 20).

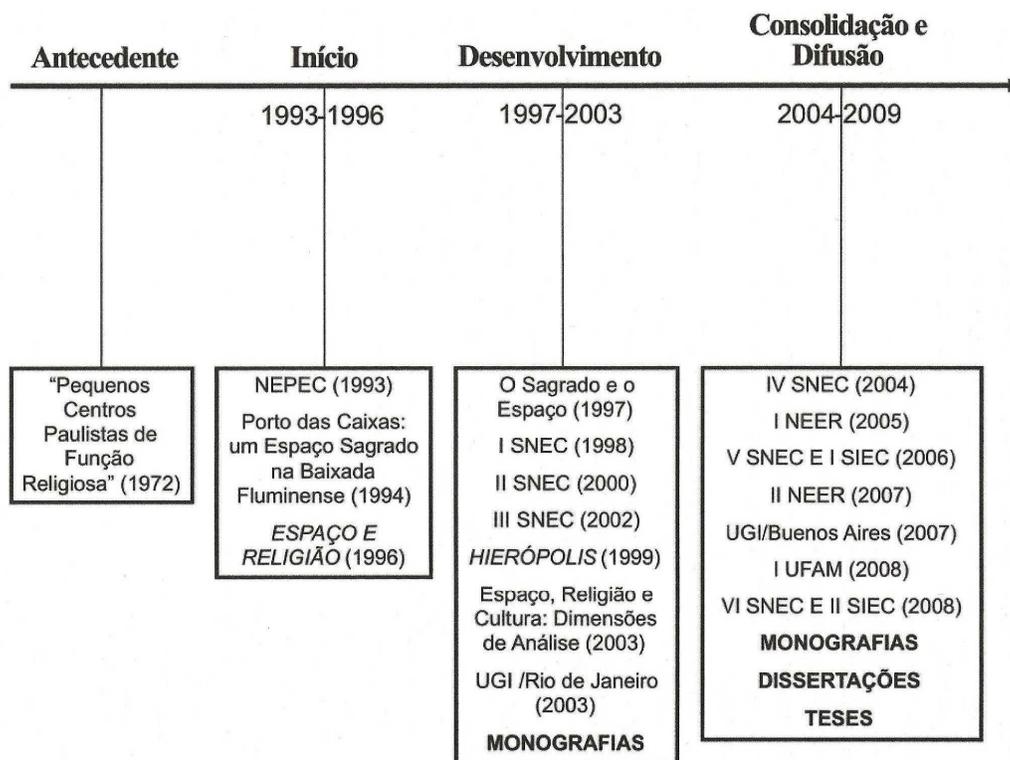
O sagrado se manifesta sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais. Por sua vez, a manifestação de algo de ordem diferente de uma realidade que não pertence ao nosso mundo natural classifica-se por profano. Ora, a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano. (Eliade, 2001, p. 16-17).

Além dos estudos de diferenciação do sagrado e profano, Rosendahl (2002) propõe outras quatro linhas de análise do espaço que são abordadas nos estudos de Geografia e Religião no Brasil, a saber: *espaço, fé e tempo: difusão e área de abrangência; centro*

*de convergência e irradiação; religião, território e territorialidade e lugar sagrado: vivência, percepção e simbolismo.*

Assim, os estudos de Geografia e Religião no Brasil, podem ser analisados, diante de sua produção e estruturação, como exposto no quadro 1:

**Quadro 1: Trajetória da Geografia da Religião no Brasil.**



Fonte: Rosendahl, 2009, p. 291.

O antecedente não pode ser outro senão o reconhecimento do pioneirismo dos estudos de Maria Cecília França em sua tese de doutorado, na USP, intitulada *Pequenos Centros Paulista de Função Religiosa*.

O início dos estudos de Geografia e Religião no Brasil pode ser marcado no período de 1993-1996. Nesse intervalo de tempo, cria-se o NEPEC, na UERJ, e ocorre a defesa da tese de doutoramento de Zeny Rosendahl, intitulada *Porto das Caixas: Espaço Sagrado da Baixada Fluminense* e a publicação do primeiro volume da Coleção Geografia Cultural: *Geografia e Religião: uma abordagem geográfica*, que tende à sistematização dos termos que caracterizam os estudos de Geografia e Religião.

O período que compreende 1997 – 2003 pode ser denominado como desenvolvimento, pois, ocorrem os primeiros eventos científicos dedicados ao tema *espaço e cultura* SNEC, em 1998, 2000 e 2002. Ocorre a publicação de mais um volume da Coleção Geografia Cultural: *Hierópolis: o sagrado e o urbano*, estudando as cidades de peregrinação e ainda a realização da reunião da UGI na cidade do Rio de Janeiro em 2003.

Por fim, a Consolidação e a Difusão compreendidas de 2004 ao presente, privilegia a produção brasileira e sua diversidade de temas trabalhados. Na publicação: *Espaço, Religião e Cultura: dimensões de análise*, aborda os novos modos de interpretação e novos caminhos a se compreender o sagrado e sua espacialidade.

Nesse período, também são criados novos centros de estudo com a temática da Geografia e Religião no Brasil. A difusão do conhecimento que se iniciou com o NEPEC e suas publicações, também ocorre no NUPPER da UFPR, e o Grupo Geoeducacionais: Turismo, Religiosidade e Planejamento na Formação do Imaginário Geográfico na UFC.

Como dito as linhas de análise do espaço abordadas nos estudos de Geografia e Religião no Brasil, compreendem espaço, fé e tempo: difusão e área de abrangência; centro de

convergência e irradiação; religião, território e territorialidade e lugar sagrado: vivência, percepção e simbolismo. Onde são desenvolvidas núcleos de pesquisa supracitados.

O primeiro tema interpreta as origens, a difusão e a ação dos agentes que propagam as principais crenças religiosas. Trata-se da compreensão e influência que a religião exerce sobre as pessoas e esta sobre sua civilização, seus costumes, mencionando também as influências externas. (Rosendahl, 2009, p. 293).

O estudo dos centros de convergência e irradiação, prioriza identificar os elementos que organizam o espaço dentro da lógica singular que decorre de sua articulação com o sagrado.

O impacto da religião na paisagem não está limitado somente às características visíveis, tais como os locais de culto, mas, também, na experiência da fé que fornecem símbolos e mensagens, que representam marcas da fé, algumas inteligíveis somente aos que comungam da mesma crença. (Rosendahl, 2009, p. 293).

Esses centros de convergência e irradiação podem ser descritos desde os pequenos núcleos de povoamento às hierópolis, cidades santuários que têm sua vida marcada pelo tempo sagrado.

O fluxo desses peregrinos e romeiros, gera um conjunto de símbolos associados à experiência ou concepção religiosa do mundo (Eliade, 1962 *apud* Rosendahl, 2009, p. 294).

Rosendahl (2009, p. 294), destaca ainda que a peregrinação, presente no catolicismo, hinduísmo, islamismo, budismo, entre outros, é o ritual diretamente relacionado à devoção religiosa da visita aos lugares sagrados e que a peregrinação pós-moderna,

apresenta-se revestida de valores da cultura contemporânea e não somente dos valores religiosos antigos. Associa-se, em alguns momentos, à peregrinação, esporte e turismo.

A perspectiva que interessa aos geógrafos está na análise da experiência da fé no tempo e no espaço em que ela ocorre. (Rosendahl, 2002, p. 198).

A harmonia da fé, gerada pela aceitação de diferentes religiões, assimila uma categoria de tolerância religiosa, possibilitando abranger as relações entre diferentes religiões e suas coexistências territoriais. Essas coexistências podem ser pacíficas ou não, como alerta Finckeler (1947, *apud* Rosendahl, 2009, p. 296).

Para finalizar as quatro vertentes dos estudos de Geografia da Religião no Brasil, destacam-se as análises sobre o lugar religioso. O estudo do lugar, o relacionamento do indivíduo, sua identificação e vivência com este espaço particular.

Pode-se revelar, através do gráfico 1, como a produção acadêmica e as orientações acerca das vertentes de Geografia e Religião que estão sendo realizadas, a tendência voltada para as questões pertinentes ao território e à territorialidade do sagrado.

**Gráfico 1: Produções Acadêmicas: Orientações**



Fonte: Rosendahl, 2009, p. 297.

Sobre esta diferenciação de lugares, Rosendahl (2002, p. 208), enfatiza que a religião não é somente metafísica. E enfoca que em todos os povos, as formas, objetos e lugares sagrados são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral, que não apenas encoraja a devoção, como a exige e, reforça o compromisso emocional do devoto. Isso reforça a idéia de que existem espaços sagrados e que pode existir um mundo no qual as imperfeições estarão ausentes, o que encoraja a pessoa a suportar as dificuldades diárias.

Portando, esse ensaio que busca identificar a relação existente entre o fiel e o seu local de culto coletivo (templo) dentro das temáticas supracitadas, proposto por Rosendahl (2002), enfoca-se na análise referente ao: *Religião, Território e Territorialidade*.

## CAPITULO II

### FORMAÇÃO DA RELIGIOSIDADE NO NORTE DO PARANÁ

#### 2.1. A formação de uma identidade religiosa.

Em 1492, com a expulsão definitiva dos árabes de Granada, consolida-se a monarquia Espanhola, mesmo ano em que o navegador genovês Cristóvão Colombo parte da Europa, financiado pela Coroa Espanhola para a conquista de novas terras a serem anexadas ao reino e chega às terras que formariam o Novo Continente.

O período que se segue com a consolidação dos reinos de Portugal e Espanha, marca a expansão e a descoberta de novas terras e novas rotas comerciais.

A retomada do comércio das especiarias trazidas pelos árabes do Oriente chegava à Europa pelos portos situados no Mar Mediterrâneo sobretudo com os comerciantes da Península Itálica, a falta de metais preciosos (ouro e prata) para a cunhagem de moedas na Europa devido à intensificação do comércio. O avanço técnico e científico dos europeus no século XV, com o aperfeiçoamento do uso do astrolábio, da bússola, da caravela, da pólvora e do canhão, forneceram os instrumentais necessários para que se incentivassem as aventuras pelos mares a fim de descobrir novas rotas comerciais e novas terras a serem exploradas.

Esses fatos, aliados ao desejo de expansão territorial das Coroas Portuguesa e Espanhola e o apoio da Igreja, após a vitória sobre os muçulmanos, levantam a bandeira de ampliação da fé católica.

Financiadas pela Coroa e apoiadas pela Igreja, as Grandes Navegações do século XV marcam profundamente a passagem para novos e modernos tempos.

O desejo de alcançar as terras do Oriente contornando o continente africano, prende todas as atrações das frotas portuguesas. Lentamente, explora o litoral Atlântico deste continente, estabelecendo colônias e praticando o tráfico negreiro desde a primeira metade do século XV. Somente em 1488, o navegador Bartolomeu Dias ultrapassa o Cabo das Tormentas, extremo sul do continente africano. Mas a rota com as Índias, contornando a África, é alcançada somente em 1498 com Vasco da Gama.

Enquanto os portugueses empenhavam-se em atingir as Índias, contornando o continente negro, os espanhóis aventuravam-se rumo a oeste, com o objetivo de circunavegar a Terra, atingindo o Oriente pelo Ocidente. Tal fato consolida-se quando, em 1492, o navegador genovês Cristóvão Colombo, financiado pela Coroa Espanhola e pela Igreja Católica, desembarca na, hoje, América Central (ilha de São Domingos), contando ter chegado às Índias, denominando os habitantes desta terra de índios:

“Cristovão Colombo, achando que chegara ao Oriente, decidira chamá-los de índios – mas índios os portugueses [quando aqui chegaram] sabiam que não eram. O que seriam então esses ‘negros da terra’? Bons selvagens como sugeriu Pero Vaz de Caminha (e os filósofos Rousseau, Montaigne e Diderot ecoaram), ou antropófagos bestiais, como insinuavam outros cronistas? Defini-los de que forma, se alguns eram brutais e intratáveis com os Aimoré – que comiam carne humana ‘por mantimento e não por vingança ou pela antiguidade de seus ódios’ – e outros tão mansos e pacíficos como os Carijó, ‘o melhor gentio da costa’ ” (Bueno, 2003. p. 16).

Após o retorno de Cristóvão Colombo à Espanha e divulgadas as novidades e conquistas da viagem, o papa, que apoiou a partida desta esquadra, emitiu a bula *Inter Caetera* em maio de 1493, dando posse ao reino de Castela toda terra encontrada a 100 léguas a oeste da Ilha dos Açores e Cabo Verde.

Os estudos desenvolvidos pelos portugueses na escola de Sagres, onde estudavam cartógrafos, navegadores e astrônomos, que esboçavam a possibilidade de haver terras além mar, faz com que Portugal conteste a bula papal, alegando sair prejudicado com tal determinação. Uma longa negociação política e diplomática segue-se entre estes dois reinos, culminando no Tratado de Tordesilhas de 1494, onde se estabelece que a marca de 370 léguas a oeste da Ilha de Cabo Verde tomar-se-ia como divisória. As terras encontradas ou a encontrar a leste desta linha pertenceriam a Portugal e as terra a oeste teriam posseção da Espanha.

Tendo isto por certo, parte em março de 1500, Pedro Álvares Cabral com uma frota de caravelas, desembarcando a 22 de abril, do mesmo ano, no litoral daquelas terras que se tornariam o Brasil.

## **2.2. Ocupação Religiosa do Brasil**

Junto à frota de Pedro Álvares Cabral que partira de Portugal em março de 1500, partilhava-se aos 1500 patrícios encarregados de *'dilatara fé e o império'* lema português que acompanhavam as expedições. (cf. Willeke, 1974, p. 19). Composto a esquadra de homens e caravelas encontravam-se embarcados Frei Henrique Soares de Coimbra e mais 17 sacerdotes entre franciscanos e do clero secular.

“O destino de todos esses clérigos era a Índia. Quis porém a Providência que primeiramente participassem de um acontecimento único e inesperado. Eis que na terça-feira da Páscoa, dia 21 de abril aparecesse uma novidade inaudita: nas ondas do mar flutuavam ervas como sinais de terra vizinha, e no dia seguinte à hora da véspera, ergueu-se à grande distancia um monte que Álvares Cabral, na viva lembrança da ressurreição, há pouco festejada, apelida espontaneamente de MONTE PASCOAL, enquanto a terra, aos poucos visível e a evocar a semana santa, recebe o nome de TERRA DE VERA CRUZ”. (Willeke, 1974, p. 19).

É custoso o desembarque nas terras recém avistadas devido ao conhecimento da formação litorânea daquele lugar, somente em 24 de abril, passados dois dias do avistamento das terras é que se tornou possível aportar à Baía de Porto Seguro, desta a quatro léguas da cidade homônima atual. A permanência dos portugueses não estendeu-se muito, partindo novamente à dois de maio, almejando seu objetivo inicial: as Índias.

Mas neste ínfimo espaço de tempo que aqui permaneceram, propiciou o contato com os nativos desta terra: a tribo dos Tupiniquins.

“Neste primeiro encontro com os representantes das duas raças, tiveram os nativos ensejo se apreciar à bordo as mostras de luxo e nobreza como símbolos da autoridade e provas de uma cultura superior. Mas os filhos da selva ficaram insensíveis, preferindo e valorizando mais a cerimônia do domingo da pacoela que Frei Henrique e seus companheiros celebravam o ilhéu da Coroa Vermelha, na presença de cristãos e pagãos: a primeira missa do Brasil” (Willeke, 1974 p. 20)

Como é sabido, a Coroa Portuguesa não demonstrava muito interesse em ocupar as terras descobertas por Cabral logo de início, uma vez que a grande fonte de renda do comércio lusitano estava no comércio de especiarias com o Oriente.

Mas a descoberta do pau-brasil, nativo e abundante na Mata Atlântica recobria grande parte do litoral das novas terras, despertando um ínfimo interesse de Portugal que delegou a Fernão de Noronha a exploração dessa madeira.

Favorecidos por esse descaso das autoridades portuguesas e não fazendo conta do Tratado de Tordesilhas firmado entre Portugal e Espanha. Os franceses e holandeses despertam interesses por essas terras e suas riquezas, fixando-se em pequenos povoamentos ao longo do litoral, aproveitando o descaso português pelas terras recém-descobertas, na primeira década do século XVI.

Sem a vinda de navegantes para as terras brasileiras, também os missionários religiosos deixam de iniciar sua pregação junto aos índios.

Sem poder precisar a data, mas, ocorrendo entre 1516 e 1521, chegam os dois primeiros missionários franciscanos ao Brasil, já que a breve passagem dos descobridores não permitiu a catequese, ou seja, a implantação da fé cristã junto aos silvícolas baianos.

“Historicamente consta que, por volta de 1516, chegaram a Porto Seguro dois missionários franciscanos da Província de São Francisco de Portugal desenvolvendo uma breve catequese exemplar entre os Tupiniquins e prestando assistência espiritual aos colonos, soldados e degredados lusos. Os franciscanos construíram para o culto do divino a primeira igreja no Brasil, dedicando-a provavelmente a São Francisco de Assis. Deveriam ter passado mais ou menos dois anos quando numerosos índios receberam a água batismal, depois de bem instruídos na doutrina cristã e prontos para renunciar aos costumes e cultos incompatíveis com a nova religião” (Willeke, 1974 p. 21).

A harmonia entre os nativos e os brancos não durou por muito tempo naquelas paragens. Explorados pela ganância dos colonos que começavam os cultivos e as lavouras, utilizando-se do trabalho escravo dos indígenas que, habituados a viverem livres e sem nenhuma disciplina de padrões europeus do século XVI, não tardou muito para que esses hostilizassem os invasores de suas terras.

“Colonos gananciosos exploravam e oprimiam os ingênuos Tupiniquins e como a maldade desumana não conhece limites, os índios trataram de vingar-se, marcando uma feira de Porto Seguro para o extermínio de toda colônia lusa, sem exceção dos inocentes missionários” (Willeke, 1974, p. 23).

O conhecimento de tal fato foi relato por um pequeno grupo inferior a 30 índios batizados e sobreviventes que descreveram a vingança dos Tupiniquins aos padres jesuítas que chegaram posteriormente.

Juntamente com a ocupação das terras pelos europeus (padres, civis e bandeirantes) de denominação católica, o protestantismo também fez parte dos primeiros tempos de ocupação das terras brasileiras.

A presença do protestantismo no Brasil data do início de sua colonização, aliás, até mesmo um pouco antes dela, se quisermos ser rigorosos quanto às datas: a primeira aparição dele no cenário da Colônia Portuguesa deu-se em 1545, quatro anos antes da chegada do primeiro governador geral, em 1549. Regra geral, a história do protestantismo brasileiro é considerada pelos historiadores como começada no Brasil pré-independente, isto é, com a transferência da sede do Reino Português para o Rio de Janeiro. (Mendonça, 2004, p. 49)

Ainda no Brasil Colônia, os reformistas holandeses que ocuparam a costa nordestina em Olinda e se estabeleceram em Pernambuco em 1630, traziam em segundo plano as intenções de firmar sua religiosidade calvinista nas terras brasileiras. O primeiro interesse desses holandeses eram os comerciais, organizados pela Companhia das Índias Ocidentais. Mas, como parte integrante de conquista, estabelecem um culto reformado no nordeste, com sua estrutura eclesiástica formal, e após sua expulsão em 1654, deixaram muitas benfeitorias em Recife, herança do trabalho entre os indígenas, registrado por Padre Antonio Vieira como a “verdadeira Genebra de todos os sertões do Brasil” (Mendonça, 2004, p. 50)

Datado a partir de 1824, a chegada de diversos colonos alemães, suíços, inicialmente em Nova Friburgo no Rio de Janeiro e, posteriormente, as demais províncias do Império até o ao sul do país, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, além de Minas Gerais e Espírito Santo. Esses imigrantes eram luteranos, e se organizaram em igrejas sob esta identidade. Somente a partir de 1886, começaram a receber pastores vindos da Alemanha e passaram, então, a se organizar em forma de Sínodos. Surgiu então a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. (IECLB). (Mendonça, 2004, p. 52).

O mesmo autor destaca que um outro ramo do luteranismo surgiu no Brasil a partir de missionários vindos de Missouri (EUA), instalando-se a partir de 1904. Estes missionários abriram-se, desde logo para a cultura brasileira, realizando seus cultos também em português, constituindo a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

Mendonça (2004, p. 53), informa que tanto a IECLB como a IELB, buscaram uma integração cada vez maior na sociedade brasileira. Em 1946, a IECLB fundou a Faculdade de Teologia em São Leopoldo (RS), formando no Brasil os pastores que necessitavam para o cumprimento das obras da Igreja. O mesmo caminho percorreu a IELB, mantendo faculdades de Teologia em Canoas (RS) e São Paulo (SP) e a ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, com *campi* diversificados.

A missão metodista chegou também ao Rio de Janeiro, em 1836, mas somente em 1878 foi que se organizou a primeira Igreja Metodista, naquela cidade.

Também os Presbiterianos organizaram sua primeira Igreja em 1862. A missão presbiteriana recebeu um grande contingente populacional vindo do sul dos Estados Unidos, logo após a Guerra da Secessão, originando-se a partir disso a segunda missão presbiteriana em Campinas (SP) em 1870.

De posse destas informações, Mendonça (2004, p. 55) conclui que ao final do Período Imperial, todas as tradições históricas da Reforma estavam presentes e organizadas no Brasil.

### 2.3 A Expansão Religiosa no Paraná

Diferente da ocupação que ocorreu na Bahia desde os primórdios do século XV, o contato com os nativos ocorreu, sobretudo, guiado pelos padres missionários jesuítas espanhóis, devidos aos limites demarcados pelo Tratado de Tordesilhas, com exceção do litoral paranaense. Todo o interior era de domínio espanhol.

*Figura 1: Limite do Tratado de Tordesilhas*



Pelos limites do Tratado de Tordesilhas, as terras do interior do atual estado do Paraná, eram de domínio espanhol, o que justifica a presença dos missionários religiosos espanhóis nessas terras nos séculos XVI e XVII.

Fonte: [http://www.rpctv.com.br/paranaense/video.phtml?ProgDia=4&Servic\\_ID=&Video\\_ID=38983](http://www.rpctv.com.br/paranaense/video.phtml?ProgDia=4&Servic_ID=&Video_ID=38983)

Os primeiros contatos com os brancos espanhóis e portugueses em expedições que cruzavam o Paraná rumo ao Paraguai e Peru datam do início do século XVI, mas a ocupação humana pelos nativos da terra ultrapassa ordem dos milênios:

“7000 anos, de acordo com os vestígios materiais mais antigos encontrados pelos arqueólogos. Entretanto, se considerarmos a

cronologia dos territórios vizinhos que foram ocupados em épocas anteriores, é provável que ainda venham a ser obtidas datas que poderão atestar a presença humana em períodos mais recuados, podendo alcançar até 11000 ou 12000 anos atrás” (Mota e Noelli, 1999, p. 5)

Apesar de inúmeras pesquisas e o aprofundamento dos estudos sobre as antigas populações humanas que ocupavam as margens dos rios Tibagi, Ivaí e Piquiri muito lentamente se alterou a imagem do vazio demográfico que compunha esta região.

É possível encontrar relato das primeiras missões religiosas, promovidas pelas ordens agostinianas, franciscanas e dominicanas cujo primeiro contato com os indígenas buscava, a princípio, desenvolver um trabalho lingüístico e etnológico para compreender com profundidade aqueles que catequizariam posteriormente.

Nos séculos XVII e XVIII chegaram da Espanha também os missionários jesuítas, que, exerceram sobre os índios de suas missões, uma proteção vigilante, mas muitas vezes tirânica, forçando-os a viver em reduções e a trabalhar a terra, castigando-os com punições corporais. Poderiam ser considerados mais súditos de pequenas teocracias do que propriamente do rei da Espanha. (Chaunu, 1971, p. 36 op. cit. Robles, 2007, p. 52).

Impulsionados pelo zelo ardente de Inácio de Loyola (1491-1556), espanhol e soldado, a espiritualidade da Companhia de Jesus era pautada na disciplina, cujos membros eram convidados a integrar o “exército do Papa” contra as idéias pregadas pela Reforma Protestante, iniciada no século XVI por Martinho Lutero.

A presença jesuítica em terras brasileiras, ainda sob o domínio espanhol, datavam da primeira década do século XVII com o firme propósito da conversão dos indígenas ao catolicismo. As Reduções lideradas por esta ordem

“encarnava uma clara alternativa ao métodos existentes de evangelização pastoral e marcam uma ruptura com os conceitos que haviam prevalecidos desde o período da experimentação missionária na primeira metade do século XVI” (Barnadas, 1998, p. 521-551 op. cit. Robles, 2007, p. 53-54)

A presença dos jesuítas e o método utilizado por eles para a conversão dos indígenas não só se apresenta eficaz para a catequese como para a ‘civilização’ dos nativos.

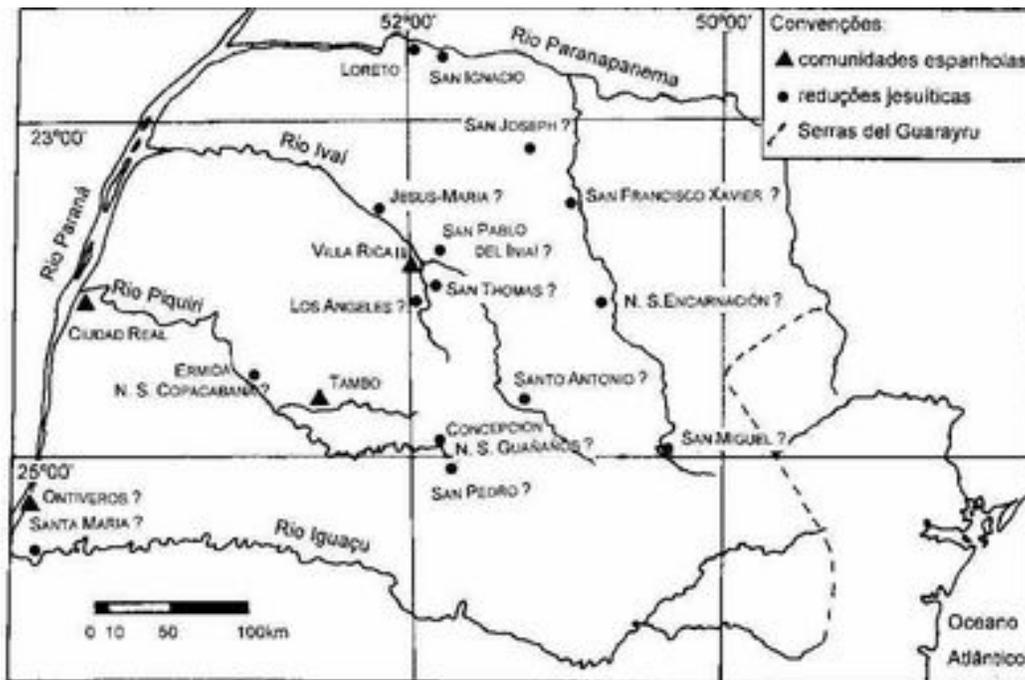
Romário Martins descreve como se deu esse processo:

“O sistema adotado pelo jesuítas para a conversão do gentio de Guairá assentou-se na vantagem da fundação de aldeias onde fosse constante a assistência dos religiosos, de preferência às visitas periódicas às sua tabas, como ocorrera até então. Às essas aldeias para onde removiam os conversos chamaram *reduções*. Ao tempo da conquista do sertão, *reduzir* índios era prepará-los, como faziam os bandeirantes, para vende-los ou escravizá-los em suas fazendas. Mas parece que ao denominarem *redução* às aldeias que fundaram, pretenderam os jesuítas significar que as constituíam *redutos*, isto é, defesas às intromissão dos perseguidores dos índios, pois que ao tempo, nas terras da coroa de Castela, à qual Guairá pertencia, o gentio era repartido pelos senhores brancos, sob o odioso regime da *Janacona* e da *Mitaya*, para que os servissem como escravos, ou simplesmente caçados como faziam os paulistas. Da idéia da *redução* sobreveio o alto pensamento de se construir, com o conjunto das *reduções*, uma república guarani, segundo o ideal da perfeição cristã, da qual foi Guaíra a construção fundamental, prosseguida depois nas missões orientais entre os rios Uruguai e Paraná, em grande parte do atual território do Rio Grande do Sul. Santo Inácio Maior, ao ocidente do rio Paraná, foi a primeira redução fundada de acordo com o novo sistema, e, a seguir, Loreto e Santo Inacio Mini, ao sul do Paranapanema, assumiram desde logo, a partir de 1610, a máxima preponderância na obra civilizadora exurgida no sertão sul-americano, ao ponto de, por ocasião de seu forçado abandono, revalizarem com as melhores povoações do Paraguai, contando a primeira novecentas famílias e a segunda, oitocentas. As igrejas eram maiores que as de Assunção e melhores os seus ornatos, tendo os moradores chegado ao grau de civilização a que se propunha o sistema (Martins, 1995a, p. 83-84, op. cit. Robles, 2007, p. 54).

Os estudos dos vestígios dessas reduções indicam que Ciudad Real ocupava as terras onde hoje está situado o município de Terra Roxa, enquanto Vila Rica do Espírito Santo

ocupava a área do atual município de Fênix. A redução de Santo Inácio, erguida na foz do rio Paranapanema ocupava a área do município de mesmo nome. Por sua vez, a redução de Nossa Senhora do Loreto situa-se na junção dos Rio Pirapó e Paranapanema, onde hoje está o município de Itaguajé.

**Figura 2: Mapa da localização das Reduções no Paraná**



Fonte: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62>

De acordo com suas localizações atuais e conhecida a abundância da floresta aqui existente, a comunicação entre estas reduções não era grande problema para os nativos que a faziam constantemente.

As reduções jesuíticas no Paraná foram, em muitos aspectos, o primeiro contato do índio nativo com o Novo Mundo e com a cultura européia. Contudo, outro contato com

o europeu, vindo, posterior ao trabalho dos religiosos, forneceram aos indígenas a visão da ganância européia.

Desiludidos com o pouco ouro encontrado em terras próximas ao Trópico de Capricórnio, os Bandeirantes passaram então a se dedicar ao aprisionamento dos indígenas “reduzidos” pelos jesuítas, para vendê-los como escravos. Esses bandeirantes retiraram dessas reduções cerca de 5.000 índios, em uma única investida comandada pelo sertanista Manoel Preto, cuja crueldade era conhecida por muitos.

A violência empregada por muitos sertanistas não intimidava os padres que, mesmo em menor número, resistiram a muitas investidas

Conseguindo que fossem devolvidos os índios catecúmenos, isto é, os que embora pagãos, estavam em fase de receber o batismo. Os invasores entendiam, como muitos brancos da Europa, que índios pagãos, não se distinguiam dos animais, merecendo, pois, a mesma sorte e podendo ser escravizado. (Robles, 2007, p. 63).

Algumas reduções como a de Encarnação, São Paulo, São Tome, Sete Arcanjos, conseguiram esvaziar-se antes da chegada dos bandeirantes. Os índios, juntamente com os padres, fugiram em balsa pelo Rio Paraná, rumando às atuais áreas do Paraguai e Argentina. “Os índios fabricaram, às pressas, setecentas jangadas, que se somariam às embarcações existentes a fim de oferecer transporte para todos” (Robles, 2007, p. 63).

Ao chegar às reduções despovoadas, a atitude dos bandeirantes era de destruir todas as construções erguidas ao longo de tanto tempo de trabalho. Nem todos os indígenas conseguiram escapar desses sertanistas “descontando o número de índios vendidos em São Paulo, só nos mercados de escravos do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, de 1629 a 1632, foram postos a venda mais de 60.000 cativos” (Robles, 2007, p. 63).

Esses índios juntaram-se a outros também fugidos das perseguições dos espanhóis, formaram uma nova redução nas áreas banhadas pela águas dos rios Uruguai e Paraná, nas atuais fronteiras entre Brasil e Argentina, cujas ruínas nos remetem ao conjunto conhecido como Sete Povos Missões.

O fim da disputa por essas terras só ocorreu com um novo tratado acordado entre Portugal e Espanha, o Tratado de Madri de 1750, substituindo o antigo Tratado de Tordesilhas de 1494, ou seja, de que as terras a leste do Rio Paraná pertenceriam finalmente à Portugal.

#### **2.4. Formação da Cidade de Maringá e o Simbolismo Religioso**

Diferentemente do tipo e ocupação do país, os relatos de colonização no norte do Paraná confundem-se com a trajetória da Companhia Colonizadora, apesar dessa área contar com presença humana ultrapassando dois milênios

Os **60** anos de Maringá são ínfimos em relação aos mais de 2000 anos de presença Guarani, Xokleng ou Kaingang. Menos significativos, ainda, se comparados aos 7000 anos da presença da população que os arqueólogos denominam como 'Tradição Humaitá' (Motta e Noeli, 1999 p. 6) – *grifo nosso*.

A informação desses pesquisadores vem favorecer os relatos deixados pelos primeiros, que chegaram por esta região para realizar a abertura da mata visando a comercialização das terras, como se percebe no relato, a seguir, deixado por Gordon Fox Rule, funcionário da Companhia Colonizadora:

Certa vez paramos na estrada para encher de água o radiador de nosso fordeco e de repente ouvimos de todos os lados, vindos da mata, o som de paus batendo nas árvores. Eram os índios que então existiam arredores do que viria a se nossa progressista Londrina de hoje. Isso foi em 1930. Lembro-me bem de que

todos queriam correr, mas eu os acalmei e disse que fizéssemos tudo com naturalidade. Ouvíamos os índios, mas não podíamos vê-los. Pouco a pouco nos aproximamos do automóvel, sempre ao som das batidas nas árvores, enchemos de água o radiador e zarpamos a toda velocidade. (Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, 1977, In: Robles, 2007, p. 49).

Assim, é possível identificar, não somente os indígenas e posseiros que ocupavam as terras do norte do Paraná, como em diversas áreas já registrava a presença de pioneiros no século XIX. Estes, como observa Moro (1998), eram mineiros e paulistas que ocupavam as áreas de terra roxa, e destaca dois motivos que provocaram a vinda dessas pessoas: a Guerra do Paraguai, cujas famílias se deslocaram para os filhos não serem convocados pelo exército e, outro, a existência de terras devolutas, possibilitando o aparecimento da lavoura de café nos moldes das grandes propriedades paulistas (Grzegorzcyk, 2000, p. 2).

A Companhia que realizou a colonização na região conhecida como norte do Paraná, não tinha, inicialmente, o interesse em despender nessa área o projeto imobiliário que se desenvolveu. O primeiro interesse, atendendo ao convite do governo brasileiro em 1924, era a aquisição de terras para a produção de algodão, logo após a Primeira Guerra Mundial, atendendo a demanda necessária para as indústrias têxteis inglesas. A fertilidade do solo da região norte do Paraná despertou grande interesse de Lord Simon Lovat, que adquiriu, de imediato, duas glebas para iniciar a produção de algodão. Mas, esse empreendimento não prosperou. Para não perder o investimento que já havia sido realizado (compras de terras e de máquinas beneficiamento de algodão), alterou-se da produção de algodão para um projeto imobiliário nas terras adquiridas anteriormente.

Então, organizou-se na Inglaterra a “Paraná Plantations Ltd. com uma subsidiária no Brasil denominada “Companhia de Terras Norte do Paraná<sup>3</sup>”. (cf. Padis, 1981, p. 90-91)

Os anos que se seguiram após a redefinição da atuação da empresa como colonizadora, foram marcados pela Segunda Guerra Mundial, o que levou, por motivos de segurança nacional, o governo brasileiro a proibir a propriedade da terra por estrangeiros. A alternativa encontrada pela companhia inglesa, nesse momento, foi sua venda para um grupo de capitalistas paulistas, que, já intimamente a ela vinculado, levou a cabo o projeto inicial, direcionando-o no mesmo sentido e assumindo as mesmas características previamente determinadas.

Vencidos os impasses burocráticos, seguiu-se o processo de compra das áreas que seriam posteriormente colonizadas. Em 1925 foram adquiridas duas glebas de terras: uma, de 350 mil e outra de 100 mil alqueires. Nos três anos seguintes outras três foram adquiridas cujas dimensões eram de 15.017, 30 mil e 20 mil alqueires. Em 1944, outra gleba de 29 mil alqueires fora adquirida em separada das anteriores. As terras adquiridas pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná corresponderam à décima - sexta parte da área total do Estado do Paraná a melhor porção em termos de qualidade de solo. (cf. Padis, 1981, p. 91)

Não somente a CTNP atuou para a colonização da região norte do Paraná, como, nenhuma outra empresa atingiu tanto sucesso quanto essa. Ao adquirir as glebas diretamente do governo do Estado, este forneceu condições especiais, a um preço

---

<sup>3</sup> A companhia denominada inicialmente de Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), de capital inglês. Devido a diversas medidas adotadas pelo governo Federal, que dificultavam na época a saída de dividendos e a repatriação de capitais no país de origem, por causa da guerra, levava a venda para um grupo de capitalistas brasileiros, em 1944, e passou a denominar-se, em 1951, de Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). (Grzegorzcyk, 2000)

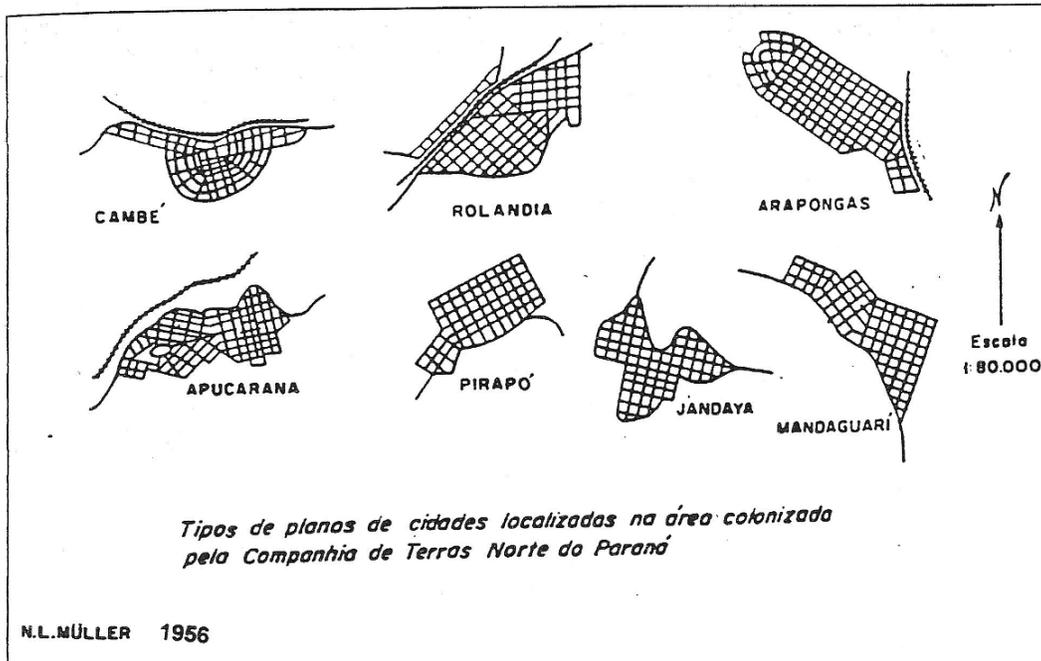
relativamente baixo e um bom prazo para o pagamento. Conseqüentemente, pôde-se transferir parcialmente essas facilidades para os migrantes que se deslocavam para a região. Mesmo não possuindo muito capital, encontravam com isso a possibilidade de tornar-se donos da terra e os lotes rurais, poderiam ser pagos em até quatro anos. Muitos conseguiram quitar o financiamento com o lucro das primeiras colheitas de café. (Grzegorzcyk 2000, p. 4),

Os responsáveis pela Companhia Colonizadora sabiam que para o sucesso deste empreendimento, era necessário ligar a região por meio da estrada de ferro e de rodovias a São Paulo. Então, tomou-se o cuidado para direcionar o recorte das rodovias e dos trilhos para a capital paulista. Assim, em 1928, os trilhos já atingiam a cidade de Cambará. Vencido o obstáculo da construção da ponte sobre o rio Tibagi, em 1943, o trem chegou à Apucarana. “A estrada de ferro e a rodovia estendiam-se quase, paralelamente, ao longo do espigão principal do Norte paranaense, entrelaçando numerosos núcleos urbanos que iam surgindo rapidamente, pouco distanciados uns dos outros”. (Padis, 1981, p. 93)

A rigor, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, instalou nas terras adquiridas por ela, um novo conceito de colonização. A instalação de núcleos urbanos planejados, de médio porte mais ou menos equidistante 100 quilômetros, dotados de um setor terciário razoável. Uma das estratégias da Companhia, era favorecer para que as cidades planejadas por ela desenvolvem diversas funções urbanas de interesse da população. Quanto maior a complexidade de funções, maior a necessidade de deslocamentos, pois estas são geralmente encontradas em centros maiores. (Grzegorzcyk 2000, p. 5). Surge assim Maringá (1947), Cianorte (1953) e Umuarama (1955). No entorno destas e de Londrina, surgem centenas de pequenas aglomerações urbanas, em sua grande maioria,

planejadas pela Companhia, distantes aproximadamente 15 quilômetros uma da outra, contabilizando um total de 110 núcleos urbanos, muitos dos quais se tornaram pequenas cidades. (Padis, 1981)

**Figura 3: Esquema das cidades planejadas pela Companhia**



O esquema mostra a importância dada pela Companhia ao transporte (linha férrea) para o escoamento da produção e comunicação com outras regiões.

Fonte: Grzegorzcyk 2000, p. 6

Não somente a estratégia para a colonização desse espaço, no que tange o planejamento urbano empreendido pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, atingiu o sucesso, como também, o que foi desenvolvido no meio rural que apresentou grande relevância. Endlich e Moro (2003, p. 14), destacam que a “viabilização desse empreendimento deve-se em parte, ao loteamento em pequenas propriedades rurais, que poderiam ser destinadas à cafeicultura. As dimensões limitadas exigiam pouco capital e, em geral, a mão-de-obra familiar era suficiente”.

Esse modelo de ocupação rural também é destacado por Luz (1997, p. 42), quando expõe a dinâmica utilizada para o traçado das propriedades rurais, deixando claro que uma das preocupações da Companhia Colonizadora era quanto à comunicação e ao escoamento da produção.

"lotes de largura variável, desde o topo das elevações até os fundos de vale, ao longo de toda encosta incluindo todos eles uma parte de baixada e uma de espigão. Contavam ainda com água corrente e acesso por estrada de rodagem. Não havia, portanto, servidão ou propriedades encravadas. Na parte de baixada o colono construía sua casa, plantava um pomar, uma horta, encravava um pasto, enfim, produzia o necessário para a subsistência. Nos trechos mais elevados, menos atingidos pelo frio, estendia-se um cafezal, principal fonte de renda".

A conjuntura desenvolvida através do planejamento realizado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, preocupou-se com as vias de acesso para esta região, facilitando a aquisição dos lotes, tanto rurais quanto urbanos, associado à boa qualidade do solo e ao momento de expansão da economia cafeeira para além do estado de São Paulo. Culminou também, numa grande atração populacional para esta região. Segundo Damiani (2001, p. 62), os grandes deslocamentos voluntários ocorrem, de forma genérica, devido à pressão demográfica, onde um local não gera mais o rendimento necessário para a manutenção dos indivíduos. Estes buscam, então, novos locais, onde podem, em tese, obter melhores rendimentos como fruto de seu trabalho.

Assim, a região norte do Paraná, onde se localiza a cidade de Maringá, foi na década de 1940 e nas seguintes, um centro de atração populacional e crescimento demográfico, conjugando uma heterogeneidade de etnias, nacionalidades, grupos, costumes, hábitos, religiões, culturas...

Essa atração populacional não foi sentida apenas no aumento da quantidade de moradores que o município de Maringá recebeu de forma geral. Nas duas primeira

décadas de abertura da cidade, o campo é responsável pela acolhida desta população, como se pode observar na Tabela 1.

***Tabela 1 – Evolução da População Urbana e Rural do município de Maringá.***

	1950	%	1960	%	1970	%	1980	%	1990	%	2000	%
U	7.270	18,84	47.592	45,71	100.100	82,47	160.645	95,51	233.732	97,41	283.978	98,38
R	31.318	81,16	56.639	54,29	21.274	18,53	7.549	4,49	6.198	2,59	4.675	1,62
T	38.588	100	104.231	100	121.374	101	168.194	100	239.930	100	288.653	100

Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 (contagem da população) e 2000. Organização: Costa, 2001. In. Moro, 2003, p. 54.

Para compreender o processo do êxodo rural e os impactos que este causaram à urbanização de Maringá, torna-se necessário o entendimento dos motivos que estimularam esse movimento migratório.

Santos (1989), avaliou a urbanização dos países subdesenvolvidos e destacou que a elevada taxa de crescimento vegetativo, tanto no campo quanto na cidade, conseqüência da melhoria ocorrida nas instalações e atendimento médico-sanitárias, reduzindo a mortalidade infantil, aliada à transformação tecnológica, econômica e social ocorrida no campo. Grzegorzcyk (2000, p. 7) elenca dois fatores, aliados à queda do preço dos produtos agrícolas, à mecanização e à concentração fundiária, como determinantes para o processo do êxodo rural, na região norte do estado do Paraná.

Nas décadas seguintes à instalação da cidade de Maringá, a região sofre com uma crise na cultura de café, ocasionada tanto pela queda dos preços quanto pelas seguidas geadas<sup>4</sup>. Devido à boa estruturação do setor terciário, essas que deixaram o campo se

<sup>4</sup> O início da década de 1970, foi marcado pela ocorrência de inúmeras sendo a mais forte ocorrida em setembro de 1975, queimando grande parte dos cafezais do norte do Paraná. (Maringá, Londrina, Umuarama).

transferiram para a cidade de Maringá, e esta acolheu não somente os moradores de sua zona rural como novos migrantes que buscam prosperidade no Norte do Paraná.

Pereira (2007, p. 24-25), identifica a atividade profissional dos pioneiros que chegam a Maringá e reconhece nesse grupo “metalúrgicos de São Paulo, tecelões do Rio de Janeiro, gráficos mineiros e também nordestinos, acostumados com o trato da terra e dos animais, chegam também imigrantes japoneses, italianos, alemães, espanhóis, portugueses, árabes”.

Muitos colonos que mantinham suas religiões, favorecidos pela postura do Estado liberal republicano, passaram a garantir legalmente livre exercício dos grupos religiosos (Gruman, 2005, p. 100). Pereira (2007, p. 25) reforçou que a manutenção de suas religiões favoreceu uma reconstrução grupal e exemplificou: “os alemães procuravamunir-se em torno da religião Luterana. (...) Essa movimentação e a grande mescla cultural presente no local vieram a promover o aumento e o interesse por outras religiões. Assim a região também abrigou a heterogeneidade religiosa”.

Os estudos realizados sobre a formação da cidade de Maringá, no que tange seu crescimento, desenvolvimento, política, importância no quadro estadual e nacional, é visto, quase em sua totalidade, a partir de uma análise secular. Para Garutti (2006), Pereira (2007) e Robles (2007), uma personalidade, que chegou também nos primeiros anos da formação dessa cidade, auxiliou, juntamente com os agentes seculares, o crescimento e desenvolvimento da cidade de Maringá. D. Jaime Luiz Coelho, foi o primeiro bispo de Maringá que ficou à frente da Diocese de Maringá de 1957 à 1997.

## 2.5. Fundação da Igreja em Maringá

Na história da Igreja Católica no Brasil, Maringá tornou-se uma exceção: nenhuma outra cidade com apenas oito anos de existência fora elevada à categoria de Diocese como também a receber seu próprio bispo com menos de 10 anos.

Notória é a exceção de Maringá, visto que no final do século XIX, o Brasil contava apenas com doze dioceses. Eram os tempos finais do Império, início da República no país, muito havia por se desbravar, muito por se ocupar.

Nos primórdios da ocupação, em 1551, Salvador é a primeira circunscrição eclesiástica<sup>5</sup> do Brasil, sendo a única do país então e sufragânea<sup>6</sup> da arquidiocese de Lisboa, do outro lado do Atlântico.

Em 1575, Rio de Janeiro torna-se prelazia<sup>7</sup> de Salvador tendo sua jurisdição eclesiástica delimitada pelo rio Jequitinhonha ao rio da Prata, desmembra-se de Salvador em 1676, tornando-se diocese. Em 1745, desta diocese, desmembra-se a de São Paulo, que abrangia todo o sul do país e parte o Uruguai atual.

---

<sup>5</sup> São divisões territoriais e administrativas cujo objetivo é organizar e tornar mais eficaz a administração da Igreja Católica. Comunidades eclesiais locais em plena comunhão com Roma e com o Papa (fonte: <http://www.diocesedesantos.com.br>)

<sup>6</sup> Diocese dependente de uma sé metropolitana, dirigida por um arcebispo metropolitano, constituindo, com a sé metropolitana e com outras dioceses sufragâneas, uma província eclesiástica. O termo sufragâneo vem provavelmente de que antigamente os bispos de uma província eclesiástica tinham a faculdade de eleger os bispos de sua província (do latim *suffragari*, eleger, votar em alguém). (fonte: <http://www.diocesedesantos.com.br>)

<sup>7</sup> Território com clero e povo separado, por razões especiais, de uma diocese, no qual um sacerdote (Prelado) - em geral revestido da dignidade de Bispo - exerce jurisdição equiparada a de um Bispo diocesano. A Prelazia territorial é equiparada à Igreja particular (v.). Antigamente denominava-se prelazia *nullius dioeceseos*, ou simplesmente prelazia *nullius*, isto é, prelazia não pertencente ao território de nenhuma diocese. As prelazias territoriais não são necessariamente território de transição para a categoria de diocese (na Itália existem as prelazias territoriais de Pompéia e Loreto, constituídas em caráter estável). No Brasil, entretanto, todas as prelazias territoriais atualmente existentes (num total de 14) passarão à qualificação de diocese, quando alcançarem o devido desenvolvimento (fonte: <http://www.diocesedesantos.com.br>)

O Paraná, a exemplo do Brasil iniciou a sua ocupação a partir do litoral, sendo erguido as povoações de Paranaguá (1648), Curitiba (1668) e Antonina (1714). Em abril de 1892, Curitiba, até então paróquia de São Paulo eleva-se à condição de Diocese, compreendendo os estados de Paraná e Santa Catarina até 1908, donde desmembra-se a diocese de Florianópolis, abrangendo todo o estado de Santa Catarina.

Do ponto de vista da organização eclesiástica, portanto, desde o descobrimento do Brasil até 1575, o Paraná pertenceu à diocese da Bahia. De 1575 até 1676, por 101 anos, fez parte da prelazia do Rio de Janeiro. Entre 1676 e 1745 continuou adscrito não mais à prelazia, mas à já diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Depois ao longo de quase 150 anos, de 1745 a 1892, pertenceu à diocese de São Paulo, mesmo depois da emancipação política da Província do Paraná. Por último, desde 1908 até 1926, o Estado inteiro compôs o território da diocese de Curitiba, sufragânea da arquidiocese de São Paulo. (Fedalto, 1956, f. 14-16; 41-52. Op. cit. Robles, 2007, p. 94).

Neste período as terras que compreendem Maringá, recobriam-se ainda por sua mata original, seu solo de terra roxa, não chamava até então, a atenção dos colonizadores.

A posse das terras do interior do Paraná percorrerá outro caminho. A constituição promulgada em 1891, após a proclamação da República, concedia em seu artigo 4º a posse das terras devolutas aos Estados, desde que nestes situados, podendo seu destino ser negociado por leis próprias. O Paraná, assim, determinou em 1892 a Lei Estadual nº 68, dando direito de posse às terras de sesmarias ou concedidas pelo governo aos seus sesmeiros ou concessionários, desde que apresentassem cultura permanente na mesma. Isso desencadeou um processo de grilagem e posse de terras alheias, pois anteriormente a essa lei, já se havia registro de fazendeiros paulistas e mineiros, que aqui adentraram pelo baixo e médio curso do rio Ivaí, iniciando o plantio de café, divulgando ‘aos ventos’ a notícia da presença de manchas de terra roxa nessa região.

A forma como ocorreu o surgimento de Maringá, uma cidade planejada, cuja localização e o traçado já haviam sido definidos antes mesmo da derrubada da primeira árvore, implica a maior dificuldade enfrentada pelos primeiros habitantes, uma vez que não havia nenhuma estrutura para atender essas pessoas. Fresca (2004, p.48), destaca que a fundação das cidades desse período e a formação do futuro núcleo urbano, constituía-se de uma capela, uma praça e a população concentrava-se no entorno. O Cruzeiro, presente na praça da Igreja, simbolizava a sacralização do espaço, revelando que

A religiosidade é construída socialmente, por meio da inserção de imagens mentais, informações orais, representações físicas, simbólicas e discursivas entre outras estratégias. (...) A manipulação do imaginário social pela Igreja procurava redefinir as identidades e forjar uma nova sociedade e novos homens. A Igreja procurava, dessa forma, fazer-se presente e impor suas normas e seus valores. (Marin, 2001, p. 167).

Nesse quadro inicial da cidade, Garutti (2006, p.16) identificou a chegada nessa região de muitos jagunços e peões derrubadores de mato, que vinham sem suas famílias. Para se manter a ordem era necessária apenas a polícia e a política.

A Igreja Católica, enquanto uma instituição oficial e reguladora da sociedade, faz-se presente somente quando chegam a essa região os primeiros colonos e “legítimos donos” das terras. (Garutti, 2006, p.16)

O sentimento religioso inerente ao homem ajuda-o a conceber e direcionar sua vida sempre visando a melhorá-la. Assim, esse sentimento, como destaca Durkheim (1989) acabou por auxiliar o homem a enfrentar as adversidades com mais confiança, e ainda revelou que sua ausência, poderia gerar uma situação adversa.

Esse sentimento concretizou-se em uma comunidade quando esta sente a necessidade de um local para o culto coletivo. Em Maringá, a primeira capela que se tem registro é a Capela São Bonifácio<sup>8</sup>, construída na fazenda de mesmo nome, de propriedade do padre Emílio Clemente Scherer, que chegou a essa região em 1938, da Alemanha, fugindo do nazismo que deflagraria a Segunda Guerra Mundial. A fazenda São Bonifácio, de 200 alqueires, localizava-se na gleba Ribeirão Pinguim, atualmente nas proximidades do bairro Cidade Alto. A construção da capela de 70 m<sup>2</sup> erguida com a madeira da mata circundante e fiscalizada por padre Emílio foi concluída em fevereiro de 1940, integrando, naquela ocasião, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Mandaguari.

Nessa ocasião, como destaca Robles (2007, p. 106), era padre Emílio quem prestava toda a assistência religiosa aos primeiros moradores da cidade. Sanches (2002) destacou ainda sobre a Capela São Bonifácio que a frequência dos fiéis ao templo era intensa, pois não havia outra nas imediações.

Ao contrário do que muita gente considera a Capela Santa Cruz como a primeira Igreja em Maringá, esta foi erguida somente em 1946, também com o apoio de padre Emílio, que contrariando o desejo dos diretores da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, preferiam levantar uma Igreja no Maringá Novo (Robles, 2007, p. 106). Porém acabaram cedendo ao apelo dos primeiros moradores, que “começaram a pensar em erguer a sua própria igreja. Com a colaboração de todos – uns com seu trabalho, outros com o material necessário – construiu-se a capela ainda hoje existente naquele antigo bairro” (Luz, 1999, p. 132).

---

<sup>8</sup> Atualmente a capela São Bonifácio está tombada pelo patrimônio histórico da cidade de Maringá e abriga o Santuário de Nossa Senhora Três Vezes Admirável de Schoenstatt.

Esse antigo bairro ao qual a autora se refere é o Maringá Velho e a Capela é a Capela Santa Cruz.

A construção desta igreja não estava de acordo com o planejamento ecológico da Companhia, que conservara a quadra para um colégio e não para uma igreja matriz. Padre Emílio, porém, que mandava e desmandava conforme seu bel-prazer, não respeitou os interesses da Companhia. Está aí a razão do porquê de, mais tarde, a igreja deixar de ser o centro paroquial e se tornar capela do Colégio das Irmãs. (Probst, 1998. In. Robles, 2007, p. 106).

A população maringaense nos primeiros anos de formação da cidade não era homogeneamente de católicos apostólicos romanos. Havia também inúmeras famílias evangélicas, e estas promoviam seus cultos em residências, suprindo assim a falta de templos. Três igrejas foram pioneiras em Maringá: a Presbiteriana Independente, a Assembléia de Deus e Igreja Metodista.

O trabalho de evangelização dessas denominações religiosas iniciou-se tão logo seus fiéis se instalaram. Contudo, somente em 1947, a primeira igreja evangélica ergueu seu templo, a Igreja Presbiteriana, na atual Rua Santos Dumont. (Garutti, 2006, p. 38)

Nesse ensaio pesquisou-se a história de desenvolvimento de quatro denominações religiosas em Maringá, a saber, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Assembléia de Deus e Igreja Congregação Cristã no Brasil, além da Igreja Católica.

A escolha dessas, se deu após o trabalho de campo realizado entre setembro de 2009 e março de 2010, ao identificar uma maior quantidade de templos dessas denominações na cidade de Maringá.

Através das entrevistas de campo, identificou-se que estas Igrejas chegaram no início da formação da cidade, um dos fatores que justifica seu crescimento entre a população que e a disseminação de seus templos para várias regiões da cidade.

A rigor, podemos afirmar que Maringá acolhe praticamente a maioria das religiões tradicionais do Brasil e também diversos centros espírita, como pode ser observado através da Tabela 2, que relaciona os templos religiosos existentes na cidade de Maringá, cujo funcionamento é autorizado pela Prefeitura Municipal mediante a liberação do alvará. Poucas são as denominações não cristãs existentes na cidade. (Garutti, 2006, p. 38)

Pouco se analisou sob a ótica da influência da Igreja Católica na organização social e política da cidade de Maringá, mas é sabido que a CMNP, via com bons olhos e desejava atrair colonos católicos e ordeiros, intencionando que se consolidasse uma sociedade purificada, homogênea, moralizada, pacífica e moderna para a cidade em implantação. Por parte da Companhia, houve a doação de terrenos para a construção dos terrenos e para a construção dos prédios necessários à Igreja Católica. (Pereira, 2007, p. 25).

***Tabela 2: Templos Religiosos com Alvará em Maringá***

<b>Denominações Religiosas</b>	<b>Quantidade</b>
Luterana	1
Centros Espíritas	4
Metodista (e segmentações)	4
Quadrangular	4
Adventista ( e segmentações)	6
Associações Religiosas	8
Missionária (diversos segmentos)	10
Oriental (diversos segmentos)	10
Batista (e segmentações)	11
Pentecostal (diversos segmentos)	13
Congregação Cristã no Brasil	15
Mitra Arquidiocesana de Maringá	17
Presbiteriana (e segmentações)	17
Igreja Evangélica Assembléia de Deus	19
Denominações Neo-Pentecostais	42
<b>Total</b>	<b>181</b>

Fonte: Prefeitura Municipal de Maringá  
Organização: Carla Rubino, 2010.

A CMNP, doou em 1952 para a Paróquia Santíssima Trindade por título de Mitra Diocesana, os seguintes terrenos:

- um alqueire de terra ao lado do cemitério para a construção de um Ginásio Diocesano.
  - um alqueire de terra entre Maringá Novo e Vila Operária para a construção de uma Santa Casa como propriedade da Mitra Diocesana.
  - todo terreno necessário para a construção da nova igreja Matriz conforme a planta que for apresentada pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano.
  - um quarteirão inteiro para o futuro colégio feminino em Maringá Velho, i.e. o quarteirão onde atualmente fica a Igreja Santa Cruz com a casa paroquial anexa.
  - uma data vizinha à área da Casa paroquial, para a possível ampliação da mesma.
- Reservou-se à Companhia o direito de passar as escrituras até o dia, em que a Mitra ou paróquia tomar posse dos terrenos para as respectivas finalidades. Além disso o superintende da Companhia prometeu reservar mais dois quarteirões para os futuros projetos do Exmo. Sr. Bispo, no bairro residencial que hoje ainda é mato fechado. (Robles, 2007, p. 124)

Maringá, no início de 1950, crescia em ritmo acelerado. O Maringá Novo já contava com a existência de vários estabelecimentos comerciais, bares, hotéis e várias casas. A Companhia realizava diariamente diversos bons negócios e a estrada de ferro se aproximava cada dia. Assim, em 18 de abril do mesmo ano, criou-se a paróquia da Santíssima Trindade. O local destinado a esta paróquia, seguia o traçado urbanístico, no centro, um local notável, que lhe trouxe importância e imponência. Anos mais tarde tornar-se-ia a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória. (Pereira, 2007, p. 30).

Uma grande parte da população maringaense era composta por imigrantes, que traziam consigo suas religiões e crenças. Esse teria sido um dos motivos da grande dificuldade de se arrecadar doações junto a população para a construção da nova paróquia. No início das obras, por volta dos anos de 1950, os políticos ligados a Companhia colaboraram com donativos e operários. Contudo, a população católica em geral contentava-se com a capela do Maringá Velho, seu interesse voltava-se para outros atrativos, como cinemas e bares.

Quanto aos protestantes que chegavam a Maringá, como os batistas, presbiterianos, adventistas, iam se reunindo e organizando-se em casas improvisadas, enquanto não construía seus templos. (Pereira, 2007, p. 30-32). Assim, a assistência religiosa na cidade começava a se estruturar.

A política da Igreja Católica, não só em Maringá, mas em toda sua territorialidade, era de fortalecer sua presença, aumentando a capacidade de cobertura doutrinal, principalmente em regiões com crescimento acelerado. Nesse contexto, Maringá, encontrava-se não só com expressivo desenvolvimento agrário, político, empresarial, demográfico, mas também campo fecundo para a consolidação da Igreja Católica em solos paranaenses. (Pereira, 2007, p. 41)

Com essa visão e tencionando exercer o controle sobre esse território, D. Geraldo de Proença Sigaud, bispo de Jacarezinho, cuja diocese Maringá estava ligada, não desamparou a população quanto à assistência religiosa. Não dispozo abundantemente de clero secular, convidou diversas Ordens e Congregações Religiosas para atender espiritualmente ao povo de Maringá. Assim, em 1956, quando é criada a diocese de Maringá, já se encontravam atuando nessa cidade...

Palotinos, Jesuítas, Capuchinhos, Carmelitas e Josefinos, em Paróquias e Irmãos da Misericórdia de Maria Auxiliadora, na Santa Casa de Maringá, Irmãs Carmelitas da Caridade, em colégios de Maringá e Mandaguaçu, Irmãs Franciscanas da Sagrada Família, em Mandaguari, Irmãs Franciscana de Bonladem, no colégio em Alto Paraná, Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Terezinha, num Jardim de Infância em Paranavaí e Graciosa e as Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, na Santa Casa e em trabalhos paroquiais em Maringá. (Arquidiocese, 1997, p. 43).

Em março de 1953, Dom Manuel da Silveira D'Elboux, arcebispo de Curitiba, convocou uma reunião com todos os bispos do Paraná<sup>9</sup>, que compareceram sem falta. Dentre diversos assuntos, D. Manuel da Silveira D'Elboux apresentou a necessidade de se criar duas novas dioceses no Norte do Paraná: Maringá e Londrina. A princípio gerou-se resistência do bispo de Jacarezinho, Dom Geraldo de Proença Sigaud, uma vez que ele se preocupava com a construção do seminário em sua diocese, cuja pedra fundamental fora lançada em maio de 1950, e temia a redução significativa de arrecadação.

Contudo, Dom Manuel da Silveira D'Elboux, mantendo-se irredutível em seu propósito de criação das duas novas dioceses no norte pioneiro, desejou, preferencialmente, que

---

<sup>9</sup> À época, o Estado contava com apenas mais duas dioceses: Ponta Grossa e Jacarezinho, e seus bispos D. Antonio Mazzarotto e Dom Geraldo de Proença Sigaud, respectivamente; e duas prelazias: Foz do Iguaçu e Palmas com seus bispos prelados: Dom Manoel Koenner e Dom Carlos Eduardo de Sabóia Bandeira de Mello. (Robles, 2007, p. 136)

estas fossem ocupadas por bispos moços, “que nelas iniciassem seu ministério episcopal, trazendo o entusiasmo da juventude para as Igrejas onde tudo estava por ser feito”. (Robles, 2007, p. 136).

Dom Manuel da Silveira D’Elboux, também sugeriu, além das cidades, sedes das dioceses no Norte do Paraná a serem criadas, o nome dos candidatos, posteriormente eleitos a ocupar o cargo nas duas sedes episcopais. Atendido pelo núncio apostólico nas duas indicações, ficaram Padre Geraldo Fernandes Bijos, CMF, para a diocese de Londrina e o monsenhor Jaime Luiz Coelho, então cura da Catedral de Ribeirão Preto, para a diocese de Maringá. (Robles, 2007, p. 137).

E assim seguiram-se todos os encaminhamentos eclesiais e em 1º de fevereiro de 1956, o então papa Pio XII, publicou a bula “*Latissimas Partire Ecclesias*” criando oficialmente as dioceses de Londrina e Maringá, e confirma o monsenhor Jaime Luiz Coelho, como primeiro bispo da Diocese de Maringá, cargo que ocupa até julho de 1997.

A cidade de Maringá preparou-se para a recepção e posse de seu primeiro bispo, o que ocorreu no dia 24 de março de 1957. Com uma multidão aguardando, Dom Jaime desceu do avião no campo de pouso existente na Avenida Brasil. Uma carreta seguiu-o em carro aberto até a Catedral. Num palanque, defronte à Catedral, realizou-se a cerimônia de tomada de posse da diocese encerrada com a benção do Santíssimo Sacramento. E por fim, ocorreu a entrada solene do bispo na catedral, ainda de madeira. (Robles, 2007, p. 139).

Encerrada as solenidades, os dias que se seguiram foram de muito trabalho, não somente para o campo religioso, como também em todos os aspectos para o

desenvolvimento de uma cidade, que estava com apenas 10 anos de fundação e muito por se fazer.

O diretor da CMNP, Sr. Alfredo Nyffeller, revela que

nos primeiros anos a cidade não diferia das demais que abrimos no Norte do Paraná. Ruas de terra, mal definidas e com terrenos de um lado ao outro onde se viam raízes e troncos semicarbonizados. Muita poeira em dia de sol e lama até os tornozelos em dias de chuva. Era uma beleza ver a mata de pertinho: altas perobas, figueiras, paus-d'álho, tudo ao alcance dos olhos, bastando chegar à janela. Havia muitos veículos de tração animal: charretes e carroças. E muita gente andava a cavalo. (Luz, 1999, p. 137-138).

A criação das dioceses de Maringá e Londrina surgiram como uma resposta às necessidades da Igreja Católica no Brasil que, desde o início do Período Republicano no Brasil, passou a ter seu poder desatrelado ao poder do Estado. Então buscou reorganizar-se internamente visando garantir a condições de subsistência e manutenção de sua estrutura e continuidade de sua influência na sociedade brasileira.

Para isso, entre os anos de 1890 e 1930, foram criadas cinquenta e seis dioceses, dezoito prelazias e três prefeituras apostólicas, sendo designados no mesmo período, mais de cem bispos para atender a essa nova demanda. Essa estratégia eclesiástica buscou fechar o cerco em torno do território nacional. O desejo era de se revigorar os serviços religiosos, não abrindo espaço para a criação de movimentos heréticos como ocorrido em Juazeiro e em Canudos, visto que poderiam pôr em risco os interesses da hierarquia da Igreja Católica. (Garutti, 2006, p. 43).

Essa estratégia expansionista da Igreja Católica perdurou até por volta da década de 1950. Com essa necessidade clara da Igreja Católica no Brasil traçado, Dom Jaime Luiz Coelho assumiu a liderança da Igreja local e iniciou seu trabalho, inserindo-se entre a

expressão religiosa e o engajamento no contexto político e social, tornando-se por demais relevantes para a construção da identidade sociocultural religiosa da cidade de Maringá. (Garutti, 2006, p. 58).

Com uma visão empreendedora, Dom Jaime Luiz Coelho, iniciou seus trabalhos a frente da diocese de Maringá, levantado inicialmente todas as atividades realizadas para, em seguida, concentrá-las na Cúria Diocesana, extinguindo os seguimentos improdutivos e racionalizando administrativamente o pessoal disponível. Também regularizou a situação trabalhista desses funcionários e dos que vieram posteriormente. (Garutti, 2006, p. 66).

Organizou o arquivo geral, uma biblioteca central e uma livraria diocesana, visando facilitar o acesso a documentos e material para os movimentos leigos e as paróquias. Exigiu a criação de um arquivo e livros de tomo em cada paróquia, e que os mesmos fossem constantemente atualizados e organizados. Criou também o Conselho de Assuntos Econômicos, responsável pela supervisão e acompanhamento da política econômica-financeira do governo diocesano.

Mas não se preocupou apenas com o setor burocrático da Diocese. Convidou no início de sua atuação em Maringá, algumas congregações religiosas para ocuparem de funções estratégicas na Diocese em formação e que, muitas permanecem até hoje. Entregou a livraria diocesana para as Irmãs Paulinas, que auxiliaram também nas primeiras *Semanas Bíblicas* da diocese; aos Irmãos Maristas, entregou o Ginásio Maringá, resolvendo um grande problema estrutural e financeiro a respeito desse estabelecimento de ensino. As Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria, assumiram a Escola Paroquial Santo Inácio, mais tarde Colégio e Escola Normal e também é confiada a essa

congregação a Creche Menino Jesus, construída com ajuda financeira da entidade *Fraternitá* de Brescia, Itália. (Garutti, 2006, p. 78)

Com os passar dos anos, chegaram também à Maringá, as Filhas da Caridade, Servas dos Pobres, que assumiram o Albergue Santa Luiza de Marillac e, juntamente, com os Irmãos Maristas o Núcleo Social Papa João XXIII; as Irmãzinhas da Imaculada Conceição, o Lar dos Velhinhos; às Damas da Instrução Cristã, o Colégio Regina Mundi; as Irmãs de São Carlos de Lyon, com a Escola Carlos Démia; Irmãs da Copiosa Redenção, a Casa de Nazaré. Não se pode deixar de registrar, que o Colégio Santa Cruz, sob a administração das Irmãs Carmelitas da Caridade de Vedruna, acolhe em seu terreno, a Capela Santa Cruz, primeira igreja no núcleo urbano como relatado anteriormente, bem como a Santa Casa de Misericórdia Maria Auxiliadora, sob os cuidados dos Irmãos da Misericórdia de Maria Auxiliadora, cujas atividades iniciaram-se anteriormente à vinda de Dom Jaime. (Robles, 2007, p. 349-350).

Em 1959, Dom Jaime Luiz Coelho, intervém junto ao Governador do Moysés Lupion, para a criação da Faculdade de Ciências Econômicas de Maringá, que ocorre em 28 de agosto do mesmo ano, através da Lei nº. 4070. Ocupou até 1964 o cargo de diretor. Esta Faculdade de Economia tornou-se a Universidade Estadual de Maringá, em 1969.

Em 1961, teve início a circulação do jornal matutino *Folha do Norte do Paraná*, de propriedade da Editora Folha do Norte do Paraná S/A, tendo como diretor presidente o próprio Dom Jaime. Através desse veículo de comunicação, pôde delinear as relações sócio culturais e políticas da diocese, bem como aglutinar ou dispersar quaisquer ideias ou intenções na sociedade. Após seu fechamento, passou a funcionar como propriedade do Sr. Franklin Vieira da Silva, sob o nome de *O Diário do Norte do Paraná*. (Garutti, 2006).

Durante o ano de 1964, consolidou-se, em Maringá, a criação da *Cooperativa Agrícola de Maringá*, abrangendo 37 municípios da região, como resultado do trabalho de três anos da Frente Agrária Paranaense, que visava à organização dos trabalhadores rurais a formação de seus sindicatos. Para abrigar esse grupo, foi construído o prédio da *Associação Diocesana de Assistência Rural (ADAR)*, atualmente abrigando Centro de Pastoral Arquidiocesano (CEPA). (Garutti, 2006).

O ano de 1968, encerrou-se marcado pela audiência de Dom Jaime, com o então presidente Costa e Silva, em Brasília, que concedeu à ele o funcionamento da TV Cultura de Maringá Ltda. atualmente afiliada a Rede Globo de Televisão. O arcebispo de Maringá tinha pela consciência de que a utilização dos meios de comunicação era, um importante veículo de divulgação da fé e formação de opinião para os seus diocesanos. (Garutti, 2006).

Os relatos supra citados, revelam como a religião e a religiosidade caminharam paralelos aos poderes políticos e econômicos na cidade de Maringá.

A história tem demonstrado que vivendo em comunidade e, portanto, com suas práticas sociais coletivas, as relações entre o poder efetivo sobre os homens e o imaginário religioso constroem novos significados, novas visões de mundo produzidas por outras instituições que não são necessariamente religiosas – o Estado, a ciência, o mercado, os meios de comunicação de massa, e outros. (Rosendahl, 2009)

Assim, como o objeto deste estudo enfoca a percepção do simbólico religioso na cidade de Maringá, buscou-se, a seguir, identificar a relação existente entre a população e sua religião professada. Portanto, os resultados da pesquisa de campo que seguem, objetivam revelar a dinâmica revisada acima.

### CAPITULO III

#### **DIFUSÃO DA FÉ E SUA MOBILIDADE RELIGIOSA EM MARINGÁ - 1947-2010**

Nesse capítulo a discussão ocorre objetivando alguns espaços sagrados em Maringá demarcados pela existência e instalação dos templos religiosos. Esses templos estarão vinculados ao espaço como pontos fixos do sagrado, enquanto os fluxos dessa vivência do sagrado se terá com o deslocamento dos fiéis até esses templos, demarcando assim uma mobilidade existente para atender às necessidades desses fiéis. Portanto, se identifica que “o homem religioso, desta maneira, se exprime sob formas simbólicas que se relacionam com o espaço: cada vez que se ergue uma nova igreja, o grupo religioso tem a impressão de que cresce e se consolida”. (Rosendahl, 2002, p. 209).

Sempre ao referir-se o uso do termo mobilidade, fala-se em movimento, deslocamentos, mudança. Portanto, quanto à mobilidade pode-se afirmar seguramente que é a capacidade que os seres têm de se deslocarem. Seres estes nos quais incluímos os seres humanos, proposta deste estudo.

A geração das motivações que irão culminar nos deslocamentos é de ordem complexa, uma vez que o individuo que se desloca em diferentes escalas e por diferentes razões.

O porquê de um indivíduo se deslocar está relacionado a vários aspectos: de ordem política, social, afetiva, moral, etc. Estes aspectos se interagem, construindo para cada individuo um perfil destas ordens de fatores. (Rocha, 1998, p. 1).

Este autor reconhece que o fenômeno da mobilidade, relaciona-se diretamente com a história de vida do individuo, apresentando, portanto, singularidades importantes e que devem ser consideradas quanto ao estudo de seus deslocamentos. Mas outros processos

também existem processos determinantes da mobilidade que apresenta uma maior abrangência, ou seja, dizem respeito a muitos indivíduos, dizem respeito a processos sociais. (Rocha, 1998, p. 1).

Quanto a mobilidade humana, verifica-se deste a pré-história esta dinâmica entre as sociedades primitivas, as inscrições rupestres encontradas ao longo do tempo relevam que o homem primitivo deslocava-se. Sua transferência, mudança ou deslocamento era significativa à sua sobrevivência. A busca por um refúgio dos perigos naturais, tempestades, frio ou calor excessivo, além de encontrar lugares que oferecessem fatura de alimentos e segurança, aparecem como as principais causas desta mobilidade.

Ghizzo (2006) aponta que o processo que levou o homem a adquirir sedentariedade é a descoberta de novas técnicas, que garantiam condições de sobrevivência contra os motivos que uma vez ameaçavam sua existência. É retratado neste momento o uso de instrumentos que proporcionam as práticas agrícolas, a caça, aprimoram a pesca. O passar do tempo e de posse destas inovações, o homem começou a viver em grupos e a socialização passa a integrar a humanidade.

Somente no século XVII começam a surgir os primeiros estudos sobre as sociedades e o meio que estas ocupam que culmina com os estudos desenvolvidos no século XVIII. A partir deste momento as reflexões de ordem filosófica passam a repensar o mundo de uma maneira diferente, quando a Igreja enfraquece seu discurso diante do liberalismo. O advento da revolução tecnológica (primeira revolução industrial) e a revolução social (revolução francesa) são o espelho de um período em que surgem importantes reflexões sobre sociedade e economia. (Rocha, 1998, p. 18).

A evolução da humanidade pode ser compreendida através dos estudos de seus deslocamentos sobre a superfície terrestre, bem como compreender a relação existente entre os inibidores de crescimentos populacional, como as guerras, fome, doenças, que desestruturam todo padrão de crescimentos populacional. Para se compreender todas essas particularidades locais é, necessário, sendo George (1969) *apud* Rocha (1998), que se realize, inicialmente uma “Geografia histórico demográfica” para que se resgate, portanto, a existência das limitações naturais, técnicas e culturais que determinaram a evolução da população naquela parte do globo.

Com todo este aparato metodológico, o estudo das populações na Geografia, deixa de ser meramente descritivo e passa a compor um campo de estudo, compartilhado com as outras ciências sociais.

A mobilidade enquanto categoria científica é utilizada constantemente para explicar o movimento dos homens em suas mais diversas instâncias. Os estudos populacionais, as migrações e as mobilidades são noções que tratam de investigar a dinâmica de desenvolvimento das sociedades (Rocha, 1998, p. 16-7).

Ghizzo (2006), destaca que a utilização do termo mobilidade não é exclusivo da Geografia, gera-se portanto uma transdisciplinaridade, utilizando conceitos advindos de outras ciências, a mobilidade sempre vem acompanhada de adjetivações, como mobilidade social, mobilidade de consumo ou mobilidade cultural, sendo esta última que propomos estudar.

### 3.1. Concepções sobre a Mobilidade na Geografia

Sobre as categorias de mobilidade, Rocha (1998) classifica-as em três ordens, a saber: *mobilidade física*, que se divide em macromobilidade física e micromobilidade física; *mobilidade centrada no trabalho* e *mobilidade social*. As duas primeiras são classificadas como mobilidades horizontais, ou seja, realizadas num espaço concreto, a sendo possível através da análise destes deslocamentos, enquanto a última estima uma mobilidade vertical nas classes sociais na qual o indivíduo se insere.

A macromobilidade física pode ser analisada e fornece a base necessária para se embasar os estudos migratórios, os fluxos realizados pelo indivíduo desde a escala internacional até a municipal. A temporalidade ultrapassa o cotidiano e se enquadram nos fluxos migratórios.

A micromobilidade física, a temporalidade é reduzida, e conseqüentemente a distância dos deslocamentos, são os deslocamentos diários, realizados para executar as tarefas cotidianas como ida ao trabalho, à escola, às compras, aos cultos.

A mobilidade centrada no trabalho, também é realizada horizontalmente, seus deslocamentos estão centrados na qualificação do profissional e produtividade do trabalho, submetendo-se à lógica capitalista de acumulação. “sua explicação parte (...) da apropriação histórica da natureza pelo homem. Esta força de trabalho é entendida como uma mercadoria especial que se desloca em função da dinâmica do mercado.” (Rocha, 1998, p. 14).

Por fim o autor explica a mobilidade social. Esta categoria de mobilidade é analisada em sua movimentação vertical na estrutura social na qual o indivíduo está inserido, ou seja, na ascensão social alcançada por ele.

Ghizzo (2006) complementa estas categorias de mobilidade humana inserindo o conceito de *mobilidade do consumo* diretamente relacionada e dependente das anteriores. A necessidade de trabalho para se acumular, atendendo à sua lógica de reprodução do capitalismo, está diretamente relacionada a sua capacidade de criar valor e condicionar ao homem o poder de compra de meios de subsistência. Estes podem ser adquiridos em seu próprio habitat, ou através de deslocamentos físicos, que este indivíduo passa a realizar para o consumo de mercadorias

Este consumo também não acontece de forma aleatória, mas é estabelecido através de formas de organização do capital sob o espaço geográfico e esta ao nosso entender, diretamente relacionado à Mobilidade Humana. (Ghizzo, 2006, p. 95)

Percorrendo por este caminho, deseja-se contribuir teórica e sistematicamente com estes estudos analisando outra categoria de mobilidade, a *Mobilidade Cultural*.

A mobilidade cultural, diferente das estudadas anteriormente, não tem como princípio norteador de realização as primícias impostas pelo capital, sua acumulação, produção e reprodução. O que motiva e realiza a mobilidade cultural são necessidades intrínsecas à pessoa.

Uma pessoa quando se desloca leva consigo toda uma carga cultural do ambiente em que está inserida, isto faz com que esta se aproprie do ambiente e o transforme de acordo com sua visão de mundo e compreensão do que é correto para ela. Sociedades primitivas pouco alteram o ambiente, uma vez que necessitam diretamente deste para sua sobrevivência. Por sua vez, pessoas inseridas em uma sociedade de acumulação observam o ambiente para encontrar recursos que possam ser economicamente explorados.

Uma das aspirações que leva uma quantidade considerável de pessoas a se deslocarem são as motivações religiosas.

### **3.2. Mobilidade Religiosa**

A peregrinação, praticada pelas religiões universalizantes como o cristianismo, islamismo, budismo, judaísmo, é uma prática que traz benefícios para o fiel, uma vez que se dispõe a fazê-la.

acredita-se que a graça divina é especialmente poderosa nos lugares visitados por Jesus Cristo, santos ou pela Virgem Maria, lugares nos quais eles apareceram em visões ou onde estão guardadas as suas relíquias. (Rosendahl, 2001).

A difusão das religiões ocorre juntamente com o deslocamento de seus devotos, que levam consigo

sua cultura e a migração de sistemas religiosos resultam em adaptações ou integrações de religiões em determinado ambiente estranho que pode alcançar algum equilíbrio ou desenvolver mecanismos de conquista (Rosendahl, 2001).

Em especial o cristianismo, que torna-se a religião oficial do império romano após a conversão de imperador Constantino, por volta do ano 337 d. C., revela uma difusão religiosa hierarquizada. Os missionários cristãos vão até as grandes cidades e centros de comércio do império, segue-se então a conversão e a difusão para as áreas vizinhas. Esta uniformidade religiosa que começa a se instalar no império romano, favorece um clima de estabilidade política, sendo a difusão do cristianismo facilitada pelo uso comum da

língua grega na parte oriental do império e pelo latim no ocidente. Com a expansão europeia do século XV, observa-se que o cristianismo também difunde-se para as terras conquistadas.

Pesquisadores como Sopher (1986) *apud* Rosendahl (2001), analisa que para a Geografia, o estudo da expansão dos sistemas religiosos é de grande importância. Propõe-se que a difusão desta mensagem é gerada pela conversão de novos adeptos. As implicações geográficas podem ocorrer para a compreensão das ações missionárias de expansão de idéias e condicionamentos simbólicos que substituem as antigas práticas de um grupo ou indivíduo.

A análise da peregrinação aos lugares sagrados é um tema abordado com grande frequência pelos geógrafos das religiões, uma vez que trata-se de uma demonstração de fé que adquire uma nítida espacialidade pois envolve o deslocamento de um lugar a outro, este que em muitos casos é marcado por uma periodicidade regular. Têm-se nitidamente definidos o espaço e tempo fixo – os lugares sagrados – e fluxos – a peregrinação.

As peregrinações constituem um fenômeno comum à maioria das religiões inserindo-se assim em diferentes contextos culturais, modificando e reproduzindo o espaço para o atendimento aos peregrinos que vêm na nítida intenção de expressar sua fé junto àqueles que como ele crêem.

As modificações realizadas no espaço para o atendimento dos fiéis, algumas vezes associa-se com outros aspectos, como ao turismo, quando analisa-se as peregrinações católicas à Lourdes e Roma. No Brasil, caracteristicamente as peregrinações estão, em

sua maioria, associadas à penitência e obtenção de uma graça, para atender às necessidades temporais do peregrino pela intervenção divina.

Não somente os grandes centros de convergência são analisados pelos geógrafos da religião, uma vez que os lugares sagrados podem variar de tamanhos “... desde um pequeno crucifixo à beira da estrada até santuários requintados como a Basílica de Nossa Senhora Aparecida”, no vale do Paraíba. (cf. Rosendahl, 2001).

Sobre a mobilidade humana motivada pelas peregrinações, alguns trabalhos de geógrafos brasileiros se dedicaram a este estudo, como Maria Cecília França (1972) que analisa a convergência os peregrinos aos santuários dedicados à Bom Jesus, em Iguape Pirapora do Bom Jesus e Bom Jesus dos Perdões, no estado de São Paulo, e Zeny Rosendahl (1993, pg. 39-41) “... que analisa Muquém no estado de Goiás e Santa Cruz dos Milagres, no estado do Piauí. São centros rurais de convergência religiosa, predominantemente do catolicismo popular, nos quais o fenômeno religioso recria o espaço sagrado por ocasião da peregrinação.” (Rosendahl, 2001).

Não somente os grandes deslocamentos e as grandes peregrinações configuram a mobilidade religiosa. A intenção deste estudo consiste em analisar, de acordo com o conceito da micromobilidade física (Rocha, 1998) a prática da fé junto aos habitantes da cidade de Maringá.

### **3.3. População religiosa em Maringá**

A população maringaense pode e é analisada em seus vários aspectos por todas pelas grandes áreas do conhecimento. Neste estudo, busca-se a compreensão da mobilidade

realizada por esta população para a realização de suas atividades devocionais, sua religiosidade.

Os primeiros crentes pentecostais chegaram a Maringá entre os anos de 1947 e 1949, junto com as caravanas procedentes de vários Estados do Brasil, organizadas pela CMNP. Em sua maioria, eles eram colonos paulistas, mineiros e nordestinos

A organização desses seguimentos religiosos ocorreu concomitante com o crescimento da cidade de Maringá. Os migrantes e imigrantes que chegavam o norte do Paraná, traziam, juntamente com os sonhos de uma vida nova, sua religiosidade. A migração das pessoas transmite sua cultura e os sistemas religiosos ligados à elas, as adaptações e integrações dos sistemas religiosos neste novo ambiente, busca alcançar novamente o equilíbrio. (Rosendahl, 1996, p. 52).

Assim, em Maringá isso não ocorre de forma diferente, as pessoas traziam consigo sua expressão religiosa, e encontrando outras com o mesmo direcionamento religioso, iniciaram o surgimento das primeiras comunidades religiosas de Maringá.

Esta cidade não desponta no cenário nacional como um centro de atração de uma religião específica, logo, percebe-se que a distribuição das pessoas de acordo com suas religiões segue o quadro nacional, conforme indica a tabela 3

***Tabela 3 Quanto a declaração da Religião***

Religião	Brasil (%)	Maringá (%)
Católico	73,6	73,72
Evangélico	15,4	21,15
Outras Religiões	3,4	2,46
Sem declaração	0,2	0,61
Sem Religião	7,4	2,67

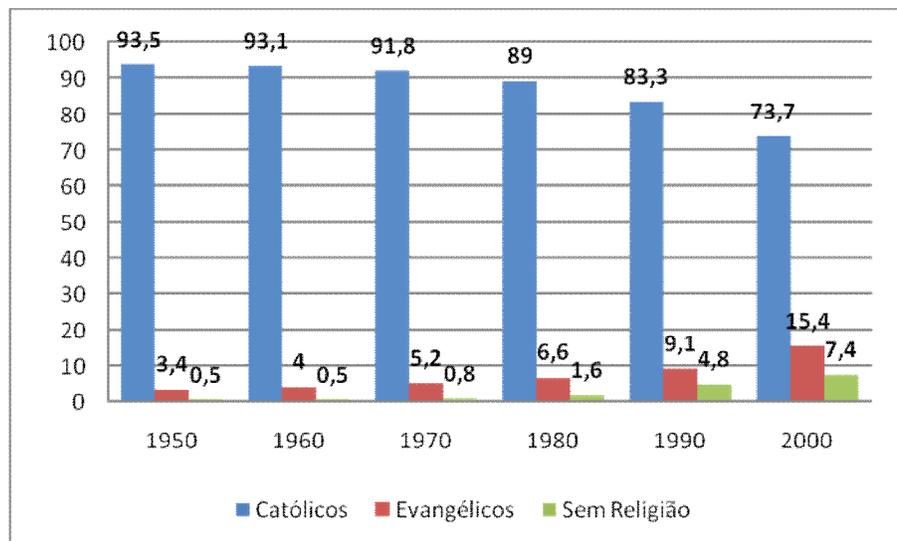
Fonte: Arquidiocese de Maringá. Plano de Ação Evangelizadora, 2009, pg. 61.

[www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia\\_demografica/analise\\_populacao/1940\\_2000/analise\\_populacao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/analise_populacao.pdf)

Organização: Carla Rubino (março/2010)

Uma tendência que se percebe, ao analisar os dados a nível de Brasil, é a redução gradual da população que se declara católica. Segundo o gráfico 2, que retrata a análise das tendências de declaração religiosa ao longo dos anos no Brasil, percebe-se que, desde os anos 1950, quando instalou-se a cidade de Maringá e esta passou a receber migrantes e imigrante, aumentando sua população e também diversificando sua declara, chegando ao dados de hoje, muito semelhantes ao nacional.

**Gráfico 2: Distribuição relativa da população residente, por religião declarada - Brasil - 1950/2000**



Fonte:

[www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia\\_demografica/analise\\_populacao/1940\\_2000/analise\\_populacao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/analise_populacao.pdf)

Esta tendência é explicada por Pierucci (2004, p. 14) quando analisa a diminuição da população que se declara católica à partir dos dados censitários de 1970, esclarece que “qualquer religião tradicional, majoritária, numa sociedade que se moderniza, estará fadada a perder adeptos”.

Antoniazzi (2004, p. 29) corrobora com as afirmações anteriores quando analisa, a partir dos dados dos censos demográficos, o decréscimo do número de adeptos ao catolicismo nos últimos 40 anos diante do notório crescimento das igrejas evangélicas. E aponta que a lentidão da Igreja em responder ao rápido crescimento populacional, em algumas partes do país associados aos movimentos migratórios, sugere que em muitas vezes não foram os fiéis que abandonaram a Igreja Católica, mas sim, esta que esta que deixou sem o devido acompanhamento esses grupos.

Apoiado nas informações dos autores supra citados, pode-se afirmar que a expansão das igrejas evangélica e de outras religiões, está diretamente ligado ao seu dinamismo, capacidade de mobilização e às suas estratégias de evangelização.

### **3.4. Relação do Templo com o Fiel**

Para compreensão da relação existente entre sua opção religiosa e seu relacionamento com a religião a qual pertence, foi realizado um trabalho de campo, que consistiu entre de uma série de entrevistas qualitativas com os responsáveis pelas igrejas mais representativas existentes na cidade de Maringá (Católica, Adventista, Presbiteriana, Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil) e membros destas igrejas.

Para esses responsáveis foram dirigidas questões relacionadas com atuação de sua instituição religiosa no quadro social da cidade de Maringá, buscando identificar seu perfil e também sua abordagem aos fiéis de como são atraídos para esta igreja e o que mais o aproxima e mantêm vinculados a elas

Quando aos questionamentos dos membros das igrejas, foi questionado o que buscam, desejam e encontram participando desta religião, se isto é satisfatório as suas necessidades, e o que os vincula e mantêm participantes a esta igreja.

Nos dois momentos também foram questionados sobre a relação do templo com a residência do fiel participante, buscando identificar uma territorialidade deste templo no quadro urbano de Maringá.

Como nasceu a Igreja aqui em Maringá
<b>Presbiteriana</b>
Em Maringá, a Igreja está há 55 anos, conforme as pessoas se reuniam, a junta de missões nacional da igreja investiu na vinda de um pastor pra cá iniciando um trabalho de evangelização com as famílias daqui, esta Igreja [sede] então organizou três novas Igrejas na cidade, sendo realizado esse trabalho de evangelização.
<b>Assembléia de Deus</b>
A igreja é fundada oficialmente em 15.03.1948, com sede na rua Neo Alves Martins, 1919, e o primeiro líder sr. Eusebio Hilário de Oliveira, naquele momento, os primeiros crentes da Assembléia de Deus se reuniam em uma garagem, e estavam subordinados ao Pastor Pedro Ferreira, da Igreja de Ibiporã. Em 1949, o primeiro templo de madeira foi edificado pelo sr. Jaco Talizin. Em 1961 inicia a construção do primeiro templo de alvenaria na rua Néó Alves Martins, que para época é considerado um avanço. E contou com a presença de Daniel Berg, um dos fundadores da Igreja Assembléia de Deus no Brasil.
<b>Adventista</b>
O sr. Martins Martin Martines, pioneiro no município de Maringá vindo de Cambé, região metropolitana de Londrina, passou a receber instruções de membros da Igreja Adventista daquela cidade, a qual transmita para a sra Maria Puertas Martines, então sua namorada que já residia em Maringá com a família desde 1948. As primeiras reuniões aconteciam com poucos membros na zona rural da parte noroeste da cidade (região do clube Olímpico atualmente), em uma tulha de café. Conforme a comunidade ia aumentando, passaram a se reunir em um salão na Av. Mauá, até a construção da primeira Igreja Adventista na Av. XV de Novembro, 845. A segunda igreja construída foi no Jardim Alvorada, Rua Mato Grosso, e posteriormente as demais.
<b>Congregação Cristã no Brasil</b>
Data eu não consigo precisar, mas o começo foi com uns irmãos que já eram da congregação da cidade de onde vieram e aqui se encontraram com outros vindos de outros lugares e passaram a se reunir para congregar.
<b>Igreja Católica</b>
A Igreja começou através com a vinda do povo na década de 1940, que era de grande maioria católica, vinham para tentar a sorte no Norte do Paraná, até a construção da primeira Igreja na cidade onde as missas começaram a ser celebradas, e a população participava a missa, da quermesse, das festas. O atendimento era feito pelos padres de Mandaguari.

Fonte: Entrevista de Campo (Mar/2010)

Nesta questão a percepção de que para a instalação de uma nova igreja, parte da reunião de poucas pessoas, que já chegam com esta religiosidade, e que reunindo, e fortalecendo-se passam a formar um novo núcleo religioso em uma nova cidade. Convém salientar que para a organização da Congregação Cristã no Brasil, como não existe a necessidade de um ministro ordenado ou com um estudo específico para conduzir as reuniões, sua organização não oferece, para os anos iniciais, informações tão precisas.

No decorrer da entrevista, perguntou-se a quantidade de membros da igreja a cidade de Maringá

Quantos membros a igreja possui em Maringá
<b>Presbiteriana</b>
700 membros em Maringá
<b>Assembléia de Deus</b>
Como estamos passando por um processo de informatização e recadastramento dos membros, da Igreja, temos uma previsão de 5.000 a 7.000 membros em Maringá
<b>Adventista</b>
Em Maringá, 5.000 membros
<b>Congregação Cristã no Brasil</b>
Que participaram da Santa Ceia em 2009 foram 9.508 irmãos. Se considerarmos as crianças (menores de 12 anos) e os que congregam sem ser batizados, esse numero se aproxima dos 15.000.
<b>Igreja Católica</b>
Com certeza não se sabe, pois muitos se dizem católicos mas não participam. Um levantamento feito pela Arquidiocese fez, por amostragem, aproximadamente, 70% de católicos.

Fonte: Entrevista de Campo (Mar/2010)

Neste momento da quantidade de membros que participam da Igreja, algumas (Assembléia de Deus, Adventista e Congregação Cristã no Brasil) possui uma ficha cadastral do fiel. A igreja Assembléia de Deus, fornece inclusive uma carteirinha para o membro, informando nesta, além das informações oficiais (números de RG, CPF, data de nascimento, filiação) traz informações sobre ao vinculo deste com a Igreja, tais como templo a qual pertence, data em que recebeu o batismo. Contudo, sua validade para as

demais regiões onde há templos da Assembléia de Deus, só ocorre com a carta de apresentação do seu pastor.

Para conhecer a dimensão da estrutura física, questionou-se sobre a quantidade de templos existentes na cidade, e em seguida, como e porque se forma um novo templo.

Quantos templos a Igreja tem em Maringá? E como surge um novo templo?
<b>Presbiteriana</b>
4 templos atualmente. Inicia-se com a reunião de um grupo de famílias, que moram em um bairro que consideram promissor, e começam um trabalho de evangelização, então a igreja sede, aluga um salão, reúne as famílias, investe em uma pessoa para trabalhar na evangelização, desenvolvendo-se assim o trabalho. Inicia-se com o chamado ponto de culto, e o passo seguinte é organizar como uma congregação da Igreja, para depois poder se tornar um Igreja, com pastor, diáconos, lideranças, assumindo uma vida própria.
<b>Assembléia de Deus</b>
36 pontos de culto, com sede própria ou alguns ainda com salões alugados. A partir uma família, que se muda para um determinado local, e consegue contatar outras, a igreja fornece uma pessoa para pregar a Palavra, ensinar, auxiliar enquanto liturgia como ministros, é disponibilizado para esta ajuda, buscando sanar o crescimento acelerado que em alguns momentos não é acompanhado pela estrutura existente
<b>Adventista</b>
35 templos em Maringá. Trabalhando com pequenos grupos familiares e residenciais dos próprios membros da igreja, e com o crescimento deste, torna-se viável começar uma nova igreja. Outra forma é de se identificar um bairro onde não há a presença da Igreja Adventista, iniciar um trabalho de evangelização, para surgir uma nova Igreja. Outra questão é a quantidade de membros da igreja que residem naquele bairro, que para facilitar o acesso destes.
<b>Congregação Cristã no Brasil</b>
Maringá tem 26 templos. Um novo templo surge a partir de um grupo que se reúne na casa de um congregado e que fica um pouco afastado de uma Congregação. Quando este espaço se torna pequeno, então é apresentada a necessidade de construção de uma nova Congregação, na reunião geral. Aprovada sua construção, toda a mão-de-obra é doada pelos irmãos.
<b>Igreja Católica</b>
A igreja existe desde a fundação da cidade. Para se formar uma nova igreja, inicialmente se inicia com uma comunidade, depois uma capela até que esta capela tenha uma estrutura que se sustente e um padre para administrá-la. Então teremos uma nova paróquia.

Fonte: Entrevista de Campo (Mar/2010)

Neste propósito, identifica que a quantidade de templo não é proporcional a quantidade de fiéis participantes. E que o início de uma nova comunidade, de uma nova Igreja, se

dá a partir da necessidade em oferecer uma maior proximidade para que os fiéis possam se reunir e juntos realizar seus cultos.

Para conhecer o raio da territorialidade de templo, questionou-se sobre o deslocamento destes fiéis, se estes buscavam um templo mais próximo às suas residências ou se iam, arbitrariamente em qualquer templo, não gerando um vínculo de afetividade ou atividades com esta determinada comunidade.

Sobre os membros, estes procuram freqüentar os templos mais próximos às suas residências, ou deslocam-se aleatoriamente para participar dos cultos e atividades da Igreja?
<b>Presbiteriana</b>
Aqueles que são novos convertidos, ou aqueles pessoas que se mudam para Maringá, vindo de uma outra igreja presbiteriana, então a tendência é que freqüentem o templo mais próximo à sua casa. Outrora, tem-se os casos daqueles membros mais antigos, que mora lá no Jardim Alvorada e freqüente no Centro, e vice-versa. Isso ocorre em função de uma identificação, com o trabalho, com a liturgia, com as afinidades. O desejo da Igreja é que seus membros freqüentem os templos próximos às suas residências, pois assim vislumbra-se um plano de expansão na cidade
<b>Assembléia de Deus</b>
A visão da Igreja é facilitar para que seus membros possam ter um local condizente com a fé que eles aceitaram, mais próximos à eles, onde eles poderão congregar, ter suas reuniões cúlticas e desenvolver a visão da Igreja que vem a ser: agir no poder do Espírito Santo, sendo uma igreja relevando, ajudando, resgatando, não somente as pessoas dentro desta denominação como também as pessoas que estão no entorno dos templos, ou seja a comunidade de forma em geral.
<b>Adventista</b>
Geralmente as pessoas buscam freqüentar um templo próximo as suas casas. Mas existem as exceções, as pessoas que atravessam a cidade. Por que até poucos anos atrás eram poucas igrejas, então tem todo um vínculo com aquela igreja, ajudou a construir aquela igreja, exerce uma liderança com aquela comunidade, então não consegue ir para outro lugar, outra situação que pode ocorrer é a presença de filhos adolescentes e o trabalho desenvolvido para eles agrada então permanece naquela igreja. O fiel é livre para freqüentar onde quiser. Não existindo nenhuma imposição em freqüentar outras onde se adapte melhor
<b>Congregação Cristã no Brasil</b>
São livres para freqüentar onde quiserem, mas o que se observa é que não se afastam muito de suas casas.
<b>Igreja Católica</b>
O povo é livre, mas geralmente participam da Igreja mais próxima. Mas existem aqueles que são engajados nos movimentos, ou o horário das celebrações são mais apropriados para eles e então freqüentam uma outra paróquia.

Fonte: Entrevista de Campo (Mar/2010)

Com estas informações constatou-se que existe uma organização territorial dos templos e sua abrangência, contudo a identidade, o bem estar, e a opção do fiel em seu local de culto são respeitados de forma integral.

Após conhecer um pouco sobre a forma de organização das igrejas, sua historia, templos, territorialidades, buscou-se o conhecimento do perfil do fiel freqüentador:

Sobre os membros, existem um perfil que é melhor acolhido pela Igreja?
<b>Presbiteriana</b>
Não existe nenhuma diferenciação. Tem-se na igreja desde o atendimento de berço até a classe de ancião. O trabalho da igreja engloba todas as faixas etárias. Tem-se também pessoas com uma condição social mais simples e também com condição social mais elevada. Neste sentido a igreja é mista.
<b>Assembléia de Deus</b>
No templo sede existe quatro gerações muito ativas, desde os pioneiros, o grupo de casais e de adolescentes, revelando uma grande heterogeneidade. Quanto à condição social, tem-se refletido muito próximo do que é a sociedade, desde um trabalhador mais humilde até profissões mais elevadas, atingindo todas as camadas sociais. Inclusive pessoas ligadas diretamente à política.
<b>Adventista</b>
O atendimento da igreja acolhe todos os perfis etários e econômicos, desde assalariados até empresários, profissionais liberais, acolhendo a todos.
<b>Congregação Cristã no Brasil</b>
Na Congregação participam todos, rico, pobre, velho, criança, jovem, tem lugar pra tudo mundo e aqui todo mundo é tratado igual.
<b>Igreja Católica</b>
Diante de Deus todos somos iguais. Procuramos atender e acolher a todos. Existem pastorais que atendem todas as faixas etárias, desde a Pastoral da Criança, do Adolescente, da Juventude, Movimentos, Grupos de Reflexão. Todas as pessoas são atendidas.

Fonte: Entrevista de Campo (Mar/2010)

O perfil do fiel freqüentador, acolhido pelas igrejas é o reflexo da sociedade em que esta está inserida. Desde o mais simples até o mais sofisticado e influente.

A igreja Assembléia de Deus, ao afirmar que o sobre as lideranças políticas que pertencem a Igreja reforçou a informação de que no momento em Maringá, não há nenhum político atuante em Maringá pertencente à esta denominação.

Ainda buscando o conhecimento do perfil do fiel pertencente às Igrejas, questionou-se os responsáveis sobre o que motiva seus fiéis à participação naquela instituição religiosa:

<b>Sobre os membros, qual a motivação que faz com que eles participem desta Igreja?</b>
<b>Presbiteriana</b>
Primeiramente a comunhão, de gostar de estar na Igreja, durante os cultos, em especial o de Domingo à noite, a comunhão com Deus, com os irmãos, como uma necessidade, uma forma de se sentir amado em uma família grande. O desejo da Igreja é de que as pessoas venham, primeiramente com esta necessidade e desenvolvam a missão de servir, alcançando outras pessoas, compartilhando o que esta sendo bem para eles com as outras pessoas. A principio então buscam um bem-estar pessoal, da família, uma identificação com a liturgia do culto, cantando, ouvindo a Palavra de Deus, mas isto tende a prender a família somente num determinado momento da semana, e o desejo é que seja compartilhado esse trabalho nos outros dias da semana com outras pessoas
<b>Assembléia de Deus</b>
Inicialmente existe, em todo ser humano, uma parte que é imaterial, que pode ser denominada de espírito, de alma, e neste momento não há nada de material que venha a preencher este espaço espiritual. Então a Igreja busca proporcionar este bem estar espiritual, mas não somente isso, oferecer condições para que esta cresça como pessoa, incentivando o estudo, uma melhoria profissional, melhorando seu posicionamento diante de si mesmo e diante de Deus.
<b>Adventista</b>
Existe ai diversos fatores. Há aqueles que tornaram-se membros da Igreja Adventista devido ao trabalho social, Mas a decisão para a participação é a questão bíblica, o estudo da Bíblia. Buscando ouvir o que Deus tem a falar, esclarecendo todas as dúvidas, encontrar todas as respostas.
<b>Congregação Cristã no Brasil</b>
Eles se sentem tocados por Deus para participar, não é nada forçado. A pessoa vem, congrega, os outros irmãos acolhem, ela gosta e começa a ouvir a Palavra de Deus, do que é revelado e quando se sente chamada ela pede o Batismo.
<b>Igreja Católica</b>
Cada um tem uma motivação particular. Mas o contato com Deus através dos Sacramentos, a participação na Santa Missa, poder rezar diante do Cristo Vivo na Eucaristia.

Fonte: Entrevista de Campo (Mar/2010)

Identifica-se na fala de todos os responsáveis pela religião, que a busca de um bem-estar pessoal, espiritual, é o grande motivador da participação nestas comunidades. O desejo deste bem seja propagado para outros, também aparece no discurso desses responsáveis. Desta forma, a igreja passa a ser uma instituição relevante para a sociedade.

Seguindo a intenção de conhecer a atuação das instituições religiosas no que tange a ação social, perguntou-se sobre os trabalhos assistenciais realizados pelas igrejas, se estes eram voltados somente para os membros ou se abrangiam toda a comunidade.

A Igreja, realiza algum trabalho ou projeto assistencial? E este é voltado somente para os seus membros ou abrange toda a sociedade?
<b>Presbiteriana</b>
Existem o trabalho de assistência social, e mais o trabalho de atendimento diaconal e também um apoio muito grande do trabalho feminino, assistindo as pessoas que estão passando por necessidade, assistindo com alimentos, com vestes. Existem as pessoas que procuram a igreja, essas pessoas são visitadas, são cadastradas, para se identificar a real necessidade. Atualmente a Igreja esta ajudando pessoas na restauração de dependentes químicos, não é exclusivamente um ministério da Igreja, é um outro ministério apoiado pela Igreja, existindo assim essa preocupação com a assistência social.
<b>Assembléia de Deus</b>
É realizado todos os sábados a distribuição de um sopão num bairro carente de Maringá (Santa Felicidade), e nesta atuação não tem como atender a somente os assembleianos, que compõem aproximadamente 1% das pessoas atendidas, os demais são a comunidade. Outro projeto que esta sendo implantado nesse bairro, visa oferecer uma qualificação profissional para os jovens em uma inclusão digital, e assim preparar para o mercado de trabalho. Outro exemplo, foi realizado alguns anos anteriores, na cidade de Sarandi um levantamento onde constatou um índice de analfabetismo entre 5 e 10%, dependendo do bairro, e as pessoas buscaram este projeto de alfabetização motivadas pelo desejo de ler a Bíblia, e esse projeto foi reconhecido pela prefeitura daquele município, e o curso consistia em um equivalente de 1ª a 4ª série, e a partir daí a pessoa poderia dar continuidade aos seus estudos. A realidade da Igreja em que se iniciou o projeto era de uma comunidade de aproximadamente 600 pessoas, 5 eram analfabetos, mas nas aulas havia 26 alunos. A realização desses projetos tem como objetivo e motivação o complemento da vivencia do Evangelho e não de atrair para a Igreja mais membros.
<b>Adventista</b>
Igreja Adventista realiza um trabalho social, projetos voltados à saúde (cursos para parar de fumar, rápidos exames clínicos – verificação de pressão, glicemia), à assistência jurídica, corte de cabelo. Outros conhecem pelos meios de comunicação (rádio, canal de televisão) outros pelo Clube de Desbravadores (trabalho parecido com os escoteiros) outros pela Escola Adventista, Ministério da Mulher, realizado por voluntárias, ou ADRA, de assistência a nível internacional, encontro de casais.
<b>Congregação Cristã no Brasil</b>
A igreja realiza a Obra da Piedade. Uma ação assistencial, com alimentos, roupas, visitas e tudo o que a pessoa necessitar, mas somente para os membros da igreja.
<b>Igreja Católica</b>
A Igreja realiza diversas atividades de promoção humana, não somente no campo assistencial, mas na conscientização no campo político, educacional, éticos, buscando promover a em todas as suas esferas.

Fonte: Entrevista de Campo (Mar/2010)

Assim, o trabalho realizado por essas Igrejas volta-se a para a ação do Evangelho, colocar em pratica aquilo que rezam. A promoção do bem estar dos membros como pessoas e colaborar com os outros para que cresçam, espiritual e socialmente é o que motiva essas ações.

Por fim, procurou-se conhecer os meios que a Igreja possui para divulgar suas ações, pregações, ensinamentos.

Quais meios a Igreja utiliza para chegar até os fiéis, além dos cultos?
<b>Presbiteriana</b>
Atualmente tem-se um programa de televiso, que é o “Caminho da Bíblia” vinculado por três canais para Maringá e região, e possui o trabalho de visita às famílias, que já houve e esta sendo retomado, para alcançar durante a semana, as pessoas nos seus lares, além dos trabalhos aqui na Igreja. Além das visitas que se desenvolve de uma maneira mais natural, espontânea, entre as pessoas que se visitam.
<b>Assembléia de Deus</b>
Pela relevância que é o Evangelho, usa-se pouco os meios de comunicação. Mas diariamente próximo as 18 hs, o Pr. Robson vincula um programa na RTV, canal 10 o programa “A Paz do Senhor”, e o programa de radio “Louvor Eterno”, também possui o web site “ <a href="http://www.admaringa.com.br">www.admaringa.com.br</a> ” entre os membros, a comunicação mais pessoal (e-mail, sms, telefone) atualmente se desenvolve as “Concentração de fé” composto por uma estrutura de um caminhão que proporciona a realização de um culto ao ar livre, numa praça, numa rua, numa quadra, onde é apresentada a liturgia praticada pela Igreja, orações, pregações. Distribuição de panfletos com uma mensagem de esperança. Além disso a Igreja fica aberta às terças, quintas feira, na hora do almoço, com um pastor de plantão, para proporcionar que um trabalhador possa ter um momento de encontro com Deus.
<b>Adventista</b>
Além de todos os projetos sociais e assistenciais, a Rádio Novo Tempo, a TV Novo Tempo, realizamos vários programas especiais, onde os membros da comunidade adventista. Realizado internamente as Jornadas Espirituais no inicio de cada ano, onde cada membro da Igreja, ora e intercede por cinco amigos, entra-se em contato com esses amigos, vai-se ao encontro da sociedade, das pessoas, buscando atender suas necessidades.
<b>Congregação Cristã no Brasil</b>
Não é utilizado nenhum meio de comunicação. É através das visitas, das conversas dos irmãos com conhecidos. É através do convite pessoal que a Igreja cresce
<b>Igreja Católica</b>
Todos os meios possíveis. Cada paróquia tem seu informativo. A diocese tem uma a TV 3º Milênio, a Rádio Colméia, o Jornal Maringá Missão, o portal na Internet. Todos os meios para anunciar o Evangelho.

Fonte: Entrevista de Campo (Mar/2010)

Num segundo momento deste trabalho de campo, procurou se identificar junto aos membros destas respectivas igrejas, qual a motivação que fez e faz com que estes participem das reuniões, cultos e sigam os preceitos desta doutrina religiosa.

Por que o sr. (a) participa desta comunidade religiosa?
<b>Presbiteriana</b>
Eu nasci na Igreja Católica, e participei durante toda minha juventude. Só que diversas atitudes das pessoas que dirigiam a Igreja, começaram a me magoar e aos poucos fui me afastando. No momento em que fui me casar, eu e meu esposo, na época meu namorado, fomos procurar uma igreja evangélica para seguir, os ensinamentos, o acolhimento a amizade existente dentro da Igreja, fez com participássemos até hoje.
<b>Assembléia de Deus</b>
Participo da Igreja por que acredito na espiritualidade, que faz bem, pessoas espirituosas vivem melhor, além de poder conviver com pessoas que pensam iguais a você.
<b>Adventista</b>
Meu desejo sempre foi conhecer Deus, e creio que Deus é o Deus da Bíblia, então busquei uma religião que tivesse seus estudos suas doutrinas aprofundadas e fundamentadas na Bíblia então encontrei essa Igreja. Meu acolhimento foi muito grande, sem discriminar minhas práticas (fumar, beber etc) e naturalmente, sem exclusão foram mostrando o caminho. Eu me sinto muito bem na Igreja Adventista.
<b>Congregação Cristã no Brasil</b>
Por que é muito lindo ver a revelação de Deus na pregação da Palavra, nas orações dos irmãos, nas ações da Igreja, em todo o trabalho realizado.
<b>Igreja Católica</b>
Eu nasci católico, toda minha família é Católica e esta é a Igreja fundada pelo Jesus Cristo.

Fonte: Entrevista de Campo (Mar/2010)

Por fim questionado essas pessoas quanto ao deslocamento que praticam para participar dos cultos e celebrações da Igreja. Como apontado pelos responsáveis pelas igrejas, as pessoas procuram participar mais próximo às suas casas, e existem as exceções, e que são livres para exercê-la de freqüentar onde quiser. Assim tivemos as seguintes respostas:

O sr. (a) participa do templo mais próximo a sua residência?
<b>Presbiteriana</b>
Eu praticamente atravesso a cidade por me sentir melhor na Igreja Central.
<b>Assembléia de Deus</b>
Eu participo no centro, mas como tenho carro, não é nenhum transtorno.
<b>Adventista</b>
Eu participo na mais próxima de casa.
<b>Congregação Cristã no Brasil</b>
Geralmente participo próximo de casa, mas como sou músico da orquestra, vou tocar também em outras igrejas.
<b>Igreja Católica</b>
Sim, participo na minha paróquia e colaboro na pastoral na minha CEB.

Fonte: Entrevista de Campo (Mar/2010)

Através desses relatos podemos perceber que a religião acompanhou essas pessoas em seus deslocamentos, que ocorreram buscando uma nova oportunidade de vida. O encontro com pessoas de mesmo credo, e forma inicialmente um novo núcleo de relacionamentos e convivência. O passo seguinte é a organização como instituição para o seguimento de uma doutrina e receber o apoio espiritual. É esse apoio espiritual e convivência de grupo é o que faz com que alguns fiéis empreguem um deslocamento maior para participarem das celebrações em um templo, por vezes, distancia de sua casa, mas no qual o acolhimento propicie com que se sinta mais próximo de Deus.

### **3.5. Territorialidade dos templos em Maringá.**

Na dinâmica interna das cidades, muitos são os elementos e as relações que co-existem no espaço urbano. Quando se analisa as relações sagrado e urbano, Rosendahl (1999, pag 14) informa que ao “colocamos o templo como elemento forte na conexão entre a cidade e a religião. A presença do santuário ocupando o lugar central nos primeiros núcleos de povoamento é reconhecida por diversos pesquisadores” como

Eliade (1962), Coulanges (1988), Mumford (1991) Tuan (1980), Child (1974), Sjøberg (1960), Harvey (1980), Singer (1976) entre outros.

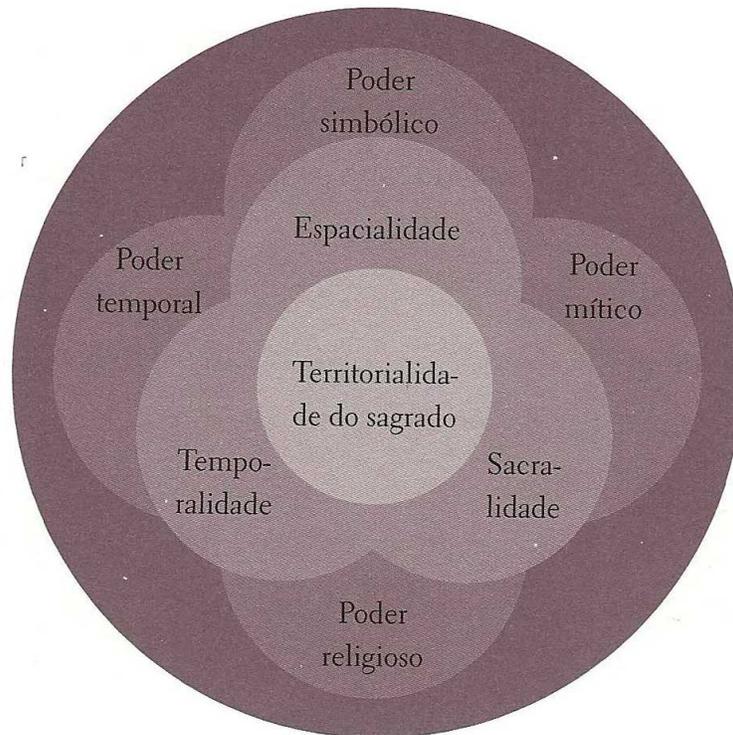
Ainda hoje a identificação desses pontos fixos e espaços sagrados, são locais de convergência de devotos de mesma crença ou prática religiosa, em intervalos de tempo periódicos ou permanentes. (Rosendahl, 1999, p. 14).

Dentro do espaço urbano, esses pontos fixos marcam uma territorialidade do sagrado, diferenciando o espaço, imprimindo a este uma mística notória ao homem religioso. Gil Filho (2008, p. 101) nomina esta relação espaço-homem como espaço de representação, que “refere-se a uma instância da experiência da espacialidade originária na contextualização do sujeito. Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível”. E complementa esta análise, esclarecendo que “o espaço de representação é, pois, um espaço vivo com ligações afetivas, *locus* da ação e das situações vivenciadas. É relacional em percepção, diferencialmente qualitativo e dinâmico, e de natureza simbólica” (Gil Filho, 2008, p. 107).

Não podemos deixar de apontar que a territorialidade pode ser apontada como um atributo para o sistema territorial, ou seja, o território é o objeto, enquanto o sistema territorial é a lógica desse conjunto estrutural e a territorialidade é o atributo de determinado fato social no qual o poder é eminente. (Gil Filho, 2008, p. 110)

Essa territorialidade do sagrado pode ser compreendida no esquema proposto por Gil Filho (2008, p. 110), exposto na Figura 4

**Figura 4: A territorialidade do sagrado**



Fonte: Gil Filho, 2008, p. 110

Nesta análise da territorialidade do sagrado, o autor pressupõe três níveis qualitativos para os espaço, as saber:

- a. A condição de ser sagrado, possibilita exercer um poder legitimado por uma condição transcendente ou a repetição de gestos arquetípicos (no sentido de origem imemorial) consagrados pelo mito, o que pode ser denominado de *poder religioso* e *poder mítico*.
- b. Uma temporalidade que seria o contexto do período da gestão política por parte dos agentes sociais devidamente consagrados, imbuídos, assim, de um poder temporal.

- c. Uma espacialidade, cuja territorialidade do sagrado objetiva-se como restrição e limite de um poder simbólico.

Pode-se considerar, então, a instituição religiosa é a expressão concreta, consagrada da religião, diferente da religiosidade, que é a condição humana de ser religioso. E a ação institucional da religião é o poder exercido, consciente e intencional diante da sociedade. (Gil Filho, 2008, p. 109).

Por fim, pode-se afirmar que a territorialidade do sagrado remete a um qualitativo, exercido por agentes, cuja autoridade é atribuída ao transcendente, sendo isso expresso pela razão de ser dos atributos absolutos transferidos ao clero especializado, ungidos pela instituição, caracterizando o que é patente nas religiões tradicionais, ou seja, sua hierarquia clerical definida. (Gil Filho, 2008, p. 111).

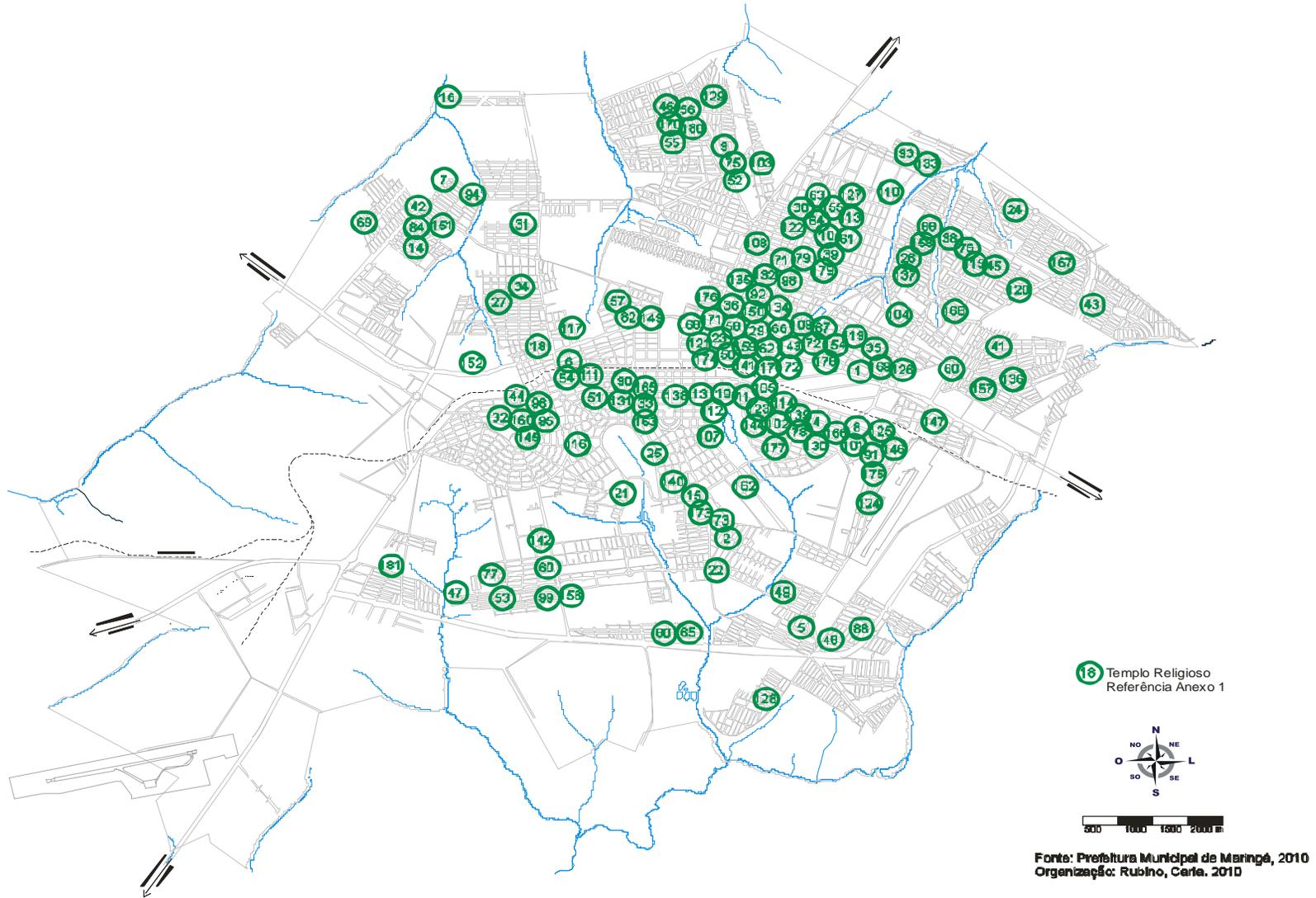
Assim, concretamente uma instituição religiosa expressa-se através da construção de seu templo, local onde os membros dessa religião reunir-se-ão para expressar sua fé e realizar seus ritos coletivos.

Na cidade de Maringá, estão identificados oficialmente, com registro na Prefeitura Municipal, 181 estabelecimentos que exercem essa função de agrupamento religioso, distribuídos conforme o mapa 1<sup>10</sup>, localizado na página a seguir.

---

<sup>10</sup> A relação com a nomeação dos templos encontra-se no Anexo 1.

*Mapa 1: Localização dos Templos Religiosos com Alvará de localização fornecido pela Prefeitura Municipal de Maringá.*



Esse mapa foi confeccionado a partir das informações adquiridas junto a Secretaria de Fazenda da Prefeitura Municipal de Maringá, setor que forneceu a relação dos templos através de seus arquivos de alvará, autorizados e em funcionamento na cidade em Fevereiro de 2010.

Observando ao mapa 1 percebemos uma distribuição relativamente homogênea dos templos no quadro urbano. Há uma concentração mais acentuada de templos nas regiões dos bairros Vila Operária, Zona 7 e Jardim Alvorada.

O perfil e uso desses bairros foram indicados desde o planejamento inicial da cidade, concebido para o final da década de 1940, cuja cidade fora dividida em 10 zonas com suas funções de ocupação definidas, como destaca Gama (1991) o planejamento de Jorge Macedo Vieira:

- **Zona 1** desde o início destinada para servir como centro da cidade e ao comércio. O crescimento aí é vertical, centralizado em edifícios de escritórios, residências, estabelecimentos bancários e outros serviços que atendem tanto a população local como regional.
- **Zona 2** situada mais ao sul da cidade ocupada por uma população de elevado nível, sendo considerada um bairro de elite.
- **Zona 3** também conhecida como Vila Operária, foi destinada a abrigar uma população de menor poder aquisitivo. Os operários, pessoas vindas da zona rural e aquelas que não tinham condição de adquirir datas localizadas no centro da cidade
- **Zona 4** no início de seu loteamento seu objetivo era atender a uma população de padrão médio, mas por sua localização próximo ao centro a à área verde, atraiu famílias de maior poder aquisitivo
- **Zona 5** por estar numa área mais elevada da cidade atraiu famílias de renda mais elevada, hoje é considerado um dos bairros de elite, tendo superado a zona 2, inclusive em edificações
- **Zona 6** área ligada à zona reservada aos Armazéns Gerais, abrigava uma população com funções diversas, dentre as quais àquelas ligadas aos quadros profissionais de armazenagem
- **Zona 7** área ocupada por famílias de médio e baixo rendimento, empregados do comércio. Nas suas avenidas houve a possibilidade de se estabelecer pequenos comércios.
- **Zona 8** devido a sua localização próximo a pista do Aeroporto atraiu famílias de alto poder aquisitivo. É interessante observar que essas famílias localizaram-se próximas a artéria principal, embora na época o aeroporto fosse muito movimentado. Hoje notamos pelas residências localizadas nas ruas e avenidas que ali residem famílias de médio poder aquisitivo

- **Zona Industrial (ZI-1 e ZI-2)** hoje a área está saturada e o poder público municipal criou o Distrito Industrial ao longo da rodovia que liga Maringá a Campo Mourão (PR - 317) e Maringá Umuarama (PR - 323), fundamentado em dados que envolvem parâmetros de avaliação da qualidade do meio-ambiente. Essas áreas são responsáveis pelo crescimento periférico, pois as indústrias ficam mais próximas aos eixos de circulação e as residências mais afastadas
- **Zona de Armazéns** no passado, ocupada por máquinas de beneficiamento, principalmente de café. No planejamento da cidade foram reservadas as áreas próximas ao Pátio da Estação Ferroviária.

Como é visto nas informações acima, o uso dos espaços dentro do quadro de Maringá eram todos antecipadamente definidos, para que mesmo com o crescimento da cidade a qualidade de vida de seus moradores fosse preservada. Outro ponto, que merece destaque refere-se à localização da linha férrea, uma vez que é sabido, que para as décadas de 1940 no norte do Paraná, a presença do trem significava progresso e desenvolvimento, e a cidade não havia se preparado para seu crescimento na direção norte, uma vez que isso significava transpor a linha férrea para dar acesso ao centro da cidade, conforme se verifica na figura 5, o ante-projeto que originou a cidade de Maringá, com a autoria de Jorge de Macedo Vieira, que não previu essas implicações tão recente à instalação da cidade.

*Figura 5: Ante-projeto da cidade de Maringá, de autoria de Jorge de Macedo Vieira, elaborado em meados da década de 1940*



Fonte: Museu da Bacia do Paraná.

Contudo, no decorrer da história de Maringá, observou-se durante os anos de 1964-73, houve uma expansão de seu perímetro urbano de aproximadamente 8,5 Km<sup>2</sup>. Isso gerou a necessidade da implantação de conjuntos habitacionais e a abertura de novos bairros residenciais em áreas mais afastadas do centro para atender a uma população com poder aquisitivo reduzido, oriunda, sobretudo do campo, devido em boa parte da redução das lavouras do café. (Costa 1991, p. 30). Segundo esse autor, surgiram nessa época oito conjuntos localizados na Vila Morangueira, e um na Vila Esperança, além do Jardim Alvorada.

Portanto, além do tempo de existência desses bairros da cidade, mas principalmente considerando o perfil da população ocupante dos mesmos inicialmente esses bairros da

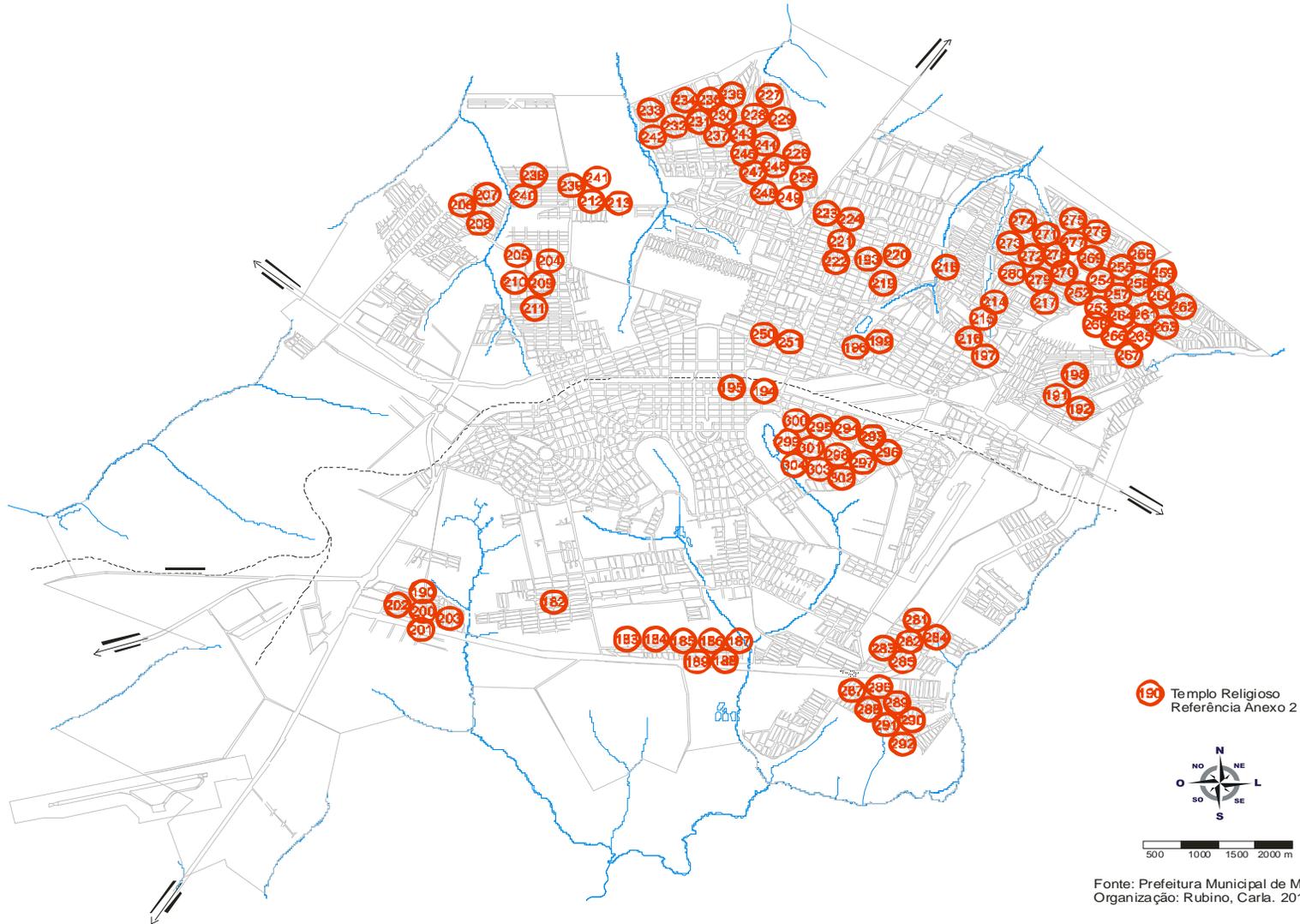
cidade relacionam-se a esta concentração de templos de diversas denominações religiosas.

Além das informações recolhidas junto à Prefeitura Municipal, realizou-se na segunda quinzena de setembro de 2009, um trabalho de campo para identificar os templos existentes na cidade de Maringá, realizando-se portanto, dois levantamentos: um com as informações da Prefeitura e outro em campo, que gerou as informações na qual foi confeccionado o mapa 2<sup>11</sup>.

---

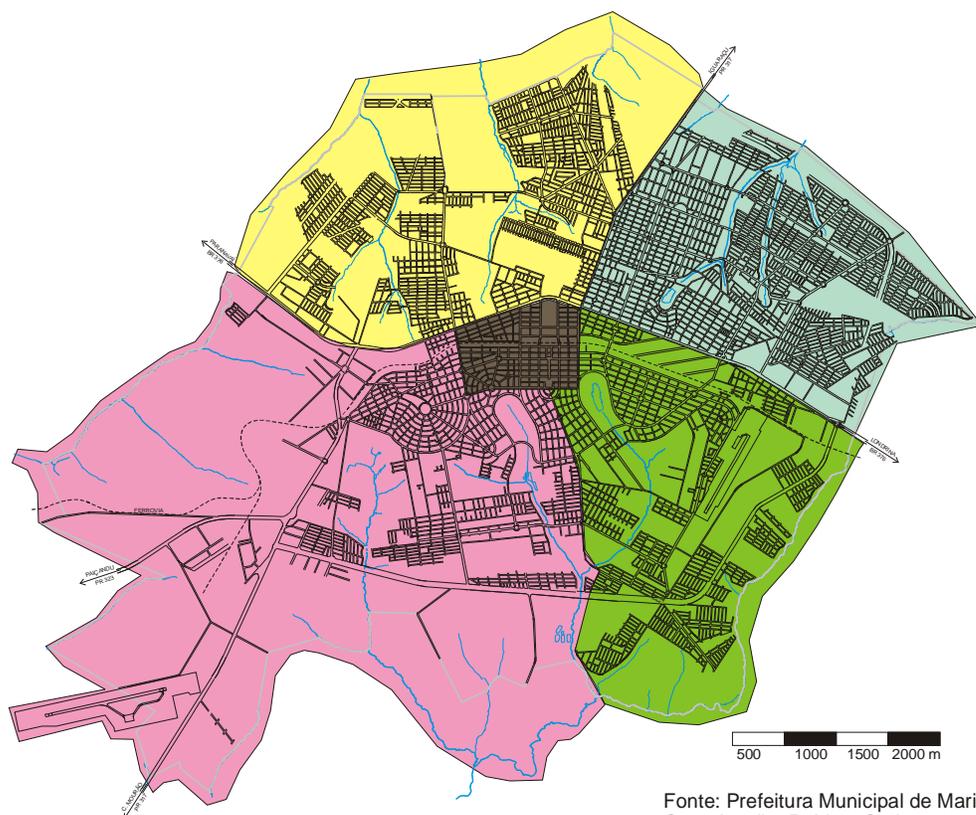
<sup>11</sup> A relação com a nomenclatura dos templos encontra-se no Anexo 2.

**Mapa 2: Localização dos Templos Religiosos identificados no Levantamento de Campo (set/2009-mar/2010)**



Para a coleta das informações que resultaram no mapa 2 foram percorridos 318 km dentro do perímetro urbano da cidade de Maringá, divididos em 5 dias de trabalho. Cada um dos dias buscou cobrir uma região da cidade, sendo que esta divida em cinco setores (nordeste, sudeste, noroeste, sudoeste e centro), como demonstrado no mapa 3. Tomando-se por referência as Avenidas Colombo, Cerro Azul e Morangueira para delimitar estes setores cujos levantamentos foram realizados em dias úteis e a área central em um final de semana devido ao seu intenso tráfego de veículos e pedestres.

**Mapa 3: Delimitação do Trabalho de campo (set/2009-mar/2010)**



Fonte: Prefeitura Municipal de Maringá, 2010  
Organização: Rubino, Carla. 2010

Nestes locais, tanto nos bairros como na zona central foram percorridas as ruas principais e comerciais, uma vez que a localização facilita o deslocamento dos membros aos locais de culto. Acrescida à relação oficial, o levantamento efetuado *in loco*, abrange uma quantidade considerável dos locais de culto e celebrações religiosas existentes na cidade de Maringá.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se que tanto a Religião como a Geografia fazem parte do cotidiano da vida das sociedades. A Religião, organiza, agrupa e relaciona as pessoas de mesmo credo. A Geografia compreende a distribuição dessas pessoas no espaço e e seus deslocamentos para novas áreas.

A contribuição dos pesquisadores como Zilles (1991), Laraia (2007) fornece informações ao perceber que a religião toca a raiz ontológica do homem, não se tratando de um fenômeno superficial, mas sim, implicando a pessoa como um todo, e esta, juntamente com outras, que compartilham dos mesmos conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pela pessoa, configura-a como membro de uma sociedade.

Então, pode-se afirmar, utilizando as indicações de Durkheim (1989) que a religião como uma prática coletiva, social, que aproxima os membros do grupo.

Essa prática social, quando analisada à luz dos conhecimentos geográficos, expostos por França (1972), Rosendahl (1999), Gil Filho (2008) revela uma nítida espacialidade e diferenciação de lugares e espaços, definidos por Eliade (1962), como espaços sagrados e espaços profanos. Essa diferenciação, no entanto, é percebida por aqueles, já iniciados nessas práticas religiosas.

Apoiando-se nas informações de Rolnik (2004) e compreende-se que o surgimento da cidade é concomitante com a divisão do poder e para Bourdieu (2007), ao considerar que o surgimento e desenvolvimento das cidades, culmina com uma divisão do trabalho

e o aparecimento do trabalho intelectual e do material, indicando que a cidade é o espaço propício para o surgimento e desenvolvimento das religiões.

Por fim, percebemos que o surgimento e a instalação das religiões na cidade de Maringá, ocorre concomitante à chegada de sua população. Essa, advinda de diversas partes do país e fora dele, traziam em sua bagagem, além do desejo de prosperar num espaço ainda por desbravar, sua religiosidade que praticavam em seus locais de origem, e ao chegarem por essa região, foram aos poucos se agrupando e organizando para a realização de suas práticas religiosas.

Assim, a distribuição dos templos religiosos existentes na cidade de Maringá, oferece aos fiéis, não somente a facilidade de reunirem-se para suas práticas religiosas próximo a sua residência, mas sentimento de que com o surgimento de um novo templo, implica ao grupo religioso a impressão de que este cresce e se consolida.

No encerramento desse estudo, não se deseja esgotar o assunto, mas sim abrir uma nova perspectiva para se olhar a cidade e suas relações com seus moradores.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIAZZI, Alberto. **Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?** São Paulo. Paulus, 2004
- ARQUIDIOCESE de Maringá. **22º Plano de ação evangelizadora.** Maringá: Clichetec, 2009.
- ARQUIDIOCESE de Maringá. **Os quarenta anos de história.** Maringá, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história.** 2ª ed. revisada. São Paulo: Ática, 2003.
- COSTA, A. G. da. **Os conjuntos habitacionais e a sua distribuição espacial para o processo de apropriação e de construção do espaço urbano maringaense.** Monografia de Especialização. UEM – Maringá, 1991.
- DAMIANI, Amélia. **População e Geografia.** São Paulo: Contexto, 2001.
- DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** São Paulo: Paulus, 1989.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ENDLICH, Angela Maria & MORO, Dalton Aureo. **Maringá e a Produção do Espaço Regional.** In. MORO, Dalton Aureo (org). **Maringá Espaço e Tempo: Ensaio de Geografia Urbana.** Maringá: Eduem, 2003.

FRANÇA, Maria Cecília. **Pequenos centros paulistas de função religiosa**. IGEOG-USP. São Paulo, 1975

FRESCA, Tânia Maria **A Rede Urbana do Norte do Paraná** Londrina: Eduel, 2004.

GAMA, E. N. **A evolução da urbanização e a qualidade ambiental na cidade de Maringá**. Monografia de especialização. UEM . Maringá, 1987.

GARUTTI, Selson. **O poder no anel na Diocese de Maringá**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2006.

GHIZZO, Márcio Roberto. **A mobilidade do consumo na cidade de Maringá-PR: O ensaio de uma noção**. Maringá. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Geografia – Universidade Estadual de Maringá. 2006

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: Ibplex, 2008.

GRUMAN, Marcelo. **O lugar da cidadania: Estado moderno, pluralismo religioso e representação política**. In: Revista de Estudos da Religião Nº 1 / 2005 / pp. 95-117

GRZEGORCZYK, Vanderlei. **Novo Centro de Maringá: estratégias de conflitos na produção do espaço urbano**. (Dissertação de Mestrado) Presidente Prudente: UNESP, 2000

<http://www.admaringa.com.br/igreja/historia> (acesso em 22.03.2010)

<http://www.casacivil.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=57>

<http://www.diocesedesantos.com.br> (acesso em 06.01.2010)

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias\\_demograficas/tendencias.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/tendencias.pdf) (acesso em 06.01.2010)

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia\\_demografica/analise\\_populacao/1940\\_2000/analise\\_populacao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/analise_populacao.pdf) (acesso em 06.01.2010)

<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62>

[http://www.rpctv.com.br/paranaense/video.phtml?ProgDia=4&Servic\\_ID=&Video\\_ID=38983](http://www.rpctv.com.br/paranaense/video.phtml?ProgDia=4&Servic_ID=&Video_ID=38983)

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 21<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LUZ, France (1999) **Maringá: a fase de implantação**. In.: DIAS, Reginaldo Benedito & GONÇALVEZ, José Henrique Rollo. org. (1999). **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: EDUEM.

LUZ, France. **Maringá: a fase de implantação**. In.: DIAS, Reginaldo Benedito & GONÇALVEZ, José Henrique Rollo. org. **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: EDUEM, 1999

LUZ, France. **O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá**. Maringá. Prefeitura Municipal, 1997

MARIN, Jérri Roberto. **História e historiografia da Romanização: reflexões provisórias**. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis: EDUFSC, n. 30, 2001.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica**. In: SOUZA, Beatriz Muniz & MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs). **Sociologia**

**da Religião e Mudança Social: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil.** São Paulo: Paulus, 2004

MORAES, Antonio Carlos Robert de. **Geografia: Pequena História Crítica.** 15ª edição, São Paulo: Hucitec, 1995

MORO, Dalton Áureo. **Desenvolvimento Econômico e Dinâmica Espacial da População no Paraná Contemporâneo.** Maringá, Boletim de Geografia: UEM, nº 1 v 1, Ano 16, 1998, p. 1-56.

MOTTA, Lucio Tadeu e NOELI, Francisco Silva. **A pré-história da região onde se encontra Maringá, Paraná.** In. .: DIAS, Reginaldo Benedito & GONÇALVEZ, José Henrique Rollo. org. (1999). **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional.** Maringá: EDUEM.

PADEN, William E. **Interpretando do Sagrado: Modos de conceber a religião.** São Paulo: Paulinas, 2001.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná.** São Paulo: Hucitec, 1981.

PEREIRA, Márcia Maria. **A Igreja Católica em Maringá e a gestão de D. Jaime Luiz Coelho (1947-1080).** Dissertação de Mestrado. Dourados-MS:UFGD, 2007.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Secularização e declínio do catolicismo.** In: SOUZA, Beatriz Muniz de & MARTINO, Luís Mauro Sá (org). **Sociologia da Religião e Mudança Social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil.** São Paulo: Paulus, 2004

ROBLES, Orivaldo, Pe. **A igreja que brotou da Mata – Os 50 anos da Diocese de Maringá.** Maringá-PR: Dental Press Editora, 2007.

ROCHA, Marcio Mendes. **A espacialidade das mobilidades humanas – um olhar para o Norte Central paranaense.** Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH - USP, São Paulo, 1998.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROSENDAHL, Zeny. **A geografia da Religião no Brasil: 1989-2009.** In: MENDONÇA, Francisco de Assis, et. al. (org.). **Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico.** Curitiba: Ademadan, 2009.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis e Procissões: o sagrado e o espaço,** 2009.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Zeny. **Uma proposta temática.** In: MENDONÇA, Francisco & KOZEL, Salete (org). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea.** Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

SANCHES, Antenor. **Maringá – sua história e sua gente.** Massoni: Maringá, 2002.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana.** Hucitec: São Paulo, 1989.

WILLEKE, Venâncio, Frei. **Missões Franciscanas no Brasil (1500-1975).** Petrópolis: Vozes, 1974.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião.** São Paulo: Paulus, 1991.

## ANEXOS

**Anexo 1 – Relação dos templos com alvará de localização fornecido pela Prefeitura Municipal de Maringá.**

SEQ.	RAZÃO SOCIAL	ENDEREÇO
1	ASSOC BRAS IGREJA JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS	R. SÃO PEDRO
2	ASSOC BRASIL SGI	R. IVAÍ
3	ASSOCIAÇÃO BÍBLICA E CULTURAL DE MARINGÁ	AV. NILDO RIBEIRO DA ROCHA,ARQUIT.
4	ASSOCIAÇÃO BÍBLICA E CULTURAL DE MARINGÁ	R. NEO ALVES MARTINS
5	ASSOCIAÇÃO BÍBLICA E CULTURAL DE MARINGÁ	R. RAUL SEIXAS,CANTOR
6	ASSOCIAÇÃO BÍBLICA E CULTURAL DE MARINGÁ	R. ALBA GUIMARÃES
7	ASSOCIAÇÃO BÍBLICA E CULTURAL DE MARINGÁ	AV. TORRES,DAS
8	ASSOCIAÇÃO BÍBLICA E CULTURAL DE MARINGÁ	R. SÃO CRISTOVÃO
9	ASSOCIAÇÃO BÍBLICA E CULTURAL DE MARINGÁ	R. PERÓIBE
10	ASSOCIAÇÃO BÍBLICA E CULTURAL MARINGAENSE	R. MARANHÃO
11	ASSOCIAÇÃO DA IGREJA METODISTA	R. NEO ALVES MARTINS
12	ASSOCIAÇÃO DA IGREJA METODISTA 6ª REGIÃO ECLESIASTICA	AV. NÓBREGA
13	ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA MARINGÁ NANBEI HONGANJI	R. NEO ALVES MARTINS
14	CASA DE ORAÇÃO SEMEADORES	R. PARDAL
15	CENTRO CULTURAL E SOCIAL SÃO FRANCISCO XAVIER	R. KIMURA,MONSENHOR
16	CENTRO ESPÍRITA CABOCLO SETE FLECHA	R. AMÁLIA CARZONI BALTAZAR,PION
17	CENTRO ESPÍRITA CAMINHEIROS	R. FLORIANO PEIXOTO,MAL.
18	CENTRO ESPÍRITA JESUS DE NAZARÉ	R. DAVID RABELLO DE OLIVEIRA,VER
19	CENTRO METODISTA DE ENSINO E TREINAMENTO	R. NEO ALVES MARTINS
20	COMUNHÃO CRISTA SHAMNAH	AV. MORANGUEIRA
21	COMUNIDADE CRISTA DE MARINGÁ	R. 08 DE SETEMBRO
22	COMUNIDADE DA GRAÇA EM LONDRINA	AV. NILDO RIBEIRO DA ROCHA,ARQUIT.
23	COMUNIDADE EVANGÉLICA APOSTÓLICA SARA NOSSA TERRA	AV. PEDRO TAQUES
24	COMUNIDADE EVANGÉLICA DE LIBERTAÇÃO	R. ITAPOÁ
25	COMUNIDADE EVANGÉLICA DE MARINGÁ	AV. ITORORÓ
26	COMUNIDADE EVANGÉLICA DE MARINGÁ	R. RIO GUAÍBA
27	COMUNIDADE EVANGÉLICA DE MARINGÁ	R. CHICAGO
28	COMUNIDADE EVANGÉLICA HEFZIBA	AV. FRANKLIN DELANO ROOSEVELT
29	COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA SÃO	AV. PEDRO TAQUES

	MARCOS	
30	COMUNIDADE EVANGÉLICA REI DAS NAÇÕES	AV. SOPHIA RASGULAEFF,DONA
31	COMUNIDADE INDEPENDENTE MINISTÉRIO UNIDADE	R. PITANGA
32	COMUNIDADE MISSÃO JESUS	AV. BRASIL
33	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. ARTHUR THOMAS
34	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. JOÃO DE MATOS ALBERTO
35	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. BOGOTÁ
36	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. ARISTIDES LOBO
37	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. PATU
38	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. RIO LIGEIRO
39	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. URUGUAI
40	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. GREGÓRIO MOREIRA
41	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. GILSON RICARDO GOMES DE CASTRO
42	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. PINTAGOL
43	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	MAJ. ABELARDO J. DA CRUZ
44	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. ANTONIO OCTAVIO SCRAMIN
45	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. RIO LIGEIRO
46	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. LETÍCIA DE PAULA MOLINARI, PROF.
47	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. JOSE DEMORI,PION.
48	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. OLIVAR FREITAS DE PAIVA,PION
49	CONGREGAÇÃO CRISTA NO BRASIL	R. JOSE DOS SANTOS,PION
50	CONVENÇÃO GERAL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS MISSIONÁRIAS SÓ O SENHOR É DEUS	AV. BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO
51	ESCOLA TEOLÓGICA PENSADOR CRISTÃO LTDA.	R. JOAQUIM NABUCO
52	IGREJA ADVENTISTA DA PROMESSA	AV. KAKOGAWA
53	IGREJA BATISTA DA GRAÇA	R. TIPUANAS,DAS
54	IGREJA BATISTA DO MINISTÉRIO RESTAURAÇÃO	AV. CARNEIRO LEÃO
55	IGREJA BATISTA JARDIM VITORIA	R. BAOBA
56	IGREJA BATISTA RENOVADA - MINISTÉRIO MISSÃO DA FE	AV. PALMEIRAS,DAS
57	IGREJA BATISTA SIÃO DE MARINGÁ	R. MANOEL DE MACEDO
58	IGREJA BATISTA VILA SETE	R. BERNARDINO DE CAMPOS
59	IGREJA BATISTA VILA SETE	R. BAOBA
60	IGREJA CRISTA PRESBITERIANA DO BRASIL	AV. GUAIAPO
61	IGREJA DE CRISTO EM MARINGÁ	R. PARAGUAI
62	IGREJA DE CRISTO JESUS	R. FRANCISCO GLICÉRIO
63	IGREJA DE CRISTO JESUS	AV. PEDRO TAQUES

64	IGREJA DE DEUS ( DO SÉTIMO DIA )	AV. SOPHIA RASGULAEFF,DONA
65	IGREJA DE MISSÕES MUNDIAIS DO BRASIL	R. GALÁXIA
66	IGREJA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO	R. SANTO ANTONIO
67	IGREJA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO REFORMADA	R. BOGOTÁ
68	IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR	R. LIBERO BADARÓ
69	IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR	R. ADEMIR FAVORETTO
70	IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR	R. CRAVOS,DOS
71	IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR	AV. PEDRO TAQUES
72	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. CARACAS
73	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. SAULO PORTO VIRMOND,DR.
74	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. CARACAS
75	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	AV. KAKOGAWA
76	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. RIO BARREIRO
77	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. VERÔNICA
78	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	AV. PAISSANDU
79	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. ANÍSIO FRANCISCO DA SILVA
80	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. GALÁXIA
81	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	AV. KAKOGAWA
82	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. PARANAGUÁ
83	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	AV. ANTONIO SANTIAGO GUALDA
84	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. MARRECO
85	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. IRINEU MENEGUETTI
86	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	ANEL V.PREF.SINCLER SAMBATTI
87	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. ANTONIO FREDERICO OZANAN
88	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. RIO BARREIRO
89	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS	R. GALÁXIA
90	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS DE MARINGÁ	R. FERNÃO DIAS
91	IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS DOS ÚLTIMOS DIAS	R. LONDRINA
92	IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO	R. ARISTIDES LOBO
93	IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO	R. JOSE CARLOS JOAQUINZO
94	IGREJA EVANGÉLICA AVIVAMENTO BÍBLICO	AV. PINTASSILGO
95	IGREJA EVANGÉLICA BATISTA BOAS NOVAS	R. NASSIB HADDAD
96	IGREJA EVANGÉLICA HOLINESS DE MARINGÁ	R. ANTONIO CARNIEL
97	IGREJA EVANGÉLICA HOLINESS DO BRASIL	R. ANTONIO CARNIEL
98	IGREJA EVANGÉLICA JAVÉ NESSI	AV. PEDRO TAQUES
99	IGREJA EVANGÉLICA MANANCIAL DE DEUS	AV. CARLOS CORREA BORGES
100	IGREJA EVANGÉLICA MISSIONÁRIA SÓ O SENHOR E DEUS	AV. BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO
101	IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL BRASIL PARA CRISTO	AV. LONDRINA
102	IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL CRISTO TE CHAMA	AV. PAISSANDU
103	IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL JESUS ETERNO	R. ALLAN KARDEC
104	IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL NOVA UNIÃO EM CRISTO	R. 28 DE JUNHO
105	IGREJA EVANGÉLICA UNÇÃO E VIDA	AV. MAUÁ
106	IGREJA EVANGELISTA HOLINESS DO BRASIL	R. ANTONIO CARNIEL
107	IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL	AV. ANCHIETA

108	IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL	R. ANÍSIO FRANCISCO DA SILVA
109	IGREJA METODISTA WESLEYANA	AV. SÃO DOMINGOS
110	IGREJA METODISTA WESLEYANA	AV. FRANKLIN DELANO ROOSEVELT
111	IGREJA MINISTÉRIO SHEKINAH	R. CARAMURU
112	IGREJA MISSIONÁRIA CENTRAL DE MARINGÁ	R. SANTOS DUMONT
113	IGREJA MISSIONÁRIA DO JARDIM ALVORADA	R. URUGUAI
114	IGREJA MISSIONÁRIA JERUSALÉM DE DEUS	AV. BRASIL
115	IGREJA MISSIONÁRIA PENTECOSTAL FILADÉLFIA	R. RIO TAPEROA
116	IGREJA MISSIONÁRIA UNIDA DO BRASIL	AV. HUMAITÁ
117	IGREJA MISSIONÁRIA UNIDA DO BRASIL	R. VIEIRA, PADRE
118	IGREJA MISSIONÁRIA UNIDA DO BRASIL	AV. HUMAITÁ
119	IGREJA MISSIONÁRIA VILA MORANGUEIRA	R. BOGOTÁ
120	IGREJA NIKEY DE EVANGELIZAÇÃO	AV. GUAIAPO
121	IGREJA NOVA ALIANÇA DE LONDRINA	AV. SÃO PAULO
122	IGREJA PENTECOSTAL ABA PAI	AV. PEDRO TAQUES
123	IGREJA PENTECOSTAL CRISTO VIVE	R. NEO ALVES MARTINS
124	IGREJA PENTECOSTAL EL SHADAY	AV. GASTÃO VIDIGAL, DR.
125	IGREJA PENTECOSTAL NIPO BRASILEIRO	R. RIBEIRÃO CLARO
126	IGREJA PENTECOSTAL PLENITUDE DE DEUS	AV. TUIUTI
127	IGREJA PENTECOSTAL UNÇÃO DIVINA DA PAZ	AV. VITAL BRASIL
128	IGREJA PENTECOSTAL VENCENDO COM JESUS	R. JOÃO CUSTODIO PEREIRA, PION
129	IGREJA PRESBITERIANA CONSERVADORA DE MARINGÁ	R. MANAUS
130	IGREJA PRESBITERIANA DA VILA OPERARIA	AV. PAISSANDU
131	IGREJA PRESBITERIANA DE MARINGÁ	AV. XV DE NOVEMBRO
132	IGREJA PRESBITERIANA DE MARINGÁ	AL. JOÃO PAULINO, DR.
133	IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA QUINTA IGREJA	R. CHILE
134	IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA SEGUNDA	AV. PEDRO TAQUES
135	IGREJA TENRIKYO DE MARINGÁ	R. ANTONIO AMARAL
136	IGREJA TENRIKYO NOVA MARINGÁ	R. JACÓ DO BANDOLIN
137	IGREJA TENRIYU RYUYO DO BRASIL DE MARINGÁ	R. RIO NEGRO
138	IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	AV. GETULIO VARGAS
139	INSTITUIÇÃO RELIGIOSA PERFCT LIBERTY	R. NEO ALVES MARTINS
140	MAHIKARI SOCIEDADE RELIGIOSA	R. FERNANDES VIEIRA
141	MARINGÁ HONGANDI	AV. PEDRO TAQUES
142	MISSÃO DE CRISTIANISMO DECIDIDO	R. DOMINGOS SALGUEIRO, PION.
143	MISSÃO EVANGÉLICA INDEPENDENTE DO BRASIL	R. SÃO JOÃO
144	MISSÃO EVANGÉLICA UNIDOS EM CRISTO	AV. PAISSANDU
145	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	AV. RIO BRANCO
146	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	PC. AMÉRICAS, DAS
147	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	R. MITSUZO TAGUCHI
148	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	PC. LUIZ MOREIRA DE CARVALHO, PREF.
149	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	AV. COLOMBO
150	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	R. CORYPHEU DE AZEVEDO MARQUES
151	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	R. EMA

152	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	ROD BR 376
153	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	R. JOSE FRITZEN,PION
154	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	AV. SÃO DOMINGOS
155	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	PC. VICENTE SIMINO
156	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	AV. CARLOS CORREA BORGES
157	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	PC. CAPELA,DA
158	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	R. RIO SERIDO
159	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	PC. BERNARDO CNUDDE,MONSENHOR
160	MITRA ARQUIDIOCESANA DE MARINGÁ	AV. HARRY PROCHET
161	PRIMEIRA IGREJA BATISTA BÍBLICA	AV. ANTONIO BORTOLOLOTTO,VER
162	PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE MARINGÁ	R. GURUCAIA
163	PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DE MARINGÁ	AV. TIRADENTES
164	PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DE MARINGÁ	AV. TIRADENTES
165	PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DE MARINGÁ	AV. TAMANDARÉ
166	PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DE MARINGÁ	R. SÃO CRISTOVÃO
167	PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DE MARINGÁ	AV. GUAIAPO
168	PRIMEIRA IGREJA RENOVADA EM CRISTO	AV. ALEXANDRE RASGULAEFF,DR.
169	QUARTA IGREJA BATISTA DE MARINGÁ	R. PANAMÁ
170	QUARTA IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DE MARINGÁ	R. CEREJEIRA
171	QUINTA CONGREGAÇÃO ESPIRITUAL DO SÉTIMO DIA	R. SÃO JOÃO
172	RELIGIÃO DE DEUS	PC. BERNARDO CNUDDE,MONSENHOR
173	SEGUNDA COMUNIDADE CRISTA DE MARINGÁ	AV. CERRO AZUL
174	SEI CHO NO IE DO BRASIL	R. DEODORO,MARECHAL
175	TEMPLO BUDISTA JODOSHU NIPPAKU	R. LONDRINA
176	TERCEIRA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DE MARINGÁ	R. CÓRDOBA
177	TERCEIRA IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DE MARINGÁ	AV. RIACHUELO
178	UNIÃO MISSIONÁRIA ADV. SET DIA MOV.	R. SÃO JOÃO
179	UNIÃO SUL BRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO 7 DIA	R. MATO GROSSO
180	UNIÃO SUL BRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO 7 DIA	R. CAVIÚNA
181	UNIÃO SUL BRASILEIRA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA	R. LOBELIA

**Anexo 2 – Relação dos templos religiosos identificados no trabalho de campo realizado entre set/2009 – mar/2010.**

<b>Seq.</b>	<b>Designação do Templo</b>	<b>Endereço</b>
182	4ª Igreja Presbiteriana de Maringá	Rua das Sibipirunas
183	Igreja Pentecostal Porta Formosa	Rua Universo
184	Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo	Rua Universo
185	Igreja Pentecostal Caminho da Paz	Rua Universo
186	Igreja Pentecostal Deus é Amor	Rua Universo
187	Igreja só o Senhor é Deus	Rua Universo
188	Igreja de Missões Mundiais do Brasil	Rua Nelson Movio
189	Igreja Adventista do 7º Dia	Rua Galáxia
190	Igreja Batista Renovada	Rua Mauricio Mariani
191	Igreja Pentecostal Nipo Brasileira	Av. dos Palmares
192	Igreja Presbiteriana do Brasil	Av. dos Palmares
193	Congregação Cristã no Brasil	Rua Uruguai
194	Igreja Batista Renovada	Av. Maua
195	Igreja Internacional da Graça de Deus	Rua Joubert de Carvalho
196	Igreja do Evangelho Quadrangular	Av. São Domingos
197	Igreja Fonte de Água Viva	Rua 28 de junho
198	Igreja Batista Memorial	Rua Dr José Chrisóstomo Capinan
199	Quarta Igreja Batista de Maringá	Rua Bogota
200	Assembléia de Deus	Rua Mauricio Mariani
201	Igreja só o Senhor é Deus	Rua Mauricio Mariani
202	Templo da Igreja de Deus	Rua José dos Santos
203	Deus é Amor	Rua José dos Santos
204	2ª Igreja Nikey de Evangelização	Alziro Zarur
205	Igreja Universal do Reino de Deus	Alziro Zarur
206	Igreja Pentecostal Ministério de Profecia	Rua Arara
207	Igreja Internacional Batista da Fé	Rua Pintassilgo
208	Igreja Adventista do 7º Dia	Rua João de Barro
209	Igreja Batista Renovada	Rua Itamar com Jarbas Rodrigues
210	Igreja Evangélica Projeto de Deus	Rua Jalbas com João

	Furlan
<b>211</b> Igreja do Evangelho Quadrangular	Rua Vereador Arlindo Planas
<b>212</b> Igreja do Evangelho Quadrangular	Av. Dr. Alexandre Rasgulaeff
<b>213</b> Igreja dos Santos dos Últimos Dias	Av. Dr. Alexandre Rasgulaeff
<b>214</b> Igreja do Evangelho Quadrangular	Av. Tuiuti
<b>215</b> Igreja Evangélica Avante com Cristo	Av. Tuiuti
<b>216</b> Igreja Presbiteriana Renovada	Av. Tuiuti
<b>217</b> 9ª Igreja Presbiteriana Renovada	Av. Sophia Rasgulaeff
<b>218</b> Igreja Ministério Anunciai	Rua Rio São Francisco
<b>219</b> Igreja Assembléia de Deus	Av. Lucilio de Held
<b>220</b> Igreja Presbiteriana Renovada	Av. Lucilio de Held
<b>221</b> Igreja Assembléia de Deus	Av. Pedro Taques
<b>222</b> Igreja Casa dos Milagres de Deus	Av. Pedro Taques
<b>223</b> Igreja Internacional Batista da Fé	Av. Sophia Rasgulaeff
<b>224</b> Igreja Missionária Deus é Fiel	Av. Sophia Rasgulaeff
<b>225</b> Centro Espírita Ismael	Rua Alan Kardec
<b>226</b> Cristã do Brasil	Rua Alan Kardec
<b>227</b> Casa Espírita Chico Xavier	Rua Peruíbe
<b>228</b> Igreja Missionária Nação Eleita	Av. das Grevilhas
<b>229</b> Igreja Adventista do 7º Dia	Av. das Grevilhas
<b>230</b> Igreja Evangélica Maranato	Av. das Palmeiras
<b>231</b> Igreja Batista Ebenezer	Av. das Palmeiras
<b>232</b> Igreja Internacional Batista da Fé	Av. das Palmeiras
<b>233</b> Igreja Evangélica Avivamento Bíblico	Av. São Judas Tadeu
<b>234</b> Igreja Assembléia de Deus	Av. das Palmeiras
<b>235</b> Igreja Cristã Comunidade Agape	Av. das Palmeiras
<b>236</b> Igreja Adventista do 7º Dia	Av. das Palmeiras
<b>237</b> Igreja Presbiteriana Independente	Av. das Palmeiras
<b>238</b> Igreja do Evangelho Quadrangular	Av. Mandacaru
<b>239</b> Igreja Batista Renovada	Rua João Pereira
<b>240</b> Igreja Assembléia de Deus	Rua João Pereira
<b>241</b> Igreja Presbiteriana Missionária	Av. das Torres
<b>242</b> Igreja Apostólica	Av. São Judas Tadeu
<b>243</b> Igreja Cristã do Brasil	Rua das Cerejeiras
<b>244</b> Igreja Missionária	Av. Kakogawa

<b>245</b>	Igreja Batista Renovada	Av. Kakogawa
<b>246</b>	Igreja Deus é Amor	Praça Megumu Tanaka
<b>247</b>	Igreja Internacional da Graça de Deus	Av. Kakogawa
<b>248</b>	Igreja Batista Ebenezer	Av. Kakogawa
<b>249</b>	Igreja Cristã Persbiteriana	Av. Kakogawa
<b>250</b>	Igreja Evangélico Esperança	Rua São João
<b>251</b>	Igreja Batista Renovada	Av. Guaiapó
<b>252</b>	Igreja Batista Ebenezer	Av. Guaiapó
<b>253</b>	Igreja Pentecostal Deus é Amor	Av. Guaiapó
<b>254</b>	Igreja Internacional Aliança com Cristo	Av. Guaiapó
<b>255</b>	Igreja Missão Cristã Elim	Contorno Norte
<b>256</b>	Igreja Assembléia de Deus	Av. Franklin D. Roosevelt
<b>257</b>	Igreja Só o Senhor é Deus	Av. Franklin D. Roosevelt
<b>258</b>	Igreja Evangélica Pentecostal “Labaredas de Fogo”	Av. Franklin D. Roosevelt
<b>259</b>	1ª Igreja Presbiteriana Renovada	Av. Franklin D. Roosevelt
<b>260</b>	Igreja Pentecostal Encontro com Deus	Av. Franklin D. Roosevelt
<b>261</b>	Igreja Adventista 7º Dia	Av. Franklin D. Roosevelt
<b>262</b>	Associação Nossa Senhora de Sião – Casa de Missão Sirlei Telles – Centro de Evangelização	Av. Franklin D. Roosevelt
<b>263</b>	Igreja Evangélica Assembléia de Deus Lírio dos Vales	Libertador San Martin
<b>264</b>	Igreja Missionária Maringá ao Encontro com Deus	Rua Erondino Pinhata
<b>265</b>	Igreja Adventista do 7º Dia	Rua Vereador Carlos A. Paulo
<b>266</b>	Congregação Cristã no Brasil	Rua Vereador Carlos A. Paulo
<b>267</b>	Casa de Oração Raio de Luz	Rua Elpídio Francisco Costa
<b>268</b>	8ª Igreja do Evangelho Quadrangular	Av. Franklin D. Roosevelt
<b>269</b>	Igreja Evangélica Missões Unidas na Fé	Av. Franklin D. Roosevelt
<b>270</b>	Igreja Missionária Deus é Fiel	Av. Franklin D. Roosevelt
<b>271</b>	Igreja Pentecostal Esse Mistério é Fogo	Av. Franklin D. Roosevelt
<b>272</b>	Igreja do Evangelho Quadrangular	Rua Rio Tocantins
<b>273</b>	Igreja Adventista Ministério do Avivamento Nacional	Rua Rio Taperoa
<b>274</b>	Tempo da Glória de Deus	Av. Tuiuti

<b>275</b>	Igreja Metodista	Av. Tuiuti
<b>276</b>	Igreja Missionária Missões Unidas na Fé	Av. Tuiuti
<b>277</b>	Centro Evangélico Marinhá	Av. Tuiuti
<b>278</b>	Igreja Batista Renovada	Av. Tuiuti
<b>279</b>	Igreja Pentecostal Emanuel Deus Conosco	Av. Tuiuti
<b>280</b>	Igreja Comunidade Batista Aliança Eterna	Rua José Raimundo de Oliveira
<b>281</b>	Igreja Batista Internacional Agnus Dei	Contorno Sul
<b>282</b>	Igreja Pentecostal Unidos com Deus	Rua Pioneiro Antonio Tait
<b>283</b>	Igreja Adventista do 7º Dia	Rua Euclides Gavioli
<b>284</b>	Igreja Presbiteriana Renovada	Rua Domingos Danhoni
<b>285</b>	Templo Presbiteriano Renovado	Rua José Faian
<b>286</b>	Igreja Adventista do 7º Dia	Av. Carmem Miranda
<b>287</b>	Igreja Pentecostal Palavra de Deus	Av. Carmem Miranda
<b>288</b>	Igreja do Evangelho Quadrangular	Av. Carmem Miranda
<b>289</b>	Igreja Batista Renovada	Av. Carmem Miranda
<b>290</b>	Igreja Evangélica Assembléia de Deus Varões da Guerra	Av. Carmem Miranda
<b>291</b>	Igreja Batista Cidade Alta	Av. Carmem Miranda
<b>292</b>	Igreja Cristã Maranota	Av. Carmem Miranda
<b>293</b>	Igreja Cristã do Brasil	Rua Santos Dumont
<b>294</b>	Igreja Presbiteriana Independente Jeová Raphá	Rua Santos Dumont
<b>295</b>	Igreja Cristã Maranata	Rua Neo Alves Martins
<b>296</b>	Igreja Pentecostal Deus Forte o Salvador	Rua São Cristóvão
<b>297</b>	Comunidade Apasentar	Av. Laguna
<b>298</b>	Comunidade Cristã Vence pela Fé	Av. Paisandu
<b>299</b>	Igreja Manancial de Maringá	Av. Paisandu
<b>300</b>	Igreja Pentecostal Mistério Santo de Jesus	Av. Riachuelo
<b>301</b>	Igreja Missionária Nação Eleita	Praça Regente Feijó
<b>302</b>	AMEM – Associação Espírita de Maringá	Av. Paisandu
<b>303</b>	Igreja Betesda	Av. Riachuelo
<b>304</b>	Igreja Pentecostal na Casa de meu Pai há muitas moradas	Av. Riachuelo

### **Anexo 3 – Roteiro para entrevista de campo**

1. Como foi a história de formação desta igreja em Maringá
2. Quantos membros possui atualmente
3. E templos? Qual o processo para o surgimento de um novo templo.
4. Os fiéis, buscam freqüentar o templo mais próximo às suas residências?
5. Qual o perfil do fiel freqüentador? (escolaridade, renda, trabalho...)
6. O que esses participantes buscam quando participam das atividades da igreja?
7. Esta igreja como instituição, realiza algum trabalho de assistência aos seus membros ou à sociedade em geral?
8. Quais meios utilizam para chegar aos fiéis? (campanhas, rádio, tv ... )